



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO, TURISMO E ARTES –CCTA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM JORNALISMO –PPJ**

JUDIVAN GOMES PROCÓPIO

**RELATÓRIO
O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DOS COLUNISTAS DE OPINIÃO
NO JORNALISMO PARAIBANO**

**JOÃO PESSOA
2016**

JUDIVAN GOMES PROCÓPIO

**O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DOS COLUNISTAS DE OPINIÃO
NO JORNALISMO PARAIBANO**

RELATÓRIO referente à produção do **LIVRO-REPORTAGEM** que representa o produto final do mestrado no Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Federal da Paraíba, com fins de obtenção do título de mestre, sob a orientação da Prof^aDr^a Joana Belarmino de Sousa.

JOÃO PESSOA
2016

P963p Procópio, Judivan Gomes.
O processo de construção dos colunistas de opinião no
jornalismo paraibano / Judivan Gomes Procópio.- João
Pessoa, 2016.
152f. : il.
Orientadora: Joana Belarmino de Sousa
Relatório Final (Mestrado) - UFPB/CCTA
1. Jornalismo. 2. Jornalismo político. 3. Colunas. 4. Método
de criação. 5. Crítica.

UFPB/BC

CDU: 070(047)

JUDIVAN GOMES PROCÓPIO

**O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DOS COLUNISTAS DE OPINIÃO
NO JORNALISMO PARAIBANO**

O Produto intitulado O Processo de construção dos colunistas de opinião no jornalismo paraibano, foi _____
_____ pela banca examinadora.

Data ----/----/-----

Nota-----

Prof^aDr^a Joana Belarmino de Sousa
Orientadora

Prof^aDr^a Sandra Regina Moura
Examinadora

Prof. Dr. Edônio Alves Nascimento
Examinador

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por ter sempre me coberto com o seu manto de ternura e de amor. Por ter me olhado e me agasalhado com a sua infinita misericórdia e ,além disso, me encher de ensinamentos no sentido de amar e respeitar o próximo para, dessa forma, ser uma pessoa melhor.

Meus agradecimentos a Donata Procópio da Silva, minha mãe, que sempre esteve do meu lado em todos os momentos. Ela não economizou nos esforços para poder me oportunizar todos os caminhos para que eu chegasse ao cume das minhas conquistas. Minha mãe não só me apresentou ao mundo. No seu amor incondicional, ela me protege e me alimenta de sonhos mostrando que devo seguir em frente.

A meu pai Josino Gomes da Silva (in memoriam), que mesmo com quase nada de estudo soube valorizar a educação me dando as condições para estudar. Na sua simplicidade, ele sabia que a educação é um dos principais caminhos que nos levam a redenção. Mesmo com suas mãos calejadas por conta da sua atividade laborativa de homem do campo, era dono do melhor afago que já conheci.

A meus irmãos a quem tenho verdadeiro apreço e admiração. Aliás, com eles, vivi difíceis e bons momentos. E com a graça de Deus ainda iremos, juntos, compartilhar muitas conquistas. Agradecer, também, a meus cunhados e cunhada, sobrinhos e familiares de um modo geral por acreditarem em mim e na minha vitória.

Aos amigos de trabalho e de profissão que sempre trouxeram uma palavra de apoio e de incentivo. Aos meus amigos Ana Luiza Alencar, Fabiana Farias, Patrícia Karla Vieira Oliveira, Elisabete Beserra Sousa, Arcília Gomes, Faely Silva, Débora Neves, Erimar Pereira, Maria Elizete Almeida, Tony Show, Cícera Santos, Francisco de Assis Borges, John Anderson, Wellington Souza, Joseilton Galvão, Wilton Kleyton, Jailson Lopes, Roberto Targino, Anderson Soares, Isa Brandão, e Fabiana Guimarães Chaves.

Agradecer aos amigos da Universidade Federal da Paraíba (UFPB)-Mestrado Profissional. Abro aqui, um parêntese para agradecer a minha amiga Larissa Pereira por ter me formulado o convite e me incentivado para me submeter ao mestrado.

Agradecer ainda aos sete colonistas que se desprenderam e se dedicaram na colaboração de modo a concretizar a realização dessa pesquisa.

Aos professores do Mestrado pela paciência e ensinamentos. Aos professores Sandra Regina Moura e Edônio Alves Nascimento por terem aceitado fazer parte desse momento especial da minha vida. E, claro, agradecer a minha orientadora Joana Belarmino de Sousa pela capacidade de me ouvir e também pelos ensinamentos que me conduziram e vão me conduzir ainda mais rumo ao conhecimento.

A minha eterna gratidão a todos que, aqui, foram citados e outros mais que foram omitidos. Afirmo que cada um de vocês deram uma contribuição importante nessa nossa conquista. Portanto, meu muito obrigado!!!

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo central a produção de um livro-reportagem. E tem como proposta realizar um estudo sobre o processo de construção de sete colunistas políticos do jornalismo paraibano. Apresenta como objetivos verificar e comparar os documentos de processo utilizados pelos jornalistas nas suas colunas; Além disso, analisar como se dá a relação com as fontes e, ainda, investigar de que forma cada um dos jornalistas narra extratos da política paraibana e, por último, averiguar como eles lidam com os conflitos internos e externos. O estudo está apoiado nos procedimentos metodológicos da investigação do processo criativo da crítica genética e, utilizando o instrumento de coleta de dados, ou seja, através do método da Entrevista em Profundidade.

Palavras-chave: Jornalismo político. Colunas. Método de criação. Crítica.

ABSTRACT

This work has as main objective the production of a book-report. And it has as proposal to carry out a study on the process of construction of seven political columnists of the journalism paraibano. It aims to verify and compare the process documents used by journalists in their columns; In addition, to analyze how the relationship with the sources occurs, and also to investigate how each journalist narrates extracts from the politics of the state of Paraíba and, finally, to investigate how they deal with internal and external conflicts. Methodological procedures of the investigation of the creative process of genetic criticism and, using the instrument of data collection, that is, through the method of Interview in Depth.

Keywords: Political journalism. Columns. Creation method. Critical

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	8
1.1	JUSTIFICATIVA.....	10
1.1.1	Critério da escolha.....	12
1.2	OBETIVOS.....	13
1.2.1	Geral.....	13
1.2.2	Específicos.....	13
2	FUNDAMENTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS.....	15
2.1	A CRÍTICA GENÉTICA E OS DOCUMENTOS DE PROCESSO.....	15
2.1.1	O que é crítica genética?.....	15
2.1.2	A origem.....	16
2.1.3	A crítica genética no Brasil.....	18
2.2	DOCUMENTOS DE PROCESSO.....	19
2.2.1	A crítica genética no jornalismo brasileiro.....	21
2.2.2	A crítica genética e o jornalismo político.....	25
2.3.	O LIVRO-REPORTAGEM E O LIVRO-ENTREVI STA.....	27
2.3.1	Livro-reportagem	27
2.3.2	Livro-entrevista.....	30
2.4	METODOLOGIA PARA O LIVRO-REPORTAGEM.....	32
2.4.1	Procedimentos metodológicos.....	32
3	COLONISMO POLÍTICO.....	35
3.1	BREVE PANORAMA NO BRASIL E NA PARAÍBA.....	35
3.1.1	O colunismo político no Brasil.....	35
3.1.2	O colunismo político na Paraíba.....	38
3.2	O LUGAR DA COLUNA NOS ESTUDOS DE GÊNEROS.....	39
3.3	O VELHO E O NOVO COLONISMO.....	42
3.4	AS REDES SOCIAIS.....	43
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS	45
	REFERÊNCIAS.....	51
	O PRODUTO.....	55
	APRESENTAÇÃO.....	55
	COLONISMO DE OPINIÃO NA PARAÍBA: ABRINDO O DEBATE.....	59
	O colunismo Político.....	59
	O espaço da Coluna e o processo de construção.....	60
	As fontes.....	62
	Os colunistas e as tecnologias.....	64
	As pressões e conflitos.....	66
	AS ENTREVISTAS.....	68
	Heron Cid.....	68
	Laerte Cerqueira.....	84
	Rubens Nóbrega.....	95
	Walter Santos.....	107
	Nonato Guedes.....	118
	Lena Guimarães.....	131
	João Manoel de Carvalho.....	143

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho visa a produção de um livro-reportagem sobre o processo de construção de sete colunistas políticos do jornalismo paraibano. Trata-se de jornalistas com raízes bem fincadas como colunistas políticos no estado da Paraíba. Por isso, nasceu o desejo de conhecer o processo ou o método de produção desses profissionais. Estamos produzindo um livro-reportagem e ao mesmo tempo criando uma tipologia, classificando nosso produto como livro-entrevista.

Pretendemos aqui, fazer um mergulho nos bastidores do processo de construção de cada um dos jornalistas através da aplicação de entrevistas. Estes profissionais têm servido de referencial na imprensa paraibana. Imprimiram e imprimem padrões ao colunismo político na nossa imprensa.

Na condição de observadores dos Poderes Públicos, esses jornalistas acolhem o material envolvendo as esferas dos poderes (executivo, legislativo e judiciário), e trabalham na construção discursiva no dia a dia do nosso jornalismo. Além disso, outro fator que nos motivou a tratar deste presente estudo está relacionado ao fato de existirem poucos trabalhos de pesquisa sobre o processo criativo na área da comunicação. E é exatamente para isso que a estudiosa Cecília Salles (1998, p. 14) chama a atenção ao explicitar que já é tempo de “passar a preocupar-se com o processo de criação em outros campos”.

Nesse sentido, consideramos ser, por demais pertinente, colocarmos um olhar sobre o que vem sendo produzido pelos veículos de comunicação do estado e, em especial, no campo do jornalismo político.

Baseados nos apontamentos feitos por Cecília Salles será abordada a tendência comunicativa que é inerente ao processo de construção da coluna. Serão verificados os registros relacionados aos processos de construção dos sete colunistas.

É sempre importante esclarecer que o termo “manuscrito”, objeto de estudo do crítico genético, foi ampliado para “documentos de processos de criação”, por Cecília Salles. Os documentos de processos são instrumentos que o crítico genético estuda para compreender o processo de criação, que vai sendo preparado durante seu percurso.

São registros materiais que revelam as marcas deixadas pelos criadores, independentemente de sua materialidade e, ainda, apresentam os vestígios que os mesmos deixam para testemunhar seu processo de criação.

Sobretudo, porque verdadeiras batalhas são travadas entre empresas e profissionais em busca de ocupação pelos maiores e melhores espaços para a propagação do conteúdo noticioso da política estadual.

Assim sendo, consideramos importante analisar a produção desses profissionais para a academia, o mercado e, porque não dizer, para a sociedade paraibana para que todos conheçam o trabalho dessas pessoas que costumeiramente estão levando os bastidores da nossa política aos mais variados matizes do nosso Estado.

Sem contar que a política é uma ciência que está conectada a vida de cada um de nós. Mesmo que indiretamente. Que se goste ou não se goste, a política faz parte da nossa rotina. Ela repercute de maneira veemente ao ponto de gerar profundas mudanças no cotidiano de cada cidadão e de cada cidadã.

Aqui na Paraíba, não é difícil encontrar pessoas que se reúnem com o propósito de discutir, com exclusividade, a política partidária. São verdadeiros fóruns de debates que se formam por todos os cantos e recantos. Da maior a menor cidade, sempre tem alguém disposto a levantar a bandeira do debate.

Na Paraíba, há uma tendência para a antecipação dos fatos e tudo indica que os temas relacionados à política partidária vêm acompanhando. Logo cedo, jornal, rádios e portais trazem, a público, um panorama da política estadual. Como se estivessem a convidar cada morador a despertar para um dia de debate sobre o tema. Esse fato enxergamos que proporciona uma instigante e urgente necessidade de procurar saber como se processa o fazer jornalístico voltado para esse segmento.

Entendemos ser salutar acompanhar o passo a passo de parte da produção do material político que a imprensa paraibana oferece ao público diariamente. Ignorar algo nesse sentido pode ser considerado, no mínimo, como um grande equívoco.

Não é difícil observar que os profissionais de imprensa, inclusive, os que atuam na área do jornalismo político, desempenham uma função de extrema necessidade e relevância na sociedade de uma forma geral por conta de levar ao conhecimento das pessoas os bastidores envolvendo a política paraibana. Por isso,

se faz oportuno para todos nós investigarmos esse universo que tanto tem a ver como nosso cotidiano e, porque não dizer, com a nossa vida.

O propósito é exatamente publicizar e oportunizar ao público como se produz o material que chega até ele numa velocidade cada vez mais impressionante por conta da introdução das novas tecnologias.

1.1 JUSTIFICATIVA

Com o propósito de entender as contribuições e as influências do jornalismo político paraibano sobre as temáticas levadas ao público, este trabalho propõe a analisar o processo de construção dos colunistas políticos Heron Cid, Rubens Nóbrega, Laerte Cerqueira, Lena Guimarães, Walter Santos, Nonato Guedes e João Manoel de Carvalho.

Evidenciando as particularidades e as similaridades existentes na forma que cada um desses profissionais aplica no seu processo de produção jornalístico para a provocação dos debates no seio da sociedade.

Desta forma, busca-se mostrar como esse espaço comunicacional vem trabalhando para ajudar na promoção de compreender, por parte dos cidadãos, como se processa o dia a dia do fazer político dos principais agentes que formam as células da política em solo paraibano, e assim, levando as informações dos bastidores da política estadual aos espectadores contribuindo para o melhoramento do fluxo comunicativo.

Com tudo que já foi exposto, gerou-se certa inquietação no sentido de procurar compreender como é que tudo isso se processa na prática.

Diante da relevância da temática, tornou-se imperativo saber como cada agente responsável pela cobertura da política leva isso para os seus espaços em forma de notícias e alimenta de informações um público desejoso de saber o que ocorre nos meandros dos poderes. Enfim, como se dá o processo de produção dos colunistas de opinião no jornalismo paraibano.

Desde o seu descobrimento, o Brasil viveu uma história de exploração de grande extensão que passou por um processo doloroso até a sua libertação da Coroa Portuguesa. Nesse período, o país passou por momentos de muitas tensões e amarguras, de intensas censuras e de grande instabilidade na conjuntura política.

A imprensa do nosso país, como nos mostra a história, tem o seu viés político desde o seu nascedouro, no ano de 1808, pelo jornalista Hipólito José da Costa, fundador do Correio Brasiliense, na Inglaterra. De lá para cá, a imprensa brasileira tem assumido uma função efetivamente de poder paralelo, constituindo-se em um instrumento de fiscalização dos poderes legislativo, judiciário e executivo.

Na contemporaneidade, o jornalismo precisa e deve atuar de forma mais plural possível para que se possa ampliar o foco da realidade social a partir de um jornalismo de compreensão e, portanto, humanizado. O panorama que se apresenta, hoje, tem chamado a atenção de todos no sentido de provocar uma discussão e uma reflexão com mais profundidade a respeito do papel que possuía a imprensa e órgãos de comunicação na construção da verdadeira cidadania.

O jornalismo só faz sentido se for imbuído do caráter de potencializar o bem comum das pessoas. Bucci (2000) ressalta que:

“o jornalista não é escritor ou um artista entregue às suas idiosincrasias personalíssimas, não é uma “alma livre” flando na literatura sem nenhuma baliza que o enquadre. O jornalista é um trabalhador intelectual a serviço da democracia e do direito à informação”.

Quando se falar em informação devemos sempre lembrar que, obrigatoriamente, deve ser a mais precisa que se puder. A boa informação é capaz de gerar perspectivas de uma vida bem melhor em que as pessoas se posicionam como sujeito e como agentes potencialmente capacitadas de estabelecerem transformações reais da sua própria realidade.

Os jornais impressos e os demais meios de comunicação têm reservado espaços generosos e nobres para o tratamento de questões de natureza pública e, também, política. Na atualidade, é possível perceber que a sociedade é desejosa de informação, mas quer mais que isso. Ela exige que o acontecimento receba um olhar analítico e, também, interpretativo de maneira que permita abrir canais de colaboração efetiva para um entendimento mais amplo do que ocorre e que seja relevante para toda a coletividade.

Assim sendo, o colunismo político entra em cena para levar ao seu espectador o que se encontra em meio aos porões instalados em cada um dos poderes. Trata-se, na verdade, de um mecanismo que procura rasgar todos os véus

que tentam guardar preciosos temas que, por hora, estão meio que adormecidos nos bastidores e longe do alcance e da apreciação da sociedade.

Mas também, é preciso compreender que existem colunas com viés que em vez de levar a luz para as pessoas ao esmiuçar os bastidores do poder, fazem exatamente o contrário, ou seja, colocam mais sombras naquilo que já é pura névoa para a grande parte da população que anseia por mais transparência e mais compreensão dos fatos.

Tudo isso que envolve o colunismo político chama a atenção. Muito mais ainda quando o estudioso Melo (2002, p. 25) diz que as colunas “são, portanto, um espaço político por excelência, embora pouco estudadas até agora”.

Diante de todo esse panorama, é que pretendemos dar nossa contribuição no estudo desse espaço do jornalismo opinativo, especificamente às colunas, observando com atenção o fazer jornalístico dos profissionais supracitados por conta de já virem acompanhando os principais fatos da área desde bastante tempo, e abrindo espaço para debater as questões que dizem respeito à coletividade.

Foi, então, que encontramos nesses artífices da informação espaços na nossa imprensa, por eles assinados, e que vêm chamando a atenção do espectador paraibano em razão dos seus perfis de trazerem o inusitado, um olhar com mais crítica e até um discurso mais ácido. Isso fez com que nos estimulasse para a perspectiva de se configurar no objeto central do nosso produto de conclusão do mestrado. Com base nisso, decidimos, então, realizar um estudo a respeito de como cada um faz para levar ao consumidor da notícia tudo sobre as novidades do cotidiano da política que permeia o nosso estado.

1.1.1 Critério da escolha

Por que João Manoel de Carvalho?

Trata-se do colunista político em atividade há mais tempo na Paraíba.

Por que Rubens Nóbrega, Walter Santos e Nonato Guedes?

Por estarem em condição intermediária entre aquele com mais tempo de exercício na profissão e os que estão no colunismo político há menos tempo.

Por que Lena Guimarães?

Além de se encontrar nesse campo intermediário, trata-se de um olhar feminino na retratação da realidade dos bastidores da nossa política.

Por que Heron Cid e Laerte Cerqueira?

Estão entre os mais jovens colunistas de opinião no Jornalismo político estadual.

1.2 OBJETIVOS

1.2.1 Geral

O objetivo geral desse trabalho é realizar um estudo sobre o processo de construção de sete colunistas políticos do jornalismo paraibano através da produção de um livro-reportagem.

1.2.2 Específicos

Verificar e comparar os documentos de processo utilizados pelos jornalistas nas suas colunas; analisar como se dá a relação com as fontes; investigar de que forma cada um dos jornalistas narra extratos da política paraibana; averiguar como eles lidam com os conflitos internos e externos.

Uma vez definidas as metas do trabalho, o estudo foi dividido em duas partes. Na primeira, trata-se do relatório em que constam a introdução, a fundamentação teórica e metodológica em que fizemos uma revisão (discussão) teórico-conceitual, e um breve apanhado histórico sobre o colunismo político (breve panorama no Brasil e na Paraíba). E, por último, teremos as considerações finais e as referências. Na segunda, referente ao produto (livro-reportagem) segue uma matéria de abertura, uma reportagem analítica a respeito do processo de construção dos entrevistados e, em seguida, as entrevistas realizadas com os sete colunistas do jornalismo político paraibano.

Na Paraíba, não existe nenhum trabalho de pesquisa a respeito do método de produção do colunismo político, ou seja, ninguém colocou o olhar sobre esse campo no sentido de disseminar como é que se constrói, no dia a dia, esse produto que é levado para a apreciação do público. Pelo menos dentro dessa concepção em que nós propusemos estudar.

Até o momento não houve essa preocupação ou até mesmo interesse em procurar compreender como é que se faz para que essas informações, mais de bastidores, cheguem aos mais diversos setores da nossa sociedade.

2 FUNDAMENTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS

2.1 A CRÍTICA GENÉTICA E OS DOCUMENTOS DE PROCESSO

2.1.1 O que é crítica genética?

Afinal de contas o que vem a ser crítica genética? Para que possamos dar início a uma discussão teórica a respeito desse ramo da ciência, decidimos trazer a contribuição da professora Salles (1998, p. 12), para quem a crítica genética é uma investigação que vê a obra de arte a partir de sua construção. A pesquisadora explica que “acompanhando seu planejamento, execução e crescimento, o crítico genético preocupa-se com a melhor compreensão do processo de criação”.

A partir do exposto, percebe-se de maneira bastante clara que se trata de um verdadeiro mergulho em torno do processo criativo de um determinado produto para se obter um melhor entendimento a seu respeito. É um olhar que se debruça com o interesse de desvendar como se materializou todo o percurso desenvolvido até a sua fabricação.

“A crítica genética utiliza-se do percurso da criação para demonstrá-lo e, em seguida, colocá-lo em ação novamente” (SALLES, 1998, p. 13). De acordo com Salles (1998, p.13), o poder de descoberta de cada teoria e a habilidade interpretativa de cada pesquisador oferece a possibilidade de nos aproximarmos mais do percurso criativo:

O geneticista ainda tem muito a fazer por essa ciência que acaba de nascer, mas algo o instiga a continuar. Ele tem certeza, penso assim como Morin, de que a magia da criação não tem essência – é uma verdade estéril ao limitar-se simplesmente a observá-la como ilusão. É vital investigar os processos que dão corpo a essa ilusão e, assim, encontrar a essência da magia (SALLES, 1998, p. 107).

A estudiosa estabelece que “o interesse da crítica genética está voltado para o processo criativo artístico. Trata-se de uma investigação que indaga a obra de arte a partir de sua fabricação, a partir de sua gênese. Como é criada uma obra? Esta é sua grande questão” (SALLES, 1998, p. 17).

No nosso caso específico, o que se propõe é saber como é que são construídas algumas das principais colunas do jornalismo político do estado.

Ela diz que o crítico genético entrega-se ao acompanhamento de percursos criativos, sempre em busca de uma aproximação maior do processo criativo.

É exatamente imbuído deste propósito que fizemos a opção de analisar os passos que são utilizados pelos nossos colunistas até colocar o seu produto a disposição do público. É a rotina produtiva desses profissionais sendo acompanhada e, ao mesmo tempo, desnudada para que possamos melhor compreender como tudo se torna realidade.

Para a escritora, o interesse dos estudos genéticos é o movimento criativo: o ir e vir das mãos do criador. Ultrapassando os limites da obra entregue ao público. A arte é observada sob o prisma do gesto e do trabalho. Na verdade, o crítico passa a conviver com o ambiente do fazer artístico, cuja natureza o artista sempre conheceu.

Pois bem, ancorado nesse preceito o movimento do fazer jornalístico dos bastidores do segmento político estadual receberá toda a atenção no sentido de se observar, apoiado nos ensinamentos da crítica genética, o desenrolar de cada etapa do processo de construção, não do artista (como sabemos a crítica genética foi aplicada no seu início nas áreas da literatura e das artes), mas de cada um dos jornalistas em estudo que se revestem de todo o seu cabedal informativo para fazer chegar ao espectador. E muito mais que isso, abrindo horizontes para a construção de um espaço crítico que possa promover a realização de um debate relevante.

Salles (1998) aponta que a crítica genética trabalha com a dialética entre os limites materiais dos documentos e a ausência de limites do processo, conexões entre aquilo que é registrado e tudo que acontece, porém não é documentado. Entrevistas, depoimentos e ensaios reflexivos são documentos públicos que oferecem, também, dados importantes para os estudiosos; têm, no entanto, um caráter retrospectivo que os coloca fora do momento da criação, ou seja, não acompanham o momento da produção das obras.

2.1.2 A origem

A crítica genética tem seu nascedouro na década de 60, e tem como berço a França, mais precisamente em 1968. O seu grande mentor foi Louis Hay, em virtude de o mesmo ter tomado a iniciativa de estimular o Centre National de La

Recherche Scientifique, em Paris, a constituir uma equipe de pesquisadores de origem alemã e que tinham como incumbência organizar alguns manuscritos na área da literatura.

O grupo de estudiosos recebeu de imediato a grande missão de organizar os trabalhos do renomado poeta de origem alemã Heinrich Heine, que, na época, chegaram à Biblioteca Nacional. Os relatos contam que a ausência de uma metodologia para trabalhar com os documentos autógrafos, fez com que os pesquisadores dos manuscritos de Heine, passassem por algumas dificuldades.

A boa notícia é que com o passar do tempo, e em parceria com os pesquisadores dos acervos dos escritores franceses Flaubert, Zola, Proust e Sartre, foi elaborado um projeto cujo cuidado ficou sob o comando de Louis Hay, em 1982, para a criação de um laboratório, o Institut de Textes e Manuscrits Modernes (ITEM).

O responsável pela fundação da crítica genética conta que ela começou a dar os seus primeiros passos de desenvolvimento no início da década de 70. Segundo ele, exatamente, nesse período, estava acontecendo um considerável volume de debates em torno das questões que estavam relacionadas ao texto e, também, a sua gênese, produção textual e sujeito da escritura.

Hay explica que dentro dessa contextualização a crítica genética direcionou todo o seu foco nos estudos do manuscrito autógrafo, ou seja, manuscrito composto pela mão do próprio autor, de modo a permitir a reconstituição da gênese dos escritos.

De acordo com Louis Hay, o abalo produzido pela crítica genética ainda não cessou de produzir seus efeitos. Será, seguramente, um desafio para a pesquisa ao longo dos próximos anos.

É importante registrar que Salles (1998) fala que a crítica genética conhecia o fazer da construção literária. O crítico fica, agora, exposto a alquimia do fazer de todas as artes, em uma profícua troca de informações. Entra-se assim, no universo da criação além dos limites da palavra.

O bom de tudo isso, é que na sua avaliação, não há perdas e, sim, muitos ganhos com a diversidade. Para ela, o crítico genético passa a lidar com o diálogo entre as linguagens e a interdependência dos diversos códigos.

Na opinião de Grésillon (2007, p. 19), o nascimento da crítica genética foi um acontecimento que ganhou um novo lugar no campo da pesquisa em literatura

na França, na década de 1970. Ele conta que esse movimento se colocou contrário à fixidez do estruturalismo, apesar de ter recebido deste toda uma herança com relação aos métodos de análises e as reflexões a respeito da textualidade.

Já Willemart (2001, p.173), tem outra versão. Ele garante que a crítica genética despontou, primeiramente, na Alemanha com Novalis, Goethe e Schlegel. Essas divergências de opiniões desses escritores da modernidade em torno da origem textual tiveram um relevo muito grande em virtude de terem aberto caminhos para o surgimento de novos ambientes na área literária nas universidades.

Faz-se muito oportuno ressaltar para que todas as dúvidas sejam dirimidas que os franceses, liderados por Hay, no entanto, mostraram que a crítica genética não rompeu com a erudição do discurso filológico cujos representantes são: Goethe; Schille e Schlegel.

Willemart acrescenta ainda que os escritores brasileiros também tinham vontade de entrar no “ateliê da escritura”, assim como os Românticos alemães. As cartas dos escritores preservadas, preservadas, são documentos que mostram tal desejo. No entanto, eles próprios não costumavam guardar seus manuscritos.

Desta forma, desenhar o quadro do surgimento da crítica genética, tal como foi na França, é apontar os primeiros passos do trabalho com o manuscrito.

2.1.3 A crítica genética no Brasil

Foi o próprio Willemart o responsável pela introdução da crítica genética em terras brasileiras, no ano de 1985, durante a realização do I Colóquio de Crítica Textual: o Manuscrito Moderno e as Edições, na Universidade de São Paulo (USP). Este projeto idealizado pelo pesquisador.

Além disso, foi, também, durante esse evento, que foi fundada a Associação de Pesquisadores do Manuscrito Literário (APML). Entidade responsável pela publicação da revista *Manuscrita*, desde 1990, destinada à divulgação dos estudos em crítica genética.

Esse período foi de intensa movimentação. Tanto é, que logo em seguida, ele fundou, junto com outros professores, na USP, o Laboratório do Manuscrito Literário e o Núcleo de Apoio à Pesquisa em Crítica Genética (NAPCG).

O contato de Willemart com a crítica genética aconteceu no ano de 1982 durante a realização do seu Pós-Doutorado, na França. Foi nesse momento, em que o seu orientador lhe ofereceu os manuscritos de Gustave Flaubert. Para o geneticista, o crescimento da pesquisa em crítica genética no Brasil tem sido acentuado.

No Brasil, são muitos os pesquisadores dessa ciência e que estão espalhados por vários centros de pesquisas com destaque para: o da Universidade de São Paulo; o da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, o da Universidade Federal do Espírito Santo, o da Universidade Federal de Minas Gerais, o da Universidade Federal da Paraíba, o da Universidade Federal da Bahia, o da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e o da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, sem esquecer a Fundação Casa Rui Barbosa, no Rio de Janeiro.

A crítica genética, na concepção de Salles, não é a única disciplina a estudar os manuscritos, mas também a filologia (ciência que tem como objetivo estudar uma língua através de textos escritos) e a edótica (A edótica que tem por objetivo a apuração do texto literário genuíno, é uma disciplina técnica da maior importância para a investigação filológica e para a crítica literária). No entanto, é com aquela que são estabelecidas as relações entre as disciplinas afins, a edição crítica e a edição genética, procurando elucidar, à luz de uma teoria, os “manuscritos modernos”.

Para compreender a crítica genética, Salles (1998) diz que, é necessário saber sobre a sua história e, além disso, definir seu conceito. Desta forma, crítica genética, na sua visão, é uma ciência nova que “[...] veio com um forte desejo de penetrar na razão do processo criativo e encontra-se, certamente, em pleno estado de metabolismo e crescimento”.

2.2 DOCUMENTOS DE PROCESSO

Salles (2007, p.37) aponta que “os documentos de processo, muitas vezes, preservam marcas da revelação do ambiente que envolve os processos criativos e a obra em construção”. Os documentos de processo, de acordo com a autora (1998, p.18) “desempenham dois grandes papéis ao longo do processo criador: armazenamento e experimentação”.

Em se tratando de “armazenamento”, ele acontece de maneira generalizada, ou seja, se encontra presente em todos os documentos de processos; com relação ao ato de experimentar fica registrado pelos artistas nos documentos de processos, o que possibilita ao crítico genético perceber como o artista foi construindo a sua obra.

Documentos como rascunhos, plantas, esboços, cartas, croquis, roteiros, etc; geralmente trazem o registro da experimentação. Porém, a singularidade dessas experimentações surge a partir das opções feitas pelos artistas durante os seus processos de criação.

São dois os tipos de documentos de processos: o privado e o público. Tanto o privado quanto o público são, segundo Salles (1998, p.47):

“Conversas com amigos, que podem tomar várias formas como cartas, emails ou registros em anotações ou diários parecem cumprir um papel importante como espaço de articulação e troca de ideias com contemporâneos.”

Já os documentos de processos privados são o diário, anotações, rascunhos, esboços e algumas cartas, nas quais são armazenadas de formas diversas as informações que permitem ao crítico fazer acompanhamento dos registros e reflexões feitas pelos artistas durante o seu processo de criação.

Os documentos de processos públicos são entrevistas, depoimentos, escritos reflexivos, onde o crítico busca informações sobre o percurso do processo de forma retrospectiva, ou seja, investiga o processo fora do momento de criação.

Salles (1998, p.40) diz que: “Os documentos registram muitos momentos de intensidade, nos quais relações ficam claras: ele tudo olha, recolhe o que possa parecer de interesse, acolhe e rejeita, faz montagens, organiza ideias e associa, formas alternativas proliferam e pesquisas integram a obra em construção.”

Sobretudo, porque verdadeiras batalhas são travadas entre empresas e profissionais em busca de ocupação pelos maiores e melhores espaços para a propagação do conteúdo noticioso da política estadual.

Assim sendo, consideramos importante analisar a produção desses profissionais para à academia, o mercado e, porque não dizer, para a sociedade paraibana para que todos conheçam o trabalho dessas pessoas que costumeiramente estão levando os bastidores da nossa política aos mais variados matizes do nosso estado.

Sem contar que a política é uma ciência que está conectada a vida de cada um de nós. Mesmo que indiretamente. Que goste ou não goste a política faz parte da nossa rotina. Ela repercute de maneira veemente ao ponto de gerar profundas mudanças no cotidiano de cada cidadão e de cada cidadã.

Aqui na Paraíba, não é difícil encontrar pessoas que se reúnem com o propósito de discutir, com exclusividade, a política partidária. São verdadeiros fóruns de debates que se formam por todos os cantos e recantos. Da maior a menor cidade, sempre tem alguém disposto a levantar a bandeira do debate.

Na Paraíba, logo cedo, jornal, rádios e portais trazem, a público, um panorama da política estadual. Como se estivessem a convidar cada morador a despertar para um dia de debate sobre o tema. Esse fato, enxergamos, que proporciona uma instigante e urgente necessidade de procurar saber como se processa o fazer jornalístico voltado para esse segmento.

Entendemos ser salutar acompanhar o passo a passo de parte da produção do material político que a imprensa paraibana oferece ao público diariamente. Ignorar algo nesse sentido pode ser considerado, no mínimo, como um grande equívoco.

2.2.1 A crítica genética no jornalismo brasileiro

Apesar de ter sido introduzida no Brasil no ano de 1985 e com atuação nos campos da literatura e das artes, a crítica genética é uma ciência que já vem sendo aplicada por alguns estudiosos, também, na área do jornalismo. Entre eles, podemos destacar a professora da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), doutora Sandra Regina Moura, que em sua tese de Doutorado pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC), analisou o processo de investigação do jornalista da Rede Globo de Televisão, Caco Barcelos.

A professora acompanhou a investigação de Caco Barcelos no livro Rota66: a história da polícia que mata. Em 2007, o produto da tese foi transformado em um livro. Refiro-me ao Caco Barcellos, o repórter e o método.

O interesse da professora em escrever o livro começou em 1998, quando tinha que escolher um assunto pra sua tese de doutorado. Sandra Moura escolheu o livro

"Rota 66 - a História da Polícia que Mata" pra dissecar o método " investigativo" do repórter.

De lavra de Luis Fernando Assunção, foi lançado em 2014, *Jornalismo de beiradas*. A transgressão no processo produtivo e criativo do jornalista João Antônio. Paulistano, o jornalista e escritor João Antonio Ferreira Filho nasceu em 27 de janeiro de 1937.

Luiz Fernando Assunção procurou traçar um mapa e, ao mesmo tempo, apurar os caminhos que o jornalista João Antonio Ferreira utiliza-se para realizar a sua produção jornalística. De acordo com o autor, João Antonio ao longo de sua carreira adotou procedimentos que podem ser classificados como subversão de regras e as rotinas através de um fazer jornalístico a partir das bordas, das margens sociais e das margens das teorias jornalísticas de escolha da notícia. Por isso, portanto, a denominação jornalismo de bordas.

O mesmo Luis Fernando Assunção publicou artigo intitulado Jornalismo de bordas: transgressão e criação em João Antônio.

Luis Fernando Assunção já havia trabalhado com a crítica genética em sua dissertação de Mestrado – O processo investigativo do jornalista Nilson Mariano - apresentada à Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos- SãoLeopoldo/RS), em 2005.

O autor relata que a proposta nasceu do desejo de querer conhecer os documentos utilizados pelo jornalista na captação, apuração e investigação e, ainda, de que forma eles são usados como matéria-prima no gênero jornalístico livro-reportagem.

Segundo o pesquisador, a ideia surgiu a partir da observação de que os estudos dos fenômenos jornalísticos, em sua maioria, abordam o jornalismo sob o ponto de vista de seus produtos, dos materiais já editados e apresentados ao público. E muito pouco-ou quase nada-sobre o processo de construção do jornalista.

Outra produção em que foi ancorada na crítica genética aconteceu na Universidade do Rio Grande do Sul. Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação. Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação. Trata-se de uma dissertação de Mestrado (2011) que analisou a biografia como gênero jornalístico através da aplicação dos procedimentos da crítica genética ao processo de produção da obra Padre Cícero – poder, fé e guerra no sertão, do jornalista Lira

Neto. O desafio de narrar uma vida: a crítica genética no estudo da biografia no gênero jornalístico, é de autoria de Karine Moura Vieira.

Trata-se da análise da biografia como gênero jornalístico através dos procedimentos da crítica genética ao processo de produção da obra Padre Cícero-poder, fé e guerra no sertão, do jornalista Lira Neto.

A proposta tem como meta identificar e compreender as características e as especificidades que vir a definir a biografia como um gênero jornalístico-critério de noticiabilidade, valores notícia, tratamento e relação com as fontes e as estratégias comunicativas utilizadas para produzir a narrativa. Para isso, foi feito um estudo sobre gênese de documentos, cadernetas e manuscritos que constituem os vestígios de produção da obra.

Encontramos também a publicação Processo: documentos de processo jornalístico. Uma produção de Aline Maria Grego Lins. O artigo (1996) é um estudo da prática diária do fazer jornalístico em que a autora preferiu dar o nome de “processo jornalístico”.

Outra produção em que foi seguido o caminho da aplicação da crítica genética no jornalismo também de Aline Maria G. Lins, da Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP/PE), através da sua tese de doutorado O Processo de Produção Telejornalístico à Luz da Crítica Genética, pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), em 2000.

O foco central foi o processo de construção do telejornalismo. De fato, o trabalho apresenta uma análise da produção telejornalística no seu vir a ser, de forma dinâmica, processual, em especial a passagem da produção do material bruto da reportagem para o material editado com o objetivo de poder contribuir e tornar mais clara a textura desse processo de produção.

Ela também se utilizou dos artifícios da crítica genética em seu artigo intitulado de: *Manuscritos Jornalísticos Documentos de Processo*, só que desta vez a apresentação foi pela (UNICAP/PE).

Na mesma linha seguiu Márcio Carneiro dos Santos da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), que em 2013, apresentou o artigo Os impactos da tecnologia e o processo de produção jornalística nas redações e assessorias da cidade de São Luís, durante XV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste – Mossoró - RN – 12 a 14/06/2013 do INTERCOM.

A pesquisa foi focada no espaço midiático em face da segmentação digital, tendo –se como lugar de observação o ambiente jornalístico em torno do qual está ocorrendo um a série de modificações no processo de formação da informação.

O intuito foi observar o modo pelo qual as transformações ocorrem nas empresas de comunicação, o impacto que geraram e, sobretudo, como se pode, no ambiente universitário, formar recursos humanos que acompanhem essas mudanças e, quando se fizer preciso, antecipar demandas sobre as quais ainda não haja interesse mercadológico explícito.

O trabalho objetivou averiguar os impactos trazidos pelas novas tecnologias e o tratamento dispensado ao processo de construção informacional a partir das suas inserções.

Ainda na Universidade Federal do Maranhão (UFMA) foi publicado o artigo Processo de produção jornalística: do nariz de cera ao lead, nos jornais de São Luis de autoria de Lígia Guimarães, Pâmela Pinto, Reuben da Cunha Rocha Junior, Sarita Bastos Costa e Yane Botelho.

A análise teve como objetivo mostrar o percurso das relações entre o jornalismo e a literatura, em que se procurou estabelecer como corpus a linguagem dos jornais maranhenses.

O trabalho apresentou a trajetória das relações entre o jornalismo e a literatura, estabelecendo como corpus a linguagem dos jornais da capital maranhense. Revelou as estratégias de tessitura do texto mapeando os contornos, por meio dos quais a linguagem aproximava-se ou afastava-se dos padrões de escrita do século XX.

Mais uma produção advinda da UFMA é o Estudo sobre a interface Literatura e Jornalismo focado na crítica genética: o lead nos jornais de São Luis do século XX.

Recentemente as pesquisadoras Raíssa Nascimento dos Santos (Universidade Federal da Paraíba) e Carla Roberta Rego Neto (Centro de Desenvolvimento Empresarial–Cedepe) apresentaram o artigo Jornalismo Investigativo a partir da Análise de Processo do livro-reportagem Clamor, de Samarone Lima, durante XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste – Natal - RN – 2 a 4/07/2015.

O estudo faz uma reflexão a respeito do jornalismo investigativo tomando como base teórica os escritores Gabriel Garcia Márquez (1997), Montserrat Quesada (1987) e Gerardo Reyes (1998). O presente artigo reflete sobre o Jornalismo

Investigativo utilizando como aporte teórico autores como Gabriel Garcia Márquez (1997), Montserrat Quesada (1987) e Gerardo Reyes (1998).

O estudo avança no debate acadêmico ao usar o legado do filósofo Karl Popper (1992) para nortear as reflexões acerca da aplicabilidade da teoria da verdade objetiva no jornalismo investigativo. Com este embasamento teórico o artigo avança na investigação e analisa os documentos de processo do livro-reportagem Clamor, do jornalista pernambucano Samarone Lima.

Por isso decidimos estudar o processo de construção das colunas dos sete colunistas políticos que atuam no jornalismo paraibano.

2.2.2 A crítica genética e o jornalismo político

A crítica genética se dedica ao estudo do processo criativo, investigando a obra de arte a partir do seu processo de fabricação. Com base no exposto, vimos a pertinência de ampliar esse leque de pesquisa investigando o processo criativo no campo do jornalismo, mais especificamente, o jornalismo político.

Para tanto, é importante buscar compreender como é que ocorre o processo de construção da informação tomando como referência a crítica genética.

Segundo Aline Maria G. Lins em seu artigo MANUSCRITOS JORNALÍSTICOS DOCUMENTOS DE PROCESSO (2000) compreender o processo de construção no jornalismo, à luz da crítica genética, implica, antes de mais nada, em identificar quais documentos poderão ser reconhecidos como fornecedores individuais desse processo.

Ela evidencia que é preciso penetrar com profundidade nas entranhas do fazer jornalístico pra que possa apresentar todo o processo criativo com toda fidedignidade possível em torno do que está sendo produzido e colocado a disposição do consumidor da informação.

Trata-se, na verdade, de uma ação que requer muita vigilância por parte do pesquisador que precisa ficar atento a todos os detalhes que envolvem a manufatura do processo noticioso. Principalmente, em se tratando dos chamados espaços de opinião como, por exemplo, as colunas.

Martins (2005), conta que as colunas são os espaços mais nobres de interpretação do noticiário político. Às vezes, são também espaços de opinião e de informação. Assinados por jornalistas experientes e talentosos, que têm grande número de fontes e boa capacidade de análise.

Ele conta, ainda, que as colunas tornaram-se tão importantes para o leitor que a maioria dos jornais geralmente publica mais de uma. Seus formatos, estilo e emboaduras variam, mas todas elas, de alguma forma, buscam cumprir a mesma função: ancorar o noticiário, tomar a temperatura do dia e farejar possíveis desdobramentos.

Baseado nessa afirmativa percebe-se que é preciso fazer um mergulho em profundidade e com bastante atenção para que um oceano de oportunidades possa surgir em meio a um deserto de incertezas e de imprecisões no processo de construção da notícia.

O jornalismo político tem o seu lugar de destaque em todos os grandes e pequenos jornais brasileiros. Nomes renomados como Carlos Chagas, Hélio Fernandes, Eliane Castanhêde, Tereza Cruvinel, Dora Kremer, Ricardo Noblat, Cláudio Humberto, José Nêumane Pinto, Ricardo Boechat, Franklin Martins, Alexandre Garcia, entre tantos outros, que continuam trilhando nos ambientes redacionais. Sem deixar, é claro, de lembrar do sempre destacado Carlos Castelo Branco (O Castelinho), no Jornal do Brasil.

Trazendo para a Paraíba, aparecem os nomes consagrados como Gonzaga Rodrigues, Hélio Zenaide, Jório Machado, Biu Ramos, Helder Moura, Aginaldo Almeida, Hermes de Luna, Arimatéia Souza, Anchieta Araújo, Giovanni Meireles, Martinho Moreira Franco, José Euflávio, Paulo Santos, Gisa Veiga, Gutemberg Cardoso, Sony Lacerda e tantos outros mais.

Além, é claro, dos nossos pesquisados Heron Cid, Rubens Nóbrega, Walter Santos, Laerte Cerqueira, Lena Guimarães, Nonato Guedes e João Manoel de Carvalho.

Estes tiveram todos os seus percursos e rastros dentro desta perspectiva crítica genética, acompanhados para compreendermos as suas rotinas produtivas. Segundo Salles (1998, p. 13) a crítica genética utiliza-se do percurso da criação para demonstrá-lo e, em seguida, colocá-lo em ação novamente. Quando falo em percurso são os rastros deixados pelo artista e pelo cientista em seus caminhos em direção a obra entregue ao público.

Em nosso caso, significa dizer que foram os rastros deixados pelos jornalistas (colunistas) em direção aos receptores da notícia. Os rastros são todos os procedimentos que levam a feitura do processo noticioso, ou seja, da pauta a veiculação do produto.

2.3 O LIVRO-REPORTAGEM E O LIVRO-ENTREVISTA

2.3.1 Livro-reportagem

Já não é mais novidade para ninguém que o jornalismo impresso, por conta da chegada dos novos meios de comunicação eletrônicos, se encontra cada vez mais submetido a um processo de declínio. A resposta para esse fenômeno é de que as mídias eletrônicas cuja marca é a velocidade com que a informação chega ao seu destinatário, empurram toda a produção impressa abismo abaixo.

Uma das caracterizações do jornalismo impresso é a forma como ele se aprofunda na apuração dos acontecimentos em relação ao que é veiculado em outros meios comunicacionais como, por exemplo, o rádio, a televisão e a mídia oriunda via internet. Mas, mesmo sendo detentor dessa marca, ele (o jornalismo impresso) não tem conseguido o oxigênio necessário para se garantir no mercado, e alcançar o seu principal objetivo que é um número significativo de público leitor.

As novas mídias, isso está tão evidenciado e tão cristalino, tem tornado o jornalismo impresso um produto cujo poder de sedução vem caindo consideravelmente. Não é nenhum exagero dizer que a mídia impressa vivencia um processo de “queda livre” em se tratando de mercado consumidor da notícia.

Hoje, não é difícil constatar que em vários momentos, o jornalismo impresso tem se pautado em patrocinar meras reproduções do que foi produzido pelos veículos de comunicação eletrônicos.

Nota-se que a falta de uma produção jornalística impressa em que haja um trabalho maior na elaboração do material jornalístico que será levado ao receptor tem, de alguma forma tem criado barreiras de impedimento para que os profissionais envolvidos com a feitura da notícia percam o seu potencial de crítica

no processo de investigação, de modo a provocar um alto grau de pobreza em suas produções.

O trabalho informativo que está sendo executado através do jornalismo impresso mostra, claramente, a necessidade que se tem de preparar melhor toda a narrativa noticiosa por conta, inclusive, da complexidade do mundo de hoje.

É importante ressaltar, também, que é preciso que haja uma mudança de postura profissional que possa abrir caminhos para mais atenção, conhecimento e, principalmente, para mais apuração dos acontecimentos. Assim, se tornará possível uma ruptura com o jornalismo de declaração- que é feito sem uma investigação do que está sendo dito- e passe a adotar o chamado jornalismo de precisão- em que existe uma grande preocupação em levar a informação ao seu destino de maneira bem elaborada.

Sobre esse momento de dificuldade porque passa o jornalismo impresso, Eduardo Belo conta que:

A mídia impressa brasileira- em especial os jornais- há muito vem penando numa competição desigual com outros meios de comunicação. Pretende concorrer com a televisão, o rádio e a internet. As redações continuam trabalhando como se os jornais fossem o principal fornecedor de informações ao público, a exemplo do que acontecia até o advento do rádio e a massificação da TV. Os veículos impressos perderam esse status há muito, mas nem todos se deram conta (BELO, 2006, p.140).

O bom é que existem vários caminhos possíveis de transformar essa realidade. Basta que o foco seja direcionado para a necessidade de promover um trabalho informativo em que se procura expor as contextualizações, desdobramentos da notícia e os seus bastidores através das grandes reportagens ou dos livros-reportagens.

LIMA (1998) explica que o livro-reportagem é:“o veículo de comunicação impressa não periódico que apresenta reportagens em grau de amplitude superior ao tratamento costumeiro nos meios de comunicação jornalística periódicos. Por grau de amplitude superior, se entende maior ênfase ao tratamento do tema em foco nos aspectos extensivo e intensivo.”

Ele ressaltando que o livro-reportagem pode ser o resultado da junção de reportagens que já foram publicadas em outros meios de comunicação ou, então, a partir do trabalho feito, exclusivamente, para a edição de um livro. Porém, tudo é produzido seguindo as características e os padrões jornalísticos.

O livro-reportagem se difere dos demais livros pelo seu conteúdo, tratamento e função. Quanto ao conteúdo, a abordagem corresponde ao real, acompanhado de veracidade e verossimilhança. Já em relação ao tratamento, a sua linguagem é puramente jornalística. A função do livro-reportagem é produzir um conteúdo jornalístico com profundidade.

A função particular do livro-reportagem é informar e orientar em profundidade sobre ocorrências sociais, episódios factuais, acontecimentos duradouros, situações, ideias e figuras humanas, de modo que oferecerá ao leitor um quadro da contemporaneidade capaz de situá-lo diante de suas múltiplas realidades, de lhe mostrar o sentido, o significado do mundo contemporâneo (LIMA, 2004).

Na verdade, a estrutura de um livro-reportagem se forma quando se inicia vínculos relacionais e de complementação aos meios de comunicação periódicos gerando elementos para a sua produção, ou seja, o seu conteúdo não seria suportado pelas mídias convencionais do jornalismo (jornais e revistas).

São diversas as tipologias apontadas por Edivaldo Pereira Lima para classificar os vários modelos de livro-reportagem.

Livro-reportagem-perfil: aborda a vida de um mais personagens de forma exaustiva, colocando-os sempre no centro da narrativa.

Livro-reportagem-depoimento: reconstitui um acontecimento em conjunto de acontecimentos a partir da visão de uma ou mais personagens centrais.

Livro-reportagem-retrato: oferece uma visão aprofundada sobre um setor da sociedade, uma região ou um tipo de atividade.

Livro-reportagem-ambiente: relacionado as causas dos ambientalistas.

Livro-reportagem-história: repercute e se propõe a investigar e contextualizar fatos históricos em geral.

Livro-reportagem-nova-consciência: focaliza temas relacionados a novos movimentos sociais e culturais (ex: os livros lançados no bojo do movimento do Novo Jornalismo, nos EUA, na década de 60 e 1970, como "Hell s Angels", de Hunter Thompson, publicado em 1966).

Livro-reportagem-instantâneo (ou atualidade): aborda temas atuais, mas preocupa-se com a perenização dos mesmos.

Livro-reportagem-antologia: reúne produções de uma ou mais autores publicadas previamente.

Livro-reportagem-denúncia: como o nome já diz, aborda situações que, na visão do autor, merecem ser investigadas em profundidade para a formulação de uma denúncia.

Livro-reportagem-ensaio: privilegia a narrativa em primeira pessoa para apresentar a visão do autor sobre determinado fato.

Livro-reportagem-viagem: o fio condutor é a viagem do autor. Mas o livro muitas vezes não se limita à descrição dos ambientes e situações vividas pelo autor, estendendo seu foco narrativo para o contexto dos fatos vividos..

Optamos por criar mais uma tipologia, classificando nosso livro-reportagem como livro-entrevista, ainda que o trabalho reúna além das entrevistas, uma longa reportagem de abertura e os miniperfis.

2.3.2 Livro-entrevista

O livro-entrevista está ancorado na existência da entrevista. A entrevista (LAGE, 1985, p. 73), é uma expansão da consulta às fontes, para coletar as interpretações e reconstituir os fatos. É o procedimento clássico da apuração de informações em jornalismo.

A entrevista, para Medina (2006, p. 5), pode ser apenas uma eficaz técnica para obter respostas pré-pautadas por um questionário. Mas certamente não será um braço da comunicação humana se encarada como simples técnica. Esta – fria nas relações entrevistado-entrevistador- não atinge os limites possíveis da interação, ou, em outras palavras, do diálogo.

Não resta nenhuma dúvida de que é preciso uma comunicação mais humanizada e que o caminho para se chegar a esse ponto é através de um procedimento dialógico entre as partes. Sair do mecanicismo que não permite a abertura de uma comunicação vibrante e, sobretudo, cheia de dinamismo e devida.

A entrevista, nas suas diferentes aplicações, é uma técnica de interação social, de interpretação informativa, quebrando assim isolamentos grupais, individuais, sociais; pode também servir à pluralização de vozes e à distribuição democrática da informação. Em todos estes ou outros usos das Ciências Humanas, constitui sempre um meio cujo fim é o inter-relacionamento humano (MEDINA, 1995, p. 8).

Segundo Medina (2006), a comunicação somente será alcançada quando existira possibilidade do diálogo.

O jornalista Muniz Sodré mesmo fazendo referência a perfil termina se envolvendo um pouco do que ele observa como entrevista: Em jornalismo, perfil significa enfoque na pessoa seja uma celebridade, seja um tipo popular, mas sempre o focalizado é o protagonista de uma história: sua própria vida. Diante desse herói (ou anti-herói), o repórter tem, via de regra, dois tipos de comportamento: ou mantém-se distante, deixando que o focalizado se pronuncie, ou compartilha com ele um determinado momento e passa ao leitor essa experiência (SODRÉ, 1983, p.126).

Já para Duarte (2005, p. 64)

“A entrevista vista como técnica de pesquisa, entretanto, exige elaboração e explicitação de procedimentos metodológicos específicos: o marco conceitual no qual se origina, o critério de seleção das fontes, os aspectos de realização e o uso adequado das informações são essenciais para dar validade e estabelecer as limitações que os resultados possuirão.”

Lima (1998) recorre ao Dicionário de Comunicação, de Carlos Alberto Rabaça e Gustavo Barbosa, para a concepção de livro como publicação não periódica que consiste materialmente na reunião de folhas de papel impresso ou manuscritas, organizadas em cadernos, soltas ou presas por processo de encadernação e técnicas similares.

Segundo as normas da Unesco–Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura –, considera-se livro a publicação com mais de 48 páginas.

Livro-entrevista é, na verdade, uma classificação dada a um tipo de livro-reportagem em que as entrevistas são apresentadas de maneira bastante ampla em relação ao modo como elas são tratadas rotineiramente pelos meios jornalísticos cuja veiculação ocorre de forma periódica.

Aqui, trata-se de uma nova modalidade de comunicação impressa em que fica estabelecido um canal para que se permita buscar de forma abrangente a informação e, com isso, correr atrás da captação da atenção de quem pretende enveredar-se na leitura de determinada obra.

Desta maneira, procura-se proporcionar um campo de envolvimento entre o leitor e obra. Como se sabe, é praticamente impossível em um processo

comunicacional os seus atores permanecerem ilesos a partir do instante em que se dá o contato com todo o dinamismo do campo informacional.

São valores e vivências que se entrelaçam e abrem caminhos para um encadeamento de interpretações que estimulam o desabrochar nos mais diversos níveis de interesse.

Portanto, o livro-entrevista surge da necessidade de oferecer um tratamento com mais amplitude às informações e às orientações a respeito dos acontecimentos com o intuito de mostrar aos receptores o quadro sobre determinada realidade.

Foi nessa perspectiva que procuramos levar ao conhecimento do espectador o cotidiano processo de produção do colunismo político paraibano através de alguns dos mais representativos profissionais da nossa imprensa. São, diante de mais nada, grandes observadores do dia a dia dos bastidores da política estadual.

Cada um pôde mostrar como é que é tratado o fato jornalístico. Tivemos a oportunidade de saber como cada profissional se relaciona com o fato na busca de construção da realidade. Do momento do planejamento da pauta até a busca da informação, da preparação do texto, enfim, de todos os recursos até o instante da sua apresentação na editoria responsável. Na verdade, trata-se do método e de todo o percurso utilizados para a preparação do processo de construção da coluna.

É imprescindível conhecer, a miúdo, toda essa corrente operacional em torno da informação política que faz movimentar de maneira substancial e, diuturnamente, a vida dessa sociedade. Assim, se torna pertinente, através de algo mais elaborado, entender como é que tudo se materializa e se transforma em informação para ser levada ao receptor da notícia. Que, aliás, é a promessa do nosso trabalho.

2.4 METODOLOGIA PARA O LIVRO-REPORTAGEM

2.4.1 Procedimentos metodológicos

Para a efetivação do respectivo estudo tivemos que utilizar alguns procedimentos metodológicos que permitiam garantir a eficácia da pesquisa.

Segundo Cláudia Lago e Marcia Benetti(2007),

“mesmo quando pensamos apenas na esfera do método, sabemos que não falamos meramente de uma escolha de técnicas, e sim das matrizes geradoras das estratégias metodológicas adequadas para resolver os problemas ou hipóteses que motivam a investigação. A metodologia cola-se aos paradigmas que orientam a pesquisa, havendo uma necessidade de adequação concreta, e não apenas protocolar entre teoria, problematização, objeto e método”.

Ainda segundo as estudiosas, “o pesquisador, em sua permanente vigilância epistemológica, precisa ter, ao mesmo tempo, uma profunda percepção sobre a singularidade de seu objeto e um indiscutível compromisso com a legitimidade dos resultados de sua pesquisa. Neste difícil arranjo, é preciso ter sensibilidade para encontrar o método mais adequado àquela investigação em particular, respeitados os critérios que a ciência estabelece para validar o trabalho.”

De acordo com René Descartes (2006, p.13), “o método são regras precisas e fáceis, a partir da observação exata das quais se terá certeza de nunca tomar um erro por uma verdade, e, sem aí desperdiçar inutilmente as forças de sua mente, mas ampliando seu saber por meio de um contínuo progresso, chegar ao conhecimento verdadeiro de tudo o que se é capaz”.

A partir dos objetivos apresentados anteriormente, o encaminhamento metodológico do trabalho em tela pode ser visto quanto à natureza e aos objetivos da maneira, a saber: Quanto a natureza, o estudo será qualitativo em virtude de que pretende conhecer a situação ou o fenômeno na mais ampla dimensão e, assim, procurando levantar as variáveis e seus significados para, em seguida, construir um quadro a respeito de como se produz uma coluna jornalística cuja matéria prima é a política de bastidor.

Já com relação aos objetivos, o primeiro passo que demos foi a realização de uma pesquisa exploratória, ou seja, levantando dados bibliográficos, através de livros e de cópias das colunas que pudessem embasar o estudo e a posterior análise do nosso objeto.

Portanto, a metodologia do estudo para produzir esse livro-reportagem está apoiada pelos procedimentos metodológicos da investigação do processo criativo da crítica genética e, utilizando o instrumento de coleta de dados, ou seja, através do método da Entrevista em Profundidade, porém, semi- estruturada. Embora em

alguns momentos a entrevista flui de alguma maneira não estruturada, mas ela é predominantemente semi estruturada.

A entrevista em profundidade é uma técnica dinâmica e flexível, útil para a apreensão de uma realidade tanto para tratar de questões relacionadas ao íntimo do entrevistado, como para a descrição de processos complexos nos quais está ou esteve envolvido. É uma pseudoconversa realizada a partir de um quadro conceitual previamente caracterizado, que guarda similaridade, mas também diferenças, com a entrevista jornalística (DUARTE, 2005. p. 64).

Façamos saber que em determinadas circunstâncias a entrevista se estrutura para uma conversa mais aberta e não estruturada que, segundo Duarte (2005), é essencialmente exploratória e flexível, não havendo sequência predeterminada de questões ou parâmetros de respostas. Tem como ponto de partida um tema ou questão ampla e flui livremente, sendo aprofundada em determinado rumo de acordo com aspectos significativos identificados pelo entrevistador enquanto o entrevistado define a resposta segundo seus próprios termos, utilizando como referência seu conhecimento, percepção, linguagem, realidade, e experiência.

Desta maneira, a resposta a uma questão origina a pergunta seguinte e uma entrevista ajuda a direcionar a subsequente. A capacidade de aprofundar as questões a partir das respostas torna este tipo de entrevista muito rico em descobertas. Uma das dificuldades é que o pesquisador deve ter afiada capacidade de manter o foco e garantir a fluência e a naturalidade. Flexível e permissiva exige habilidade para não perder-se no irrelevante ou torná-la uma conversa agradável, mas improdutiva. Muitas vezes, é realizada como sondagem para a elaboração de roteiros semiestruturados ou questionários estruturados.

Assim sendo, fizemos um protocolo de perguntas em que foi permitida uma conversa mais aberta. As primeiras perguntas para a entrevista (presencial) tiveram como objetivo aproximar entrevistador e entrevistado.

O levantamento e coleta das informações, conforme determinado no nosso projeto de pesquisa, obedeceu a uma amostra por julgamento a critério do interesse do autor da pesquisa, ou seja, foi elaborado um roteiro com perguntas apenas para servir de base porque outros questionamentos foram surgindo de acordo com as respostas dos entrevistados.

A partir dos pontos considerados interessantes que foram levantados durante o transcorrer da pesquisa, fizemos a escolha de analisarmos todo o processo de construção das colunas, ou seja, artigos e notas que ilustravam os fenômenos descobertos como uma maneira de referendar as nossas conclusões a respeito do objeto de estudo.

Em geral, as entrevistas levaram em conta um roteiro temático como já mencionado, com os seguintes tópicos: O espaço da coluna; a relação com as fontes; as pautas; a interação com as tecnologias e; conflitos e pressões. Salientamos que esse último tópico fluiu no decorrer das entrevistas, por conta das próprias falas dos entrevistados.

3 COLUNISMO POLÍTICO

3.1 BREVE PANORAMA NO BRASIL E NA PARAÍBA

3.1.1 Colunismo político no Brasil

Por muito tempo, a notícia em pequenas notas caracterizou as colunas chamadas de sociais. Na década de 1950, cujo presidente da República era Juscelino Kubitschek, que ela (a notícia) atingiu seu grande auge. O contexto foi marcado pela ilusão de que o Brasil seria um país desenvolvido igualmente as potências econômicas da época que acabou, por gerar, um campo favorável de grande consumo, por conta do aparecimento dos bens duráveis e ao estabelecimento de certas elites econômicas.

Foi, portanto, durante este período, que surgiram as primeiras tentativas relevantes no intuito de modernizar o jornalismo brasileiro. A pesquisadora Ana Paula Goulart (2005, p.2) conta que, “durante estes anos, o colunismo representou um verdadeiro movimento contrário frente às novas técnicas e padronização e impessoalização do texto noticioso, calcados na objetividade que buscava o anonimato do redator.”

O fato é que, enquanto os profissionais mais experientes da imprensa eram substituídos por jovens acostumados à nova ordem do lide e do sublide, os colunistas consolidavam seus prestígios.

Foi exatamente neste momento que ocorreu o grande apogeu das colunas sociais, representadas por nomes como os de Ibrahim Sued e de Jacinto de Thormes. Eis que surgem, então, as notas sobre grandes eventos, pompas, ambientes requintados descritos com precisão, destaque para figurinos, luxo e poder financeiro dos retratados no espaço informativo.

Durante o regime militar, o colunismo social dá início a um processo de politização. Ibrahim Sued, que possuía ligações com setores vinculados ao regime, publicava pequenas notas em sua coluna sobre o que acontecia nos bastidores do governo.

No livro *a segunda imprensa*, de Sergio Zóbaran e Leopoldo Câmara (2005, p.6) a designação do gênero coluna vem da divisão da página do jornal em blocos de textos de uma determinada largura o que norteava a sua diagramação básica. Uma coluna se define por uma seção especializada de jornal ou revista publicada com regularidade e geralmente assinada.

Existem colunas de todos os tipos e finalidades, a critério da vontade de seus colunistas e ou das respectivas editorias como, por exemplo, política, cultura, entre outras. E a partir do estabelecimento do processo democrático brasileiro, os jornalistas e colunistas passaram a ter a ampla liberdade para noticiar e comentar sobre os fatos que envolvem a vida cotidiana do Brasil.

A partir da redemocratização do país, a nova sociedade civil brasileira passou a adotar uma nova postura em relação aos seus direitos. Surgiram muitas inquietações, inclusive, a respeito do direito à informação. Com isso, começou a surgir um movimento em torno de outra forma de fazer a cobertura da política do país.

Na verdade, os brasileiros estavam querendo muito mais que a informação. A cobrança ia muito além de mais e melhor informação. Eles queriam ter a capacidade de poder formar a sua própria opinião e, para tanto, exigiam com toda a veemência a implantação de mecanismos de informações complementares.

Eles desejavam que fossem criados espaços que garantissem a produção de análises, interpretação ou opinião política. Tudo, evidentemente, feito por profissionais qualificados.

A sociedade brasileira buscava campos informacionais que pudessem oferecer poder de análise e de crítica. Ela percebeu que isso era possível por conta da abertura política porque estava passando o Brasil com o fim do regime autoritário, ou seja, a ditadura. Com essa nova conjuntura política do país, a partir da década de 1990, surge, então, uma nova cidadania e, com ela, começaram a ser levantadas as demandas que, inevitavelmente, contribuiriam para o surgimento de um novo jornalismo político em que foi dada vazão para a busca de uma informação com pluralidade e, além disso, acompanhada de análise, interpretação e opinião.

O jornalismo político tem o seu lugar de destaque em todos os grandes e pequenos jornais brasileiros. Nomes consagrados como Carlos Chagas, Hélio Fernandes, Eliane Cantanhêde, Tereza Cruvinel, Dora Kremer, Ricardo Noblat, Cláudio Humberto, José Neumann Pinto, Ricardo Boechat, Franklin Martins, Alexandre Garcia, José Simão, Ruy Castro, Ilmar Franco, entre tantos outros que continuam no ofício em que no passado brilhou o renomado Carlos Castelo Branco, no Jornal do Brasil (JB).

Por falar em Carlos Castelo Branco ou apenas “Castelinho”, como também ficou conhecido, a sua coluna que manteve por décadas no JB é um marco do jornalismo político do país. A Coluna do Castelo tornou-se leitura obrigatória entre políticos, empresários e autoridades como um todo.

Além de muito apreciada, a coluna era temida pelos políticos em função de que era escrita por um profissional com amplo conhecimento a respeito dos bastidores dos poderes e, em especial, do poder político. Além do mais, ele sabia interpretar as nuances que envolviam a classe política como ninguém. Desta forma, a coluna foi mantida até o fim da sua vida.

Foram cinquenta anos de jornalismo. Destes, trinta deles foram dedicados ao colunismo político no JB. Ele participou de forma ativa da vida política do Brasil. Por sua luta pela liberdade de imprensa, ganhou vários prêmios internacionais, como o Maria Moors Cabot, da Universidade americana de Columbia e o Prêmio Mergenthaler, bem como o Premio Nereu Ramos da Universidade de Santa Catarina.

3.1.2 O colunismo político na Paraíba

Os dados a respeito da bibliografia em torno da imprensa paraibana ainda são muito escassos. Pudemos fazer essa constatação depois de uma intensa busca. Contudo, é possível apresentar alguns jornalistas que sem sombra de dúvida são considerados de relevância para o exercício da atividade jornalística dentro do campo opinativo do Estado da Paraíba.

Quem é apontado como sendo um dos primeiros colunistas da imprensa paraibana é Diogo Velho, conforme está destacado na obra de Rêgo Filho (1963). O jornalista em tela, como está explicitado na referida obra, se posicionava como um grande crítico do governo; e a sua coluna era escrita com um potencial viés político.

Outro que também merece destaque é o ex arcebispo do Estado, Dom José Maria Pires, que por um considerável tempo emprestou toda a sua sabedoria aos paraibanos e ao jornal A Imprensa.

Já no Correio da Manhã, que foi criado no ano de 1934, aparecem os escritores Matias Freire, Aderbal Piragibe e Arsênio Lins (Araújo, 1986, p. 79). Estes são tidos como “redatores e bons colunistas”.

No ano de 1951, a Paraíba teve em seus quadros de jornalistas Arquimedes Cavalcanti, Allyrio Wanderley e Plauto de Andrade. Em 1958, no jornal A Tribuna do Povo, surgiram na imprensa estadual os profissionais como Rubens Campos, José Otávio de Arruda Melo, Otinaldo Lourenço, Walter Carvalho e Severino Ramalho Leite.

Adentrando no campo da cobertura e da análise política nas terras paraibanas, eis que apontaram nomes de grande relevo como Gonzaga Rodrigues, Hélio Zenaide, Jório Machado, Biu Ramos, Aguinaldo Almeida, entre outros. Os colunistas políticos paraibanos mais lidos da atualidade são Rubens Nóbrega, Laerte Cerqueira, Arimatéia Souza, Helder Moura, Suetoni Souto Maior, Edinho Magalhães, Lena Guimarães, Alexandre Moura, Sony Lacerda, Walter Santos, João Manoel de Carvalho, Heron Cid, Gutemberg Cardoso e tantos outros mais.

Em se tratando de jornalismo político aqui no estado da Paraíba, é muito importante lembrar que foi O Publicador um dos primeiros jornais a se engajar na cobertura da política estadual. A história retrata que o periódico travou várias lutas contra o governo da época e, por conta disso, foi vítima de muita perseguição.

Rêgo Filho (1963) relata na Síntese Histórica do jornalismo na Paraíba, que a Opinião imprimia em suas páginas comentários que versavam a respeito da

política nacional e internacional. Enquanto isso, A União Liberal era editado com viés quase que essencialmente político. Já O Liberal Paraibano, “dissecava as políticas municipal, nacional e internacional, e editava uma coluna de atos do Governo por sob o título de Boletim Oficial”, conforme destaca Rêgo Filho (1963,p. 18).

3.2 O LUGAR DA COLUNA NOS ESTUDOS DE GÊNEROS

Vivemos em meio a um turbilhão de acontecimentos. E nessa “Babel” informacional, nota-se que as colunas jornalísticas vão se sedimentando cada vez mais entre os espaços comunicacionais, seja na mídia impressa, que vem em declínio, na mídia eletrônica (rádio e televisão) ou nos meios comunicativos através da internet (sites e blogs).

A tradição do colunismo político, aponta para a importância desse eixo comunicacional que se reveste da incumbência de informar, interpretar e analisar os fatos relacionados ao processo político. É na captura das informações e na capacidade analítica dos profissionais que os bastidores da política conseguem chegar até a sociedade.

É importante notar que o exercício da atividade jornalística através das colunas tem feito despertar a atenção de muitos estudiosos da comunicação a respeito desse gênero jornalístico.

Por falar em gênero, ele é utilizado para servir de integração entre o meio de comunicação e o receptor. A sua organização depende da maneira como as empresas procedem a edição de seu conteúdo. Basicamente, os gêneros jornalísticos são divididos em informativo e opinativo.

O gênero informativo é aquele em que se estabelece a informação como prioridade. A transmissão da notícia acontece de maneira objetiva, imparcial e direta. O gênero opinativo é aquele em que as produções textuais expressam as opiniões do editor, do colunista, do cronista ou até mesmo do receptor a respeito dos fatos que foram noticiados.

Segundo Melo (2003), gênero também é um conjunto das circunstâncias que determinam o relato que a instituição jornalística difunde para o seu público. Um relato que pela dinâmica própria do jornalismo, se vincula às especialidades

regionais, mas incorpora contribuições dos intercâmbios transnacionais e interculturais. É a articulação que existe do ponto de vista processual entre os acontecimentos (real), sua expressão jornalística (relato) e a apreensão pela coletividade (leitura).

A pesquisadora Seixas (2009, P.2), afirma que com as novas mídias, surgem novos formatos, se hibridizam, se embaralham os gêneros. A noção de gênero entra mais uma vez em cheque. Por isso mesmo, passa a ser vista com mais atenção. Alguns gêneros podem acabar e outros podem aparecer. Alguns se transformam, outros se mantêm. Com as novas mídias, as práticas discursivas passam a experimentar e produzir novos formatos, que podem se insistir ou não em novos gêneros.

A coluna teve como berço a imprensa norte-americana por volta de meados do século XIX. No Brasil, a sua aceitação aconteceu de maneira rápida por conta do leitor se sentir cansado dos comentários longos e enfadonhos que reinavam nesse período. Foi o momento em que ocorreu a transformação do jornalismo meramente doutrinário para o jornalismo com cara e corpo informativo.

Eugene Field, no Dayly News, e Ambrose Bierce, no Examiner, foram os primeiros colunistas americanos (EUA). Nesse novo ciclo, percebe-se que o público já começava a manifestar uma necessidade de se ter uma produção jornalística mais vibrante, inclusive exigindo personalidade em suas produções textuais. Nota-se que, nesse momento, o desejo mesmo era o de voltar ao tempo inicial da imprensa em que o jornal saía com a cara do seu jornalista/ fundador.

Depois da primeira Guerra Mundial, eis que surgiram muitas pessoas defendendo a tese de que as colunas deveriam se limitar aos fatos sem apresentar qualquer tipo de opinião porque acreditavam que a função de opinar deveria ficar sob a competência da página editorial.

A coluna surgiu com a pretensão de ser informativa. Mesmo assim, passou a ser espaço para a veiculação de conteúdo opinativo. Isso retrata que o colunismo como podemos perceber nasce assim como um verdadeiro movimento na direção contrária a hegemônica tendência de um jornalismo mais impessoal e centrado na objetividade uma vez que o discurso do colunista além de favorecer a subjetividade também gera o fortalecimento do nome do titular da coluna.

Para Dines (1986), o colunista americano se diferencia muito do brasileiro porque lá ele termina sendo um repórter com espaço fixo, continuando sua

empreitada à caça das notícias. Na década de 80, um dos colunistas americanos mais lídios era Jack Anderser, em razão dos seus furos jornalísticos. Nos Estados Unidos, muito mais do que no Brasil, as colunas são feitas por equipes de jornalistas.

No nosso país, costumou-se convencionar como coluna toda seção fixa em um periódico. Por esse olhar a coluna abrangia o comentário, a crônica e até mesmo a resenha, alerta José Marques de Melo.

Inicialmente originada na antiga diagramação vertical de cima para baixo passou posteriormente também a ser usada na posição horizontal. Rabaça e Barbosa (apud MELO, 2003, p. 136) explicam que a coluna é:

[...] a seção especializada de jornal ou revista, publicada com regularidade, geralmente assinada, e redigida em estilo mais livre e pessoal do que o noticiário comum. [...] As colunas mantêm um título ou cabeçalho constante, e são diagramadas geralmente numa posição fixa e sempre na mesma página, o que facilita a sua localização imediata pelos leitores.

A coluna também pode ser caracterizada pela construção de informações rápidas, curtas, chegando a formar uma verdadeira coxa de retalhos informacionais. É característico dela, tentar divulgar os famosos “furos” jornalísticos que por, muitas vezes, se antecipa ao próprio jornal e ao seu corpo de repórteres, ao buscar trazer a notícia em primeira mão. Sendo assim, a coluna por muitas vezes tem se constituído em instrumento de pauta e de fonte para outros veículos de comunicação, ou seja, o que é publicado nas colunas é reverberado por outros canais de comunicação.

A coluna observa Melo (2003), também tem um caráter persuasivo e não se limita a apenas emitir uma simples opinião. Além de José Marques de Melo, Luiz Amaral conceitua esse gênero como:

[...] uma espécie de área privativa com regulamento onde se misturam em intimidade, sobre assuntos gerais ou temas específicos, notícia e comentário, entrevista e interpretação, humorismo e gravidade, tudo em textos curtos, em forma de pílulas, e com certa liberdade de expressão. É o dado que faltou ao grande noticiário, o lado pitoresco do acontecimento, o detalhe curioso de uma decisão. Quase um Jornal dentro Jornal (AMARAL, 1982, p. 95).

É neste contexto que o processo criativo dos colunistas de opinião no jornalismo paraibano se apresenta como ferramenta de comunicação atual e

necessária para garantir que o nosso objeto de estudo alcance o público ao qual se destina, ou seja, a academia, o mercado jornalístico e a sociedade em geral. É uma forma, inclusive, de aproximar os profissionais que estão no mercado da comunidade acadêmica.

3.3 O VELHO E O NOVO COLUNISMO

Os que se dispuseram a ler a história da imprensa brasileira puderam constatar uma variedade de nomes de colunistas políticos que emprestaram e emprestam seus talentos para a disseminação dos acontecimentos que se encontram no entorno do jogo do poder político. Levando os fatos para uma reflexão por parte do receptor e, também, para as esferas dos poderes (judiciário, legislativo e executivo).

É importante destacar que se trata de momentos distintos. Hoje, há um número muito expressivo de profissionais até porque houve um aumento considerável dos meios comunicacionais como, por exemplo, a mídia eletrônica (rádio e televisão) e a mídia digital (sites e blogs), sem contar com a mídia impressa. Esse fato vem gerando a oportunidade da existência de uma maior pluralidade de informações e de pensamentos.

Na contemporaneidade, o colunismo tem atuado de forma mais plural possível e, desta maneira, o jornalista tem o dever de conhecer todas as áreas do conhecimento para que seja possível se apoiar em vários aspectos da sociedade de modo a viabilizar a implantação de uma prática jornalística mais humanizada através da busca de um jornalismo de compreensão.

O desafio do colunismo na atualidade é de se colocar dada vez mais em sintonia com a sociedade para o fortalecimento da democracia. Sem sombra de dúvida, o jornalismo precisa se firmar como um instrumento a serviço das pessoas. Para isso, entendo que será necessária a sua desvinculação dos interesses estritos do empresariado que integram os meios de comunicação.

O exercício intensivo dos colunistas, o aumento do número de profissionais e as facilidades com as novas tecnologias e, além disso, a situação de

aprofundamento do processo democrático, surge como uma manifestação latente de mais dinamismo no fazer jornalístico político da atualidade.

Não tem como negar que em outros tempos leia-se durante os governos cuja marca maior era a repressão, ou seja, durante o regime totalitário, havia um número bem maior de restrições em relação a divulgação dos fatos. A provocação de determinados temas e a instigação dos debates ocorriam de uma forma mais tímida. Até a captura das informações se davam com menos liberdade que hoje.

O desnudamento dos acontecimentos era feito graças aos esforços e ao poder de articulação dos profissionais. Espremidos pelas pressões que eram ainda mais fortes, os colunistas viam, ali, a possibilidade de materializar, na coluna, as ideias e as interpretações a respeito da política que estava sendo colocada para a sociedade. Nota-se que todos eles se desdobravam para que o que estava sendo divulgado tivesse repercussão social, ou seja, para que os fatos noticiados fossem além da escrita.

Momentos diferentes. Situações díspares. Mesmo assim, percebe-se que o colunista político jovem ou o mais experiente, desde que esteja atualizado vive a mesma motivação no que diz respeito a construção da notícia. Eles dão significados aos fatos e fazem as devidas apurações. A dinâmica, na atualidade, é que é outra.

As formas de se manifestar e o fato de vivermos em uma situação democrática, além das facilidades advindas com as novas tecnologias, é que são diferentes. O velho e o novo se revelam bem atuantes, embora entendamos que as circunstâncias são bastante distintas.

No colunismo político ou em qualquer outra área do jornalismo, as pressões fazem acentuar de maneira extremada as tensões entre as instituições que possuem o poder e a prática do exercício jornalístico.

3.4 AS REDES SOCIAIS

Rede social é uma estrutura social composta por pessoas ou organizações, conectadas por um ou vários tipos de relações, que compartilham valores e objetivos comuns. Uma das fundamentais características na definição das redes é a

sua abertura, possibilitando relacionamentos horizontais e não hierárquicos entre os participantes.

Nos dias atuais, é praticamente impossível pensar no mundo sem os serviços oportunizados pela rede mundial de computadores. Ela tomou conta dos lares de pessoas de todo o mundo. Hoje, estar em sintonia com a internet passou a ser uma necessidade de extrema relevância.

Veio o ano de 2006 e, com ele, começou a surgir um novo tempo no campo da internet com os avanços das redes sociais. Pioneiro, o ORKUT foi uma referência para os brasileiros. Outras redes foram surgindo com o passar do tempo como, por exemplo, Facebook, Twitter, Google +, Instagram, entre outros.

As redes sociais, como se sabe, tem adquirido importância cada vez mais crescente na sociedade moderna. Elas têm se caracterizado primariamente pela autogeração de seu desenho, bem como pela sua horizontalidade e, ainda, pela sua descentralização.

Existe um ponto em comum dentre os diversos tipos de redes sociais que é o compartilhamento de informações, conhecimentos e interesses. Além de esforços em busca de objetivos comuns. Sem sombra de dúvida, a intensificação das redes sociais, nesse sentido, reflete um processo de fortalecimento da sociedade civil, em um contexto de maior participação democrática e mobilização social.

As redes sociais costumam reunir uma motivação comum, porém, elas podem se manifestar de muitas maneiras. Eis as principais:

Redes comunitárias: estabelecidas em bairros ou cidades, em geral tendo a finalidade de reunir os interesses comuns dos habitantes, melhorar a situação do local ou prover outros benefícios.

Redes profissionais: prática conhecida como networking, tal como o LinkedIn, que procura fortalecer a rede de contatos de um indivíduo, visando futuros ganhos pessoais ou profissionais.

Redes sociais online tais como Facebook, WhatsApp, VK, Google + MySpace, Twitter, BadooWorldPlatform.

A análise de redes sociais surgiu como uma técnica chave na sociologia moderna. O conceito surgiu na sociologia e na antropologia social. Foi no final do século XX que o termo passou a ser olhado como um novo paradigma das ciências sociais, vindo a ser aplicada e desenvolvida no âmbito de disciplinas tão diversas como a antropologia, a biologia, os estudos de comunicação, a economia, a

geografia, as ciências da informação, a psicologia social, a sociolinguística e, sobretudo, no serviço social.

A ideia de rede social começou a ser usada a cerca de um século atrás, para designar um conjunto complexo de soluções entre membros de um sistema social a diferentes dimensões, desde a interpessoal à internacional.

Na estrutura das redes sociais, os atores sociais se caracterizam mais pelas suas relações do que pelos seus atributos (gênero, idade, classe social). Estas relações têm uma densidade variável, à distância que separa dois atores é maior ou menor e alguns atores podem ocupar posições mais centrais que outros.

É importante destacar que no fazer jornalístico na atualidade, as redes sociais têm sido grandes instrumentos de agregação para os profissionais, bem como para os receptores da notícia em virtude da interação que se estabeleceu entre eles para a materialização do produto noticioso.

Elas, as redes sociais, têm se constituindo em importantes ferramentas para a agilização na divulgação das informações. Claro, é importante também destacar, que o material veiculado através delas precisa passar por um processo de consulta pelos profissionais de imprensa antes de ser levado ao público para evitar que a notícia seja divulgada com erros ou equívocos.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo de produção da notícia, na contemporaneidade, muitas vezes, em função do tempo, tem prejudicado, de alguma forma, a força criativa do profissional jornalista que se vê limitado a se aprofundar no trabalho de análise dos fatos, de consulta às fontes e, assim, poder ampliar todas as vertentes de possibilidades que permitem apontar os desdobramentos que podem ser úteis para a abertura de caminhos que levem ao aprimoramento da criticidade do público.

Com isso, o que se tem verificado é um produto jornalístico que fica apenas na superficialidade dos fatos. Funcionando como reprodutor dos acontecimentos e fechando portas e janelas para o desenvolvimento de pensamentos transformadores.

Desse modo, a capacidade intelectual do jornalista fica bastante resumida e, comprometendo, inclusive, a função social que possui o profissional de imprensa no seio da sociedade. Esse formato de jornalismo tem, de alguma maneira, tornado o jornalista meio que mecanizado. Isso tem gerado certa tensão no mercado em virtude dessa conduta que leva o profissional a condição de um simples repassador de informação.

Entendo que o livro-reportagem, em consonância com a academia, termina por se constituir em um excelente instrumento para se praticar um jornalismo de qualidade e, ao mesmo tempo, oferecer a oportunidade de se conhecer o processo de construção dos que atuam no colunismo de opinião no jornalismo paraibano.

Na condição de jornalista que milita no universo do jornalismo paraibano, inclusive no jornalismo político, percebo que é importante para o mercado e também para o próprio ambiente acadêmico, se for o caso, a criação de um fórum permanente de debates envolvendo o mercado e a academia tendo como um dos objetos discutir as produções que são feitas pelos pesquisadores com o intuito de aprimorar o conteúdo nessas ambiências.

Consciente do grande desafio que essa missão me impôs, esse estudante de mestrado se associou aos estudos sobre jornalismo político, jornalismo de opinião e da crítica genética para que pudesse tornar possível a materialização do nosso produto.

Preparar essa análise não foi uma tarefa das mais fáceis. Foram muitas as adversidades ao longo dessa jornada. Tivemos que dividir o tempo entre estudo, trabalho e família. Foi preciso fazer malabarismos para não deixar morrer o sonho de ver esse produto materializado. Foi um percurso com mudança de orientador, de objeto de estudo, de marcação e remarcação de entrevistas e de correria em busca de material para auxiliar no trabalho.

Mas, sanado tudo isso, e com o auxílio da orientadora, escrever esse livro-reportagem representou um momento extraordinário na minha vida. A partir desse trabalho eu pude ter uma compreensão mais ampla de como é retratar o dia a dia da política estadual e de outras questões de interesse social indo além do visível, ou seja, capturar a informação de bastidor e colocar a disposição do público.

Através dessa pesquisa pudemos ter a oportunidade de nos aprofundar mais no universo da narrativa jornalística, de modo a ampliar o nosso leque de

conhecimento sobre o processo de construção da notícia para podermos oferecer ao destinatário da informação algo que realmente tenha relevância.

Essa experiência, com toda certeza, já está sendo e continuará a ser grande subsidiária para o exercício da nossa atividade de jornalista. Trata-se de um horizonte a mais para melhor retratar a realidade dos fatos. Mergulhando de corpo e alma para melhor levarmos o acontecimento até o receptor e, a partir dali, ele poder fazer a sua própria reflexão.

A escolha dos profissionais estudados bem justificou os nossos propósitos uma vez que são jornalistas que prestam grandes contribuições ao jornalismo brasileiro e, em particular, ao jornalismo paraibano. Trata-se, na verdade, de pessoas com farta experiência a ser contada e, que certamente, não terá condição de ser tratada em veículos de comunicação periódica tradicional.

O colunismo desses profissionais está forjado em uma natureza fiscalizadora e, também, voltado para a estimulação e a provocação de debates relevantes em torno das temáticas políticas e sociais. O presente estudo revelou que as colunas apresentam eixos centrais que são o acompanhamento das ações envolvendo os poderes (legislativo, judiciário e executivo).

Os espaços jornalísticos que foram objeto dessa pesquisa mostram que os seus responsáveis têm depositado os seus olhares para os fatos que repercutem e modificam a vida das pessoas. Na verdade, nota-se que esses profissionais jornalistas têm buscado, de alguma forma, tratar as temáticas de interesse da coletividade.

Observa-se, claramente que existem algumas dificuldades para a construção dos textos, sobretudo, em relação a algum tipo de pressão. Apesar disso, esse colunismo tem procurado se ater as questões que se revestem em verdadeiras prestações de serviço.

São olhares que percorrem do mais simples ato ao mais grave como, por exemplo, uma condecoração, uma concessão de um título de cidadania a uma determinada autoridade à possíveis situações de corrupção e desvios de recursos públicos.

As colunas analisadas, por serem menos informativas, se constituem em canais predominantemente de opinião, de crítica e de análise, de maneira a possibilitar o surgimento de vozes, inclusive, de pessoas comuns da sociedade levando-as a deixarem a condição de objeto da história para se transformar em

sujeito. É que, ficou evidenciado durante as entrevistas, que esses espaços também são abertos para a participação dos cidadãos, ou seja, eles deixam de figurar apenas como meros receptores da notícia.

Trata-se de uma alternativa que essas pessoas dispõem de colocar elementos subsidiários no desenvolvimento da opinião sobre os acontecimentos sociais com vinculação ao respeito e ao pleno exercício da cidadania e ao interesse público.

A diversificação e a pluralidade de posições, ideias e críticas que se encontram presentes nesses espaços comunicacionais dimensionam o relevo que tem esses instrumentos dentro da sociedade. Com base nisso, verifica-se que existem dinamismo e democratização desses espaços privados dos meios de comunicação para o espaço público (a sociedade) e que só vem a consagrar como ponto alto do colonismo analisado nesse trabalho.

As colunas desses artífices da notícia são mecanismos que expressam não só a postura dos jornalistas, mas, com raríssimas exceções, os posicionamentos dos leitores também através das matérias, das reportagens e dos artigos que lêem e das informações por eles repassadas. É pertinente destacar que isso é válido tanto para a mídia impressa quanto para a mídia digital.

Nesse processo de investigação sobre o método de construção dos textos desses profissionais, verificamos que as colunas acabam se firmando como um local em que o público leitor tem um desejo latente de colaborar com informações e participar do debate.

Podemos observar que o leitor também se coloca na condição de um formador de opinião. Ficou evidenciado nas declarações desses jornalistas que ele (o leitor) vai além de fonte que norteia as discussões, mas parte importante dentro dessa seara de debates.

Outra questão que chamou a atenção diz respeito ao fato de que os jornalistas estudados não se limitam apenas a provocar as discussões em torno de temas voltados para a política partidária. Eles abordam diversos assuntos que se apresentam revestidos de interesse da coletividade.

Destacar também que temas nacionais e até internacionais com repercussão no estado não são despercebidos pelos olhares desses profissionais mostrando que eles têm uma preocupação em ir além dos horizontes locais dando

a possibilidade aos espectadores de terem um panorama do que acontece fora do cenário estadual.

Essas características revelam que as colunas são construídas através de narrativas e de temas que contam com contribuições, provocações, críticas e sugestões de leitores e de colaboradores dos mais diversos segmentos da sociedade.

Esse colunismo aqui investigado demonstra que existe uma procura para não ficar atrelado apenas às questões voltadas mais para a política partidária. Verifica-se discussões sobre assuntos de natureza político-administrativa e até relacionados a política de assistência social. Percebe-se que as temáticas exploradas traduzem que a política é retratada de uma forma mais abrangente.

O colunismo político paraibano, como foi possível constatar nesse estudo, segue uma tendência nacional, ou seja, são colunas formadas de um artigo e seguidas de notas a respeito do que acontece nos meandros dos poderes. Na busca de desvendar os mistérios que circulam nos bastidores e labirintos da nossa política.

Notamos no presente estudo e que chama a atenção é que aparecem também fatos que não são políticos. É muito forte a presença de temas que fogem das questões relacionadas a política partidária. É substancial a abordagem dada aos acontecimentos de interesse público. De modo, que permite o surgimento de caminhos que leva cidadania à coletividade. Por exemplo, a construção de uma praça e denúncia de superfaturamento em licitação pública.

Outro ponto que merece destaque, com exceção de João Manoel de Carvalho, é o fato de que os nossos pesquisados estão inteiramente conectados e à vontade em relação à utilização das ferramentas tecnológicas como parceiras na construção das suas colunas. João Manoel afirmou que só usa o computador para digitar os textos e nada mais, bem como não é adepto das redes sociais, por exemplo, WhatsApp. O jornalista em tela nasceu dentro da cultura da máquina de escrever nas redações.

Além disso, é importante registrar que apesar das pressões e conflitos que surgiram e que surgem, esse colunismo continua resistindo e chegando aos destinatários. Embora, não chegue da forma como deveria como foi dito durante o processo de coleta de informações, principalmente pelo jornalista Heron Cid.

A predominância da checagem, da apuração e da investigação, inclusive sobre o material encaminhado pelas fontes, imprime um caráter de profissionalismo e de responsabilidade com o manuseio da informação. Isso denota o compromisso que esses profissionais têm em oferecer um produto com a devida qualidade que merece ter.

Portanto, a metodologia do estudo para produzir esse livro-entrevista está apoiada pelos procedimentos metodológicos da investigação do processo criativo da crítica genética e, utilizando o instrumento de coleta de dados, ou seja, através do método da Entrevista em Profundidade, porém, semiestruturada.

Embora em alguns momentos a entrevista flua de alguma maneira não estruturada, mas ela é predominantemente semiestruturada. Acreditamos que contribuímos de alguma forma para a possibilidade de estudos futuros a respeito do colunismo do estado da Paraíba. Durante a pesquisa constatamos uma carência de literatura sobre a produção jornalística paraibana. Esperamos que esse produto possa gerar a realização de outras produções na graduação e na pós-graduação através de artigos e dissertações, livros e até mesmo teses para o enriquecimento do nosso jornalismo.

REFERÊNCIAS

- ALSINA, Miguel Rodrigo Alsina. **A construção da notícia**. Petrópolis: Vozes, 2009 – (Coleção Clássicos da Comunicação Social).
- AMARAL, Luis. **Jornalismo**: matéria de primeira página. 3.ed. Rio de Janeiro: 1982.
- ARAÚJO, Fátima. **Paraíba**: imprensa e vida. 2.ed. João Pessoa: Grafset, 1986.
- ASSUNÇÃO, Luis Fernando. **O processo investigativo do jornalista Nilson Mariano**. 2005. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) Universidade do Vale do Rio dos Sinos- Unisinos (São Leopoldo-RS), 2005.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BELTRÃO, Luiz. **Jornalismo opinativo**. Porto Alegre: Sulina, 1980.
- BELO, Eduardo. **Livro-reportagem**. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2006.
- BUCCI, Eugênio. **Sobre a Ética e Imprensa**. São Paulo: Schwarcz, 2000.
- CAPUTO, Stela Guedes. **Teoria, prática e experiências**. Rio de Janeiro: vozes, 2006. Coleção Ensinar Jornalismo.
- CARVALHO, Kátia de. **Imprensa e informação no Brasil, século XIX**. V. 25, n. 3. 1996. Disponível no site: <HTTP://dici.ibict.br/archive/00000179>. Acesso em 25 junho. 2016.
- COUTINHO, Iluska. Colunas Jornalísticas de notas: representação na imprensa. In:_____Imprensa e poder. Brasília, DF: UNB, 2002.
- COUTINHO, Iluska. Colunas jornalísticas de notas: representação na imprensa. In: MOTTA, Luiz Gonzaga (Org.). **Imprensa e poder**. Brasília, DF: UNB, 2002, p. 275-300.
- DANTON, Roberto. Fofocas, folhetins: as notícias na França do século XVIII. In: MOTTA, Luiz Gonzaga (Org.). **Imprensa e poder**. Brasília,DF: UNB, 2002, p. 227-246.
- DINES, Alberto. **O papel do jornal**. 5.ed. São Paulo: Summus, 1986.
- DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio (Org.). **Métodos e Técnicas em pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005.
- ERBOLATO, Mário L. **Técnicas de codificação em jornalismo**. 5.ed. São Paulo Ática, 1991.
- GREGO, Aline. PROCESSO: Documentos de processos jornalísticos. **Symposium**, Universidade Católica de Pernambuco, v. 1, n. 1, p.40-45, jun. 2000.

GUIMARÃES, Lúgia et al. **Processo de produção jornalística**: do nariz de cera ao lead, nos jornais de São Luiz. Disponível em: Org.br/papers/nacionais/2006/resumos/R1408-2.pdf, 2006. Acesso em 20 julho. 2016.

JOBIM, Danton. **O espírito do jornalismo**. São Paulo: Edusp, ComArte, 1992.

LAGE, Nilson. **Estrutura da notícia**. São Paulo: Ática, 1985.

LAGO, Cláudia; BENETTI, Márcia (Org.). **Metodologia da pesquisa em jornalismo**. Petrópolis: Vozes, 2007.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas**: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura. Campinas: UNICAMP, 1995.

_____. **O que é livro-reportagem**. São Paulo: Brasiliense, 1998.

LINS, Aline Maria Grego. **O Processo de Produção Telejornalístico à Luz da Crítica Genética**. 2000. Tese (Doutorado em Jornalismo e Semiótica – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo).

_____. Processo: Documentos de processos jornalísticos. **Symposium**, Universidade Católica de Pernambuco, v. 1, n. 1, p.40-45, jun. 2000.

MADRID, Heron Cid Cesar Soares de. **A coluna de Rubens Nóbrega**: um espaço politizante na imprensa paraibana. 2006. 125 f Monografia (Jornalismo)- Decom, Universidade Federal da Paraíba- João Pessoa.

MAINGUENEAU. **Análise de textos de comunicação**. São Paulo: Cortez, 2002. 75

MARCONDES FILHO, Ciro. **O capital da notícia**: jornalismo como produção social da segunda natureza. 2.ed. São Paulo: Ática, 1989.

MARTINS, Franklin. **Jornalismo político**. São Paulo: Contexto, 2005.

MEDINA, Cremilda. **O signo da relação**: comunicação e pedagogia dos afetos. São Paulo: Paulus, 2006.

MELO, José Marques de. **A opinião no jornalismo brasileiro**. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

_____. **Comunicação, Opinião, Desenvolvimento**. 4.ed. Petrópolis: Vozes, 1979.

_____. **A opinião no jornalismo brasileiro**. Petrópolis: Vozes, 1985.

MELO, José Otávio de Arruda. **João Pessoa perante a história**: textos básicos e estudos críticos. João Pessoa: Secretaria de Educação e Cultura-PB, 1978.

MELO, José Marques de. **Jornalismo opinativo**: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro. 3.ed, Campos do Jordão : Mantiqueira, 2003.

DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (Org.). **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005.

MIGUEL, Luis Felipe. Os meios de comunicação e a prática política. **Lua Nova**, p.55-56, 2002.

MOTA, Luiz Gonzaga (Org.). **Imprensa e poder**. Brasília, DF: UNB, 2002.

PENA, Felipe. **Teoria do Jornalismo**. São Paulo: Contexto, 2005.

MOURA, Sandra. **Caco Barcelos: o repórter e o método**. João Pessoa: Ed. Universitária-UFPB, 2007.

REGO NETO, Roberta; SANTOS, Raíssa Nascimento dos. **Jornalismo investigativo a partir da análise de processo do livro-reportagem Clamor**, de Samarone Lima. Disponível em: Portalintercom.org.br/anais/nordeste2015/lista_area_DT01.htm. Acesso em: 12 jul. 2016.

PINTO, Milton José. **Comunicação e discurso**. São Paulo: Hackers Ed, 2002.

RAMOS, Murilo César. Intrigas da corte: jornalismo político nas colunas sociais. In: MOTA, Luiz Gonzaga (Org). **Imprensa e poder**. Brasília, DF: UNB, 2002.

REGO FILHO, Antonio Serafim do. **Síntese histórica da imprensa da Paraíba**. João Pessoa: A União, 1963.

ROMERO, Alberto. **O assunto é jornal**. Rio de Janeiro: Ouvidor, 1965.

RUIZ, João Álvaro. **Metodologia científica: guia para eficiência nos estudos**. 4.ed. São Paulo: Atlas, 1996, 48 p.

SALLES, Cecília Almeida. **Gesto inacabado: processo de criação artística**. São Paulo: FAPESP, Annablume, 1998.

SANTOS, Márcio Carneiro dos. **Os impactos da tecnologia e o processo de produção jornalístico nas redações e assessorias na cidade de São Luiz**.2013. Disponível em: Docplayer.com.br/14701918. Acesso 12 jul. 2016.

SEABRA, Roberto; DE SOUSA, Vivaldo (Org.). **Jornalismo político: teoria, história e técnicas**. Local: Record, 2006.

SEIXAS, Lia. **Redefinindo os gêneros jornalísticos: proposta de novos critérios de classificação**. Local: ed, 2009. 76 p.Série: estudos em comunicação. Labcombooks.

SHOEMAKER, Pâmela J. **Teoria do gatekeeping: construção e seleção da notícia**. Porto Alegre: Penso, 2011.

SILVA, Luiz Martins. Imprensa e cidadania: possibilidades e contradições. In: MOTTA, Luiz Gonzaga (Org). **Imprensa**. Brasília,DF: UNB, 2002.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da imprensa no Brasil**. 5.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

SOUZA, Rogério Martins de. **Dos canapés à política: a reinvenção permanente do colunismo como gênero jornalístico**. 2009.Tese (Doutorado em Comunicação e Cultura)-Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo**: porque as notícias são como são. Florianópolis: Insular, 2004.

VIÁ, Sarah Chucidda. **Opinião pública**: técnica de formação e problemas. São Paulo: Loyola, 1983.

VIEIRA, Karine Moura. **O desafio de narrar uma vida**: a crítica genética no estudo da biografia como gênero jornalístico. 2011. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Informação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

O PRODUTO

APRESENTAÇÃO

Este livro relata o processo de construção de sete colunistas de opinião no jornalismo paraibano. O produto foi elaborado, principalmente, para a obtenção do título de mestre, no Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Bem como, para a comunidade acadêmica, profissionais de comunicação e todos àqueles que se interessam, de alguma forma, pela cobertura política.

Ao iniciar na disciplina Práticas Investigativas em Jornalismo, no mestrado profissional da UFPB, ministrada pela professora Sandra Regina Moura, fui convidado para lhe enviar um resumo sobre o meu projeto de pesquisa para que ela pudesse, a partir dele, preparar um plano de aulas para atender as propostas de análise de cada um dos mestrandos, ali, matriculados.

Ao deparar com o meu objeto de estudo, de então, que se tratava de uma análise da coluna política do jornalista Heron Cid no período microeleitoral na campanha governamental de 2014, Sandra Moura sugeriu que investigasse o método de elaboração das colunas de alguns colunistas políticos do estado da Paraíba. Dessa forma, foi dado o primeiro passo rumo a materialização do meu projeto de pesquisa. Ouvei a sugestão com bastante atenção, mas disse que precisava conversar com a minha orientadora a professora Joana Belarmino de Sousa.

A decisão de mudar ou não o foco da pesquisa não caberia apenas a mim naquele momento. Fui até a casa de Joana e lhe contei da conversa que tinha tido com Sandra. Depois de me ouvir ela quis saber da minha opinião a respeito, por entender que, na condição de autor da análise, precisava sentir o meu ponto de vista a respeito do assunto.

Não demorei muito para lhe responder que, àquela altura, eu já me encontrava completamente seduzido pela a ideia de me lançar nessa investidura para buscar compreender como funciona esse universo em que se retrata o ambiente em que habita a política de bastidor.

O bastidor é um espaço em que as grandes decisões são tomadas e que repercutem diretamente no seio da sociedade. Por isso, entendo que é preciso revelar esses momentos para que os debates importantes possam surgir.

Com o sinal verde da orientadora, voltei a conversar com a professora Sandra com o intuito de amarrarmos a ideia e darmos início ao processo de investigação. Inclusive, os profissionais que iriam compor o elenco de pesquisados. A imprensa paraibana e, em especial o colunismo político, possui nomes de relevância que atuaram e que ainda atuam nesse campo do jornalismo.

Uma vez decidido a desnudar os bastidores da política estadual paraibana, por meio do processo de produção dos colunistas de opinião, queria logo definir os personagens da análise para colocar, como dizem, a mão na massa (no meu caso no computador) e começar a pesquisar.

Confesso que não parava de pensar como ia ser a descoberta do método de trabalho de cada um que iria estar entre os meus entrevistados. Era uma mistura de ansiedade com curiosidade que, às vezes, me causava uma grande inquietação.

Ao lado de tudo isso, também teve o fato da existência de um grande desconhecimento a respeito das dificuldades, das barreiras, das motivações e, porque não dizer, das gratificações que são bastante comuns aparecerem no dia a dia de um profissional de imprensa. Imaginava o que eles poderiam me revelar dos bastidores através das suas falas.

Com eles, eu tive a oportunidade de verificar a rotina produtiva de cada um. Na verdade, este livro traz o bastidor do processo laboral dos colunistas políticos Heron Cid, Laerte Cerqueira, Rubens Nóbrega, Walter Santos, Nonato Guedes, Lena Guimarães e João Manoel de Carvalho.

São jornalistas com raízes bem fincadas como colunistas políticos na Paraíba. Aqui, se tem o olhar de cada um na observação do que ocorre internamente na política paraibana. Diante disso, senti a necessidade de fazer um mergulho em torno da elaboração do espaço em que cada um desses profissionais escreve e faz emergir o bastidor dos poderes públicos até à superfície.

O livro foi escrito em dois capítulos antecédidos de uma matéria de abertura ou apresentação. No primeiro, foi feita uma análise dos dados coletados e que dei o nome de colunismo de opinião na Paraíba: abrindo o debate. A construção da reportagem ocorreu mediante a escolha de 05 tópicos que considerei mais representativos e, entendi, que esses pontos contemplam todos os objetivos da minha proposta.

No segundo, trago as sete entrevistas. Antes de cada uma delas, fiz um mini-perfil dos entrevistados para que os leitores conheçam um pouco da história de cada um deles e, assim, se sintam meio que familiarizados de modo a facilitar e tornar o processo de leitura mais instigante.

Foi feito um roteiro de perguntas que permitiu a viabilidade das entrevistas em virtude de criar as condições para um aprofundamento em questões que, foi entendido, como sendo de total relevância para a compreensão do fazer jornalístico dos colunistas.

As entrevistas são peças fundamentais para a leitura mais precisa do processo de produção de cada um dos profissionais estudados. Afinal, as entrevistas são a “espinha dorsal” de uma reportagem, podemos dizer assim. Cito, inclusive, o jornalista e escritor pernambucano Geneton Moraes Neto, que faleceu no dia 22 de agosto deste ano, que se tornou referência na profissão pelo talento para realizar entrevistas. Com mais de 40 anos de carreira, ele era apaixonado pelo exercício da reportagem, o que dizia ser “realmente importante” no jornalismo.

Através desse livro-reportagem vi ser perfeitamente possível entender os percursos que os jornalistas entrevistados fazem para produzir as colunas. Além disso, ser aqui, um instrumento de verificação de como se processa a relação dos profissionais com os fornecedores das informações, ou seja, as fontes.

Outrossim, esse mecanismo propiciou uma investigação a respeito da metodologia de trabalho utilizada pelos jornalistas responsáveis em revelar os meandros da notícia de bastidor para o seu espectador. São extratos da política que sem eles ficariam submetidos a um profundo esquecimento.

Trata-se de um trabalho exploratório em que são mostrados os aspectos representativos para a feitura de um campo comunicacional que vem se expandindo cada vez mais nas diversas plataformas jornalísticas (impressa, eletrônica e digital). Lembro que as entrevistas foram presenciais e que as primeiras perguntas foram elaboradas com o propósito de facilitar uma aproximação entre o entrevistador e o entrevistado para uma conversa mais franca e aberta.

Com esta produção, entendo que abre-se uma oportunidade para uma reflexão a respeito do fazer jornalístico e permitindo a abertura de novos caminhos e perspectivas dentro desse eixo de comunicação.

Espero que este livro também possa trazer relevantes contribuições de alguma maneira para que o grande público possa entender um pouco mais do trabalho dos que atuam no colunismo político na Paraíba e, a partir dele, tenha uma idéia mais clara da sua rotina de produção, do colunismo político, do espaço da coluna, do processo de construção, das fontes, dos colunistas e as tecnologias e das pressões e conflitos.

De fato, a matéria prima dessa obra são as entrevistas. Aliás, elas foram substanciais para que chegássemos a algumas conclusões a respeito do método de produção dos nossos entrevistados. Por exemplo, podemos perceber a prática da autocensura por alguns dos profissionais em tela.

O dialogismo que também se encontra presente nesta pesquisa, conforme ficou constatado, é um outro elemento que nos chamou a atenção, bem como o interesse pela busca da checagem da informação que é umas das grandes premissas do jornalismo feito com responsabilidade.

Destaque também para a forte e marcante disputa entre a mídia e o poder (político e econômico). Algo que, na verdade, se constitui em um dos maiores dilemas de quem atua na área. Trata-se, com certeza, um dos grandes desafios diários enfrentados por cada profissional de imprensa.

Me surpreendeu o fato do jornalista João Manoel de Carvalho afirmar que não se utiliza de fontes políticas para a produção do seu material. Da mesma forma, não posso dizer que não fiquei surpreso quando o jornalista Rubens Nóbrega se mostrou desinformado a respeito de uma lei aqui em João Pessoa que dá direito ao agente de trânsito adentrar os estabelecimentos comerciais (shoppings e supermercados) para verificar se os estacionamentos destinados à pessoas especiais estão sendo usados indevidamente.

O jornalista é um importante instrumento de vigilância em uma sociedade. Por isso, se faz pertinente conhecer melhor o trabalho de cada um nesse processo árduo de correr atrás dos fatos e interpretá-los.

COLUNISMO DE OPINIÃO NA PARAÍBA: ABRINDO O DEBATE

O espectador, na contemporaneidade, encontra uma variedade de notícias e de temas, inclusive, na esfera política que envolve toda a sociedade. Seja na mídia impressa, eletrônica ou na mídia digital. Vivemos, portanto, em uma sociedade da informação em que as mudanças são constantes, inclusive, nas relações humanas. São mudanças de abrangência de segmentos, de informações e, também, de interesses.

Estamos em um momento de muitos debates sobre o jornalismo e que inclui também o jornalismo político. Dessa forma, a análise que fizemos a respeito de alguns profissionais que atuam no colunismo de opinião no jornalismo paraibano mostra que o espaço que vem sendo destinado para o noticiário com viés político é bastante considerado pelas empresas de comunicação.

Antes de apresentar aos leitores as entrevistas realizadas, faremos nesta reportagem analítica um breve balanço sobre o colunismo político na Paraíba, com reflexões sobre o que nos disse cada um dos entrevistados.

O colunismo político

O colunismo político paraibano tem se revestido no papel de garantir visibilidade às questões em que estão envolvidos os cidadãos. Mergulhando nos bastidores da construção jornalística dos nossos entrevistados constatamos que existe um ponto em comum entre eles. Refiro-me ao fato de que, em todo o conjunto analisado encontramos a presença de uma leitura crítica sobre os acontecimentos que permeiam o nosso estado.

A partir dessa criticidade na produção dos seus textos, notamos que cada um, ao seu estilo, tem buscado fomentar a oportunidade de, através de seus espaços informacionais, fazer com que haja a instrumentalização dos debates em

torno de assuntos envolvendo as esferas dos poderes (legislativo, executivo e judiciário).

Segundo o jornalista Heron Cid, o seu papel enquanto colunista político é de criticidade porque entende que através do senso crítico terá condições de observar, provocar e suscitar debates relevantes nos mais variados segmentos da sociedade.

Na condição de observadores dos poderes públicos, notamos, ainda, que no processo criativo dos nossos pesquisados existe uma predominância de querer levar a notícia ao espectador com o maior grau de veracidade possível. Para tanto, percebemos que eles recorrem com frequência a variados recursos. Entre eles, à checagem, à investigação e a utilização de arquivos.

Nesse estudo, ficou evidenciado que esses jornalistas costumam fazer a abordagem de temas que possuem um caráter de coletividade. Conforme observamos, são registrados fatos que se caracterizam de interesse público. Rubens Nóbrega, por exemplo, declarou que o seu foco foi e sempre vai ser enquanto estiver à frente da coluna o interesse coletivo e nunca o interesse de uma determinada pessoa.

É importante destacar que os espaços analisados vão além da discussão em torno da política partidária. Há um campo amplo de reflexão a respeito de temáticas que estão no seio da sociedade. Podemos sentir que neles são abertos caminhos e possibilidades para a implantação de discussões, ideias e interpretações da realidade dos acontecimentos.

Walter Santos mesmo afirmou que aborda temas variados e que é dono de uma inquietação muito grande para retratar questões simples como, por exemplo, o sentimento humano.

O que fica cristalizado pelo presente estudo, é que esses profissionais de imprensa têm uma latente preocupação em fornecer um espaço de notícias com uma pluralidade temática. E, além disso, oferecer um conteúdo que esteja em consonância com os desejos do público consumidor desse material produzido.

O espaço da coluna e o processo de construção

A arte de escrever requer alguns ritos. Isso é válido também para o jornalismo. No espaço da coluna o que chama a atenção no processo de construção dos pesquisados são algumas questões de fundo que vamos levantar. A rotina produtiva desses jornalistas é marcada pela presença de um autodiálogo que eles mantêm durante a produção dos textos.

Aliás, trata-se de um mecanismo que é inerente ao exercício da atividade de qualquer profissional de imprensa. É comum o jornalista quando vai preparar o texto manter um diálogo consigo mesmo. Trata-se de algo próprio do jornalista. Às vezes, o que ocorre é uma diferença no modo de colocar em prática esse mecanismo.

Walter Santos contou que costuma tanto se utilizar desse artifício que vive sempre em uma espécie de terapia em virtude de ser um insatisfeito por natureza, de ser exigente e de sempre querer fazer mais.

Outro ponto emblemático no trabalho desenvolvido por esses profissionais diz respeito à pauta. Recurso este que podemos observar que de uma forma ou de outra faz parte de suas rotinas de produção. O que se constata a partir de suas falas é que todos estão imersos nessa atmosfera de fazer um jornalismo que seja capaz de alcançar os anseios dos destinatários.

Até os que têm o hábito de escrever de uma vez só também demonstram que fazem um mergulho em suas produções apesar do tempo ser curto para não privar o espectador de uma informação com a precisão que ela precisa e deve ter.

O “modus operandi”, como vimos, pode ser diferente, mas o fato é que há uma predominância na utilização do instrumento da pauta mesmo que ela seja somente aquele tema que esteja em evidência naquele dia. Com base em seus relatos, notamos que a pauta se apresenta não, geralmente, naquela forma tradicional em que se elenca, com antecipação, vários assuntos para serem trabalhados durante todo o dia.

A jornalista Lena Guimarães declarou que sempre faz uso de pauta. Ela explicou que algumas temáticas já ficam agendadas como é o caso de uma visita de um chefe da nação a uma cidade da Paraíba; e que outras, são construídas durante o dia.

Encontramos também nesse processo de análise uma predominância muito forte com relação ao recurso de anotar as informações para a materialização das colunas. Pelo que vimos, os colunistas estudados usam as formas mais variadas

para capturar as informações. Eles frisaram que se utilizam de guardanapos, celulares e até do próprio corpo para fazer as anotações que consideram pertinentes para a realização do trabalho.

Fica demonstrado a partir dessas revelações que os profissionais de imprensa entrevistados são bastante abnegados ao ato de criação, do seu fazer jornalístico e que não medem os esforços para fazer com que a informação chegue ao público e com o máximo de detalhes possíveis.

Está claro que há diferenças apenas na metodologia que cada um desses profissionais adota para a preparação dos textos. É claro que se trata de uma opção até porque sabemos que é livre a forma como se adquirir os elementos para compor o material jornalístico.

Nonato Guedes esclareceu que além de fazer as anotações onde for possível ainda procura fazer gravações para que não venha a correr nenhum risco de ficar sem a informação que considera importante para o enriquecimento do seu trabalho.

Com base nas falas dos nossos estudados sobre o processo de captura de elementos para os textos, verificamos que existe um processo de observância que se estabelece na perspectiva de apreensão de conhecimento por meio de ações que são variadas, mas que têm a mesma finalidade que é construir um mosaico de informações e lançá-las ao público.

Diante de tudo que foi detectado através dessa investigação em torno do processo de construção do trabalho desses colunistas, é importante frisar que apesar da mudança de ferramentas para o processo da confecção da notícia todos eles se utilizam de mecanismos físicos (papel, celular, computador) para a obtenção da coleta de informações.

As fontes

No espaço da coluna e no processo de criação dos nossos estudados, as chaves encontradas foram os colaboradores, fontes variadas (agentes políticos, cidadãos comuns e leitores). Ancorado nas informações que obtivemos por meio das entrevistas com os nossos colunistas, é importante registrar o respeito com que eles tratam as fontes.

Trata-se- de uma relação respeitosa, mas também de muito cuidado como podemos verificar. Nonato Guedes explicou que apesar de manter uma boa relação com as pessoas que lhe ajudam na sua produção, sempre teve o cuidado de analisar cada informação que lhe é repassada para não correr o risco de divulgar algo que não seja verdadeiro.

No meio dessas colaborações informacionais para a construção desses espaços jornalísticos, localizamos a presença forte de profissionais da comunicação agindo como subsidiários para a materialização do processo de produção dos nossos entrevistados.

Conforme analisamos, as informações advindas de pessoas da mesma área de trabalho ocorrem através dos programas jornalísticos veiculados em rádio e em televisão, bem como em um diálogo direto com os repórteres que fazem a cobertura jornalística dos principais eventos no estado.

Heron Cid esclareceu que entre os seus maiores colaboradores para deixar a coluna no ponto de impressão estão os repórteres que trabalham com ele.

Bem, notamos que as fontes, quer sejam pessoas da própria área de atuação dos estudados, agentes políticos, cidadãos comuns ou até mesmo os leitores, têm se revestido de relevo para que as notícias, nesse espaço, se torne uma realidade e possa chegar até onde o seu consumidor se encontra.

Não quero dizer com isso que a produção da coluna dependa de forma exclusiva das informações capturadas pelas fontes. Até porque o jornalista João Manoel de Carvalho tem optado em não se utilizar delas para realizar o seu trabalho.

Como ele mesmo afirmou, as suas fontes são os jornais do sul, embora ele reconheça que eles estão em um processo de decadência. Além disso, que, geralmente, constrói seus textos baseado também no seu conhecimento adquirido através das suas leituras.

Como podemos ver, João Manoel de Carvalho tem uma autonomia para a construção do seu espaço comunicacional até porque ele é o proprietário do veículo em que se encontra abrigada a sua coluna. João Manoel consegue se bastar enquanto produtor autônomo da sua produção jornalística.

É relevante destacar que esses profissionais realizam um jornalismo bastante ativo e sempre demonstrando bastante cuidado no tratamento que é dado

as temáticas abordadas para que a informação sirva de instrumento que gere não só conhecimento mas, sobretudo, cidadania.

Destacar também que ao abrir espaço para fontes diversas, a coluna se constitui em ponte para o trânsito de temas que permeiam a sociedade de maneira a ampliar o fórum de debates de forma pluralizada e oferecendo oportunidades da geração de mudanças de concepção de cidadania e dos direitos humanos na atual democracia.

As contribuições originárias pelas fontes evidenciam que o jornalismo vai se integrando à vida das pessoas e mostrando que elas também podem agir como partícipes de um processo de produção jornalístico com repercussão em suas ambiências.

Essa promoção de interação e esse fluxo comunicativo entre fontes e titular da coluna chamam a atenção porque é uma maneira de politizar determinadas questões que são de interesse de uma coletividade. É um horizonte que se abre para a produção da crítica e de elementos para a construção de uma discussão pública de relevância.

Os colunistas e as tecnologias

As ferramentas tecnológicas são uma realidade nos meios de comunicação, bem como na vida das pessoas de um modo geral. Ancorado no processo de coleta de informações dos nossos pesquisados, verificamos que eles conseguem lidar com bastante desenvoltura dentro dessa conjuntura do mundo contemporâneo.

Até mesmo os que têm mais tempo de profissão e que nasceram dentro de uma redação jornalística em que as máquinas de escrever eram suas grandes vedetes, conseguem transitar bem nesse universo em que as tecnologias são predominantes.

Rubens Nóbrega, por exemplo, é muito próximo dessa nova ambiência de produção jornalística. Na busca de facilitar o seu trabalho, ele informou que não dispensa um e-mail, um Twitter e um WhatsApp. Para que se tenha uma ideia da sua afinidade com essas ferramentas, ele revelou, que, por muitas vezes, a coluna é escrita fora do ambiente redacional graças ao seu notebook.

Constatamos, nesse aspecto, entre os nossos entrevistados, a existência de um hibridismo, ou seja, profissionais que tiveram experiências com o barulho ensurdecido das máquinas de escrever e com o silêncio tumular dos computadores.

Trata-se, no entanto, e isso está bem cristalizado nas falas de cada um, que se trata de um núcleo considerável que faz parte desses dois universos.. Esse bloco híbrido conhece de cátedra esses dois momentos para a preparação das notícias.

O mais importante de tudo isso, observamos, é que todos estão envolvidos em realizar um trabalho em que os fluxos comunicacionais busquem de forma insistente transformar o cotidiano das pessoas e, dessa maneira, não esvaziar o debate social ou até mesmo levar a vida pública a um processo degradante de banalização.

É pertinente enfatizar que dentre os profissionais que analisamos e que possui mais tempo no exercício da profissão, que é João Manoel de Carvalho, por opção, não aderiu a esse momento novo com relação ao surgimento e a implantação das tecnologias para o desenvolvimento da atividade jornalística.

O próprio João Manoel contou que o único instrumento tecnológico que utiliza para trabalhar é o computador e, mesmo assim, somente para fazer a digitação dos textos. Aliás, ele contou, ainda, que o fato de ter feito a opção de não migrar de corpo e de alma nesse universo das ferramentas tecnológicas não lhe tem trazido nenhum prejuízo para o exercício das suas funções.

Também merece ser enfatizado que Heron Cid e Laerte Cerqueira são os únicos desse grupo pesquisado que sempre estiveram inseridos na atual conjuntura porque já nasceram dentro dessa cultura tecnológica. Ambos nunca chegaram a se utilizar da máquina de escrever nas redações.

Híbridos ou não, notamos que todos eles vivem a perseguir, diuturnamente, a vontade de oferecer ao seu destinatário, a informação mais precisa possível e dentro da maior brevidade que o jornalismo contemporâneo requer. Aliás, como cada vez mais se exige rapidez na veiculação da notícia, até porque cada vez se amplia o número de veículos de comunicação que se utilizam das plataformas digitais e que, por isso, precisam de uma divulgação instantânea na maioria das vezes, os nossos investigados retrataram que os aplicativos se transformaram em grandes aliados nesse quesito também.

Como se vê, eles se aproveitam dos recursos que as tecnologias oportunizam para criar um ambiente facilitado, rápido e, além disso, atingir um número considerável de pessoas. Inclusive, para isso, procuram adotar um tipo de comunicação com mais dinamismo através da interatividade que tentam estabelecer com o público.

As pressões e conflitos

O processo de produção da notícia não é um ato simples. Pelo contrário, é bastante complexo em virtude de que para compreender melhor a realidade é preciso que o profissional tenha afinidade com outras áreas do conhecimento para que seja possível a implantação de uma prática jornalística de interesse da coletividade.

Além disso, os produtores da informação convivem com outras barreiras que, na maioria das vezes, são difíceis de serem vencidas. Trata-se das pressões e dos conflitos que vivem a rondar as redações das empresas de comunicação. São forças antagônicas ao interesse público e que vêm dos segmentos político e econômico cujo objetivo é criar muralhas que inviabilizem a construção de um pensamento mais crítico ou até mesmo de não divulgar nada contrário aos seus interesses.

A conduta jornalística correta precisa e deve ser uma perseguição diária de cada um que escolher a informação como instrumento capaz de gerar conhecimento. Um dos desafios do jornalismo na atualidade é buscar uma produção jornalística que consiga dialogar com e para as pessoas.

Apesar dos obstáculos e dos tentáculos construídos por interesses escusos, observamos que os nossos entrevistados têm a ciência da existência desses fatores, ou seja, das pressões e dos conflitos. Senão (nesse momento, mas pelo menos em algum período do passado já foram apresentados a eles). Porém, todos disseram que tentam ou tentaram lidar com essa questão da melhor maneira possível.

O colunista Walter Santos considerou as pressões como sendo um sofrimento amplo. “Eu tenho vários problemas gerados por colunas que eu fiz. Acho

até que o contraditório deveria me servir de agasalho e, olha que eu fui demandado, juridicamente, por pessoas que, inclusive, tempos atrás, eram próximas a mim”, relatou.

Pelo o que foi relatado por eles, apesar de todas essas tensões que acontecem foi tido e sempre terá o devido cuidado para que a informação chegue ao público sem prejuízo algum. João Manoel de Carvalho afirmou que nunca deixou de defender o seu ponto de vista por conta de pressão mesmo elas estando presentes.

É uma situação bastante delicada, mas baseado em suas falas, notamos que esses profissionais têm procurado adotar uma maior fidelidade na hora de produzir seus textos na tentativa de preservar, conservar e proteger a principal matéria prima do jornalismo que é a notícia.

Rubens Nóbrega declarou que já lidou com muitas pressões e conflitos. Mas, que, hoje, está vivendo um momento de mais tranquilidade. “Eu vou burilando e aperfeiçoando o modo de fazer as coisas para evitar os conflitos e os atritos”, enfatizou.

Trata-se, na verdade, conforme verificamos, de um grande desafio para todos esses profissionais ter que caminhar nessa linha tênue de agradar o público levantando a crítica e zelando pela veracidade dos fatos e ao mesmo tempo ter o cuidado de não criar a tensão entre os grupos políticos e econômicos que não se agradam com a forma como determinados temas são tratados e veiculados.

Chama a atenção um fato entre os nossos profissionais analisados é que Heron Cid, Walter Santos e João Manoel de Carvalho, além de jornalistas são também empresários no ramo da comunicação. Isso faz com que esses 03 colunistas acolham a informação não somente com um olhar jornalístico, mas também com um olhar empresarial.

Para Heron, é preciso que haja uma dosagem muito expressiva de bom senso e de equilíbrio para poder dizer aquilo que se pretende e da melhor maneira. Ele esclareceu que é uma situação que requer uma atenção muito mais redobrada para não correr o risco de comprometer a informação.

Embora seja complicado lidar com essas situações, os entrevistados se mostraram interessados em fazer uma leitura cuidadosa sobre os fatos do nosso cotidiano para poder aplicar um tratamento adequado a notícia que será levada ao receptor.

Seguem na íntegra as sete entrevistas, cada uma dela antecedida de um mini perfil dos entrevistados.

AS ENTREVISTAS



Heron Cid

A comunicação na vida de Heron Cid parece ter começado bastante cedo em virtude do seu pai José Maria Madrid (in memoriam) ser radialista e ter passagem por rádios no estado da Paraíba e também por várias emissoras do nordeste brasileiro tornando-o conhecido como o “garganta de ouro” nos estados da Paraíba e do Rio Grande do Norte.

E se não bastasse, ele foi batizado com o nome de três renomados jornalistas do país: Heron Domingues, Cid Moreira e Cesar Ladeira. A convivência com o pai foi pouca em função de ser filho de pais separados e, também, pelo fato de seu José Maria Madrid ter falecido quando o mesmo tinha dez anos de idade.

Entre 12 e 13 anos de idade, Heron começou a ter os seus primeiros contatos com os microfones lá na igreja em que freqüentava costumeiramente, bem como no serviço de som “Voz Alternativa” dos alto falantes da pequenina Marizópolis (sertão paraibano).

E como a comunicação era o seu dom, chegou a hora de prestar vestibular e se inscreveu para o curso de comunicação social da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e logrando êxito. Concluído o curso, foi contratado para o Sistema Correio de Comunicação e começou a integrar a reportagem do radiofônico “Correio Debate” (Rádio 98 FM), no ano de 2007, mais especificamente em março.

No mês de janeiro do ano seguinte (2008), o jornalista foi convidado para compor a equipe de reportagem da TV Correio. Em janeiro de 2011, passou a assinar uma coluna no Jornal Correio da Paraíba. Ele teve participação destacada no “Correio Debate” e apresentou o Jornal da Correio.

Hoje, atua no Sistema Arapuan de Comunicação e apresenta o Programa 60 minutos, na Rádio Arapuan (95.3) e o Programa Frente a Frente na TV Arapuan . Paralelo a tudo isso, Heron criou no ano de 2010 o Portal de Notícias MAISPB do qual é diretor presidente e, ainda, assina uma coluna diária que traz o seu próprio nome. Exerceu o cargo de secretário de Comunicação Social da prefeitura de Marizópolis na gestão do prefeito José Vieira.

Os meios de comunicação têm promovido uma grande abertura para o surgimento de colunas de notícias com foco na política. Uma iniciativa que não deixa de ser interessante do ponto de vista de poder disseminar com mais amplitude esse campo do jornalismo. É claro que é muito importante que aliado a tudo isso se instrumentalize a formação de um jornalismo cuja grande marca a da pluralização.

É preciso que as produções jornalísticas sejam generosas com a sociedade no sentido também de criar as oportunidades para que as diversas correntes de pensamento e de opinião possam ter o seu lugar para aparecerem e ajudar na construção de um ambiente social mais democrático.

Essa deve ser a grande ideia para a implantação de um jornalismo mais colaborativo, ou seja, mais expansão para a divulgação e mais pluralidade. Entre os operadores do colunismo político paraibano está Heron Cid. Ele conta como é o processo de construção desse espaço.

E.: Como o senhor define o espaço em que escreve?

P.: É uma coluna de informação com foco para os bastidores. Começa com as pitadas de opinião. Sempre um comentário inicial acompanhado dessas pitadas. É uma coluna muito mais voltada para os bastidores da política.

E.: O que esse espaço representa?

P.: Pela simbologia do que representa a política na Paraíba, é espaço em que o cotidiano da política é retratado. O jogo do poder é revelado. Esse espaço tem essa representação de historiar e trazer à tona muitos fatos que não são revelados no noticiário político normal. A coluna termina trazendo para à superfície fatos que ficam no jornalismo tradicional mais escondidos.

E.:Qual o papel do senhor como colunista político?

P.:O papel é de criticidade. De revelar informações que o público não conhece. De ter um senso crítico para fazer observações, provocar e suscitar debates. Uma coluna tem muito esse papel de trazer um fato para fazer com que ele não morra naquele texto. Mas que tenha repercussão social. Que seja comentado. Que sirva de reflexão para o leitor e para as instâncias dos poderes (judiciário, legislativo e executivo). O colunista político tem esse papel de provocação de temas e instigar debates.

E.:Existem colaboradores no processo de construção da coluna?

P.:Sim. Um jornalista não consegue escrever uma coluna isoladamente. E aí agente conta com muitos colaboradores. Trocas de informações com colegas repórteres. O colunista geralmente não tem o hábito de frequentar os ambientes dos eventos políticos. O colunista consegue muito mais transitar os ambientes privados da política como, por exemplo, almoços ou jantares em restaurantes e, aí termina colhendo algumas informações. Os maiores colaboradores são os repórteres que trabalham com a gente. Não só pelas informações que eles trazem. O colunista se vale muito do que o repórter viu e nem vai ser preciso retratar na matéria. Exemplo: o repórter foi cobrir uma entrevista de um ministro que visitou o governador no Palácio da Redenção, ele (o repórter) vai contar o que foi dito por aquele ministro, mas não vai poder relatar quem mais estava no evento que é aliado do governo e que estava mais perto dele e com quem cochichava. O que ele estava almoçando e o que ele viu durante o almoço. Os repórteres são os maiores colaboradores.

E.:Existem outros colaboradores?

P.:Existem. As fontes que são políticos ou pessoas que são ligadas a eles. Gente que está ligada na órbita do poder como secretários e assessores de políticos que terminam ajudando nesse fluxo de informação. Às vezes, eles nos dão essas informações que não deviam ser publicadas, mas se consegue juntar aquela informação que não era para ser publicada com outra informação de uma fonte que está lhe dando as informações. Então, os maiores colaboradores são os repórteres, os próprios jornalistas e os atores envolvidos na notícia que são os secretários, assessores de políticos e até os leitores mesmos. As colunas que têm artigos e que

tem comentários recebem muitas informações de leitores que podem servir de subsídio na construção do texto.

E.: Como é que ocorre o diálogo com as fontes?

P.: No caso do repórter é bem mais fácil porque ele não tem compromisso em preservar uma informação. Quando eu estava na coluna do jornal Correio da Paraíba, pegava muitas informações das sonoras que iam ao ar nos programas de rádio e elegia algumas daquelas que pudessem ser aproveitadas. Mas, o diálogo com o repórter é pedindo explicitamente a informação que ele viu e o que ele sabe. Não é uma construção de parceria. Ele sabe que o que ele está dizendo pode resultar numa nota, numa coluna ou numa informação para a coluna.

E.: E com os políticos?

P.: Com os políticos, geralmente é como sondagem. Poucas vezes, a gente em uma abordagem consegue a informação que deseja. Quanto mais informal a conversa mais fácil é que as informações sejam liberadas pela autoridade do poder. Eu tento sempre fazer uma coisa muito menos formal porque o que muitas vezes ela (a autoridade) não quer contar, eu possa contar como se fosse minha interpretação sobre aquilo quando, na verdade, foi informação que a autoridade me deu, e em, algumas vezes, como entrevistador fazendo perguntas. A autoridade sabe diretamente que estou fazendo perguntas para usar exatamente o que ela disse como declaração. Como frase para ser usada entre aspas.

E.: Como saber, nessas sondagens com os políticos, se o que está sendo dito é mesmo verdade?

P.: Depende muito da condução da conversa. Tem conversa que é possível dar liberdade para o político fornecer uma informação. Quando se demonstra muito interesse pela informação a pessoa vai dizer somente o que interessa a ela. Quando se faz uma conversa despretensiosa cria um ambiente que a pessoa possa muito mais desabafar do que está dando uma informação. Na dúvida, quando se tratar de algo que pode atingir determinadas pessoas ou contraditados por um erro ou equívocos ou ainda não é verdadeira, a tendência é tentar outra fonte para contraditar para saber se bate.

E.: Como assim?

P.: Vou contar um exemplo bem emblemático. Determinada autoridade da Paraíba foi a um seminário nacional de um partido em um determinado estado e eu perguntei como tinha sido esse seminário. Ela própria disse que tinha sido um arraso. Um estouro. Que ela (a autoridade) tinha feito uma fala que provocou muita repercussão na defesa da Paraíba. De repente, tive um impulso de achar que aquela declaração dava uma coluna. Um comentário. A autoridade tinha sido muito feliz de fazer uma cobrança com tanto ímpeto e todo mundo repercutindo. Aí veio um estalo: liguei para um colega jornalista daquele estado e perguntei se era verdade que tal autoridade paraibana tinha feito um discurso com muita comoção.

E.: O que ele respondeu?

P.: É verdade que a autoridade tal fez um discurso e foi nessa linha. Mas, ela foi patética. Ela foi folclórica. Todo mundo ficou rindo porque a forma como ela conduziu foi tacanha e antiquada. Depois que terminou o evento os políticos ficaram rindo e tirando onda da fala dela. Resumindo: eu ia fazer uma coluna ressaltando a fala dessa pessoa pela coragem de fazer um discurso em defesa da Paraíba. Quando, na verdade, tinha sido algo patético.

E.: O que o senhor fez?

P.: Na verdade, o que seria um artigo da fala, quando eu soube do que tinha acontecido transformei, simplesmente, em uma nota dizendo o teor do que ela tinha dito no evento. Mas, não fiz, naquele momento, uma leitura contando o que tinha ouvido nos bastidores de que tinha sido um fiasco. Preferi apenas me ater ao discurso do que fazer uma repercussão negativa em virtude da intenção da autoridade ter sido boa. Eu não me senti muito a vontade de contar que tinha sido um mico.

E.: Tem costume de conversar internamente, ou seja, conversar consigo mesmo sobre as temáticas que serão abordadas?

P.: Tenho. O artesanato de fazer uma coluna diária é muito complicado porque têm dias, principalmente quem tem outras atividades, chega aos momentos finais de fechar a coluna e, ainda, não ter escolhido o tema que vai escrever. Por mais informações que se tenha terá que escrever um texto com 25 linhas. Eu costumo

muito buscar conversas comigo mesmo porque eu escrevo na coluna o que muito me incomoda ou me chama a atenção. Nem sempre pode ser o assunto mais importante do dia. A minha personalidade termina aparecendo muito na coluna. Por exemplo, incomoda muito uma cidade como João Pessoa que vendeu, por algum tempo, como uma cidade ecológica, ter esgoto a céu aberto. A gente fala de Recife que cheira mal, mas quando passamos nas margens do Rio Jaguaribe ficamos diante de uma fossa a céu aberto. Isso é uma coisa que me incomoda muito. Existe isso e pouca gente fala. Quando eu converso comigo mesmo eu digo: isso é um assunto que merece ser tratado. Isso é política também. É política pública. Envolve autoridades. Envolve cidadania. Eu tento também que fazer uma coluna que tenha esse olhar de cidadania.. Um olhar cidadão. A impressão das pessoas. O que as pessoas gostariam de dizer se tivessem esse espaço? O que elas diriam? Não é fácil não porque sempre nos esbarramos em muitos interesses.

E.: Costuma fazer anotações dos temas a serem tratados na coluna?

P.: Não. Escrevo muito de estalo. Eu penso e, muitas vezes, passo a manhã pensando no que vou escrever no final da tarde. Só que no final da tarde não me lembro do que estava pensando. É muito na hora. Na hora eu paro para refletir por 05 minutos e vou escrever. De artigo mesmo eu não anoto não. Anoto informações. Quase tudo no papel. Pouca coisa em computador. Durante as entrevistas no programa de rádio faço anotações de frases que dão subsídio para a coluna.

E.: Tem o hábito de guardar tudo na memória do senhor para escrever os artigos?

P.: Geralmente a memória me falha. Eu guardo algumas coisas. A única garantia que eu tenho é quando anoto alguma coisa. Geralmente anoto no computador e mando para o e-mail.

E.: É muito exigente na hora de escrever?

P.: Muito. Eu me cobro muito e termino precisando de mais tempo para escrever. Eu me exijo muito porque eu elegi no comentário, que é a parte inicial da coluna, o grande chamariz. Sempre tento começar com uma frase ou um parágrafo de uma forma bem diferente de um texto normal. De um relato normal. Procuro sempre começar com uma frase de efeito. Escrevendo de uma forma que nem pareça que seja o começo de um texto. Desenvolvo aquele raciocínio e me cobro para que o

texto do comentário não possa terminar simplesmente como um ponto final de uma carta qualquer ou de uma notícia qualquer. Tem que parecer que terminou com algo de efeito. Com um trocadilho, com uma ironia ou uma frase que resuma o que eu queria dizer e com impacto. Não pode ser o final de uma travessia de canoa. Tem que ter uma freada. Uma chacoalhada. Tem que chamar atenção pelo começo e, sobretudo, pelo fim. A pessoa quando terminar de ler tem que dizer: eu entendi o que ele quis dizer. O final revela a personalidade de quem, escreve.

E.: Lê muitas vezes ao finalizar o texto?

P.: Quando tenho tempo leio umas 03 ou 04 vezes. Mas, mesmo assim, sempre no outro dia acho que poderia ser melhor ou que errei. A gente não vê na hora. Como não tem revisor no jornal, só vemos o erro no outro dia. E toda vez que vejo um erro é uma angústia muito grande. Eu digo: isso passou por mim? Alguém leu e viu que eu errei? Eu costumo ler algumas vezes para rever, corrigir e mudo muitas vezes. Até erro por isso. Quando se muda e deixa uma frase solta, quando junta já não é a mesma coisa. Eu me cobro muito (Repito). Cobro que o texto sempre tenha algo impactante. Enquanto não tiver não finalizo. As notinhas sempre procuro escrever para que elas tenham tempero e algo a mais. Eu posso até dar a informação que todo mundo deu, mas eu tenho que contar diferente.

E.: O que o senhor classifica como diferente?

P.: Trazer algo novo. Fazer uma leitura diferenciada. Uma crítica. Uma informação adicional. E não um bastidor que todo mundo já está sabendo. Exemplo: Um fato mais recente, o deputado estadual Branco Mendes (PEN) tirou licença da Assembleia Legislativa para o suplente de deputado Antonio Mineral (PSDB) assumir. Dizer isso 24 horas depois do fato, para mim, já não servia mais para a coluna porque todo mundo já sabia. Agora, dizer que Antonio Mineral ia assumir a Assembleia e trazia na sua posse o compromisso de votar com o governo porque a licença foi articulada pelo próprio governo é outra história. Posso até dizer ainda que soube de um encontro entre Mineral e o presidente do poder legislativo estadual. Inclusive, eu posso dizer também que a posse foi resultado de um almoço, há 15 dias, entre o presidente da Assembleia e o deputado Branco Mendes. Eu tento sempre trazer algo a mais.

E.:Essa é a sua maior marca?

P.:Essa é a missão do colunista. A notícia do jornal já ia ser encontrada no jornal. Por que eu vou repetir aquilo? Qual é a relevância de alguém que tem um olhar para vê o que ninguém viu e não traz aquilo novo? Aquela novidade de bastidores?

E.:Essa cobrança sempre existiu?

P.:Sempre. Desde o começo da minha incursão pela comunicação que sempre me cobrei. Eu comecei em um programa de rádio como repórter de política. O que vi? Um recém-chegado da universidade. Um novato. Ninguém me conhecia aqui e tendo que dividir espaços com repórteres que já tinham uma longa estrada como é o caso de Michele Souza, Lenilson Guedes e Marcelo José. A partir daí, vi que só conseguiria aparecer no meio de um time desses se eu pudesse demonstrar, no conteúdo, algo diferente. Foi o que eu fiz. Eu ia, como repórter, para a Assembleia ou a Câmara Municipal de João Pessoa e, muitas vezes, já saía com uma pauta minha para criar ou puxar tal coisa. Eu não esperava pelo que ia acontecer dentro das sessões nessas duas casas legislativas.

E.:Pede a alguém para ler o texto antes da publicação na coluna?

P.:Não. Talvez tenha medo da avaliação. Não tenho costume de pedir a alguém para fazer avaliação porque cada cabeça é um mundo. Até hoje evitei muito. Sempre tenho prazo curto. Termina e entrego na hora. Mais recentemente comecei a fazer com minha mulher. Quando tinha tempo mandava para ela revisar. Também com medo que ela dissesse que não estava bom. Estava exagerado. Graças a Deus ela, talvez em nome do casamento, nunca fez essa observação não. Eu não divido muito isso não. Eu sou uma pessoa que tenho muito medo de uma censura. Prefiro muito mais quebrar a cara e aprender do que me censurar ou deixar-me censurar antes de ter a certeza de que aquilo não era para ser construído daquela forma.

E.:No que o senhor pensa antes de escrever para a coluna?

P.:Eu penso que tenho todos os dias que dar motivos ao leitor para continuar me lendo. Eu penso em despertar a atenção daquele leitor. Eu penso que, como eu me cobro, eu tenho que fazer e dar motivos para que vejam o trabalho que eu faço. Diferente, pode não ser o melhor, mas é diferente. Eu penso que tenho que dar

todos os dias elementos para que o leitor veja em mim uma marca. Que ele reconheça naquele texto que ele me pertence ou representa aquele jornalista. Eu me preocupo muito com que o leitor pode pensar de mim. Sou muito comedido nas minhas preferências. Eu busco a utopia de ter a liberdade ou a independência de elogiar e criticar todos os lados. Muitas vezes, termino desagradando a todos. Na Paraíba, tem muita história de se ter um lado. Já ouvi de secretários que é preciso que tenha um lado. E quem não tem é um defeito. Muitas vezes, é interpretado como alguém que não tem posição. Talvez eu seja muito escravo disso. Eu tenho que olhar para isso e para aquilo. Talvez isso desagrade muito.

E.: Agindo assim, acha que está sendo coerente?

P.: Acho que sou porque eu sou assim. Eu não vejo alguém absolutamente mau. Eu não vejo uma medida completamente do mal. Eu posso até olhar que é medida ruim, mas também pondero para as intenções. O que está por traz delas. Os objetivos para serem alcançados. Eu não sou absoluto. Não sou totalitário. Eu não acho que tem que ser assim. Pelo contrário, contesto isso. Respeito o jornalista que pensa assim. A empresa também. O jornalismo tem que ser o mais plural possível. O jornal pode ter lado, mas acatar tudo. A gente escreve para o público e é ele quem deve fazer juízo de valor. A gente tem que ter mais criticidade no jornalismo e só faz isso mostrando tudo. Precisamos ser uma lente que tenha a capacidade de mostrar e não só uma lente com capacidade de apontar só o que a gente quer mostrar.

E.: Os conflitos causados pelos interesses políticos e econômicos não geram barreiras para colocar isso em prática?

P.: É uma barreira. É preciso fazer uma opção. Na vida tem que fazer opção. E o jornalista tem que fazer uma escolha. Paga um preço. Eu não vou dizer que estou acima do bem e do mal. Não vou dizer que sou a palmatória do mundo. Eu acho que essa coisa toda está no bom senso. No equilíbrio. A sua pergunta me faz aumentar a sua pergunta porque além do jornalista, da empresa, do patrão, minha situação é ainda mais diferenciada porque eu sou ou fui como colunista do Correio, o jornalista, o funcionário da empresa e ao mesmo tempo empresário porque eu tenho um veículo de comunicação. Claro, que é de menor porte (um portal de notícias que trata de política). Então, veja todos os pesos que eu tenho que

conciliar. As pressões externas dos envolvidos no noticiário que a gente retrata todos os dias.

E.: De onde vêm essas pressões?

P.: Tem o governo que não gostou de determinada abordagem. Que acha que foi injustiçado ou que acha que aquela abordagem tem interesse de está a serviço de adversário. E essa pressão chega na empresa e de certa forma resvala na gente. E ao mesmo tempo se tem o jornalista (funcionário) e que também tem uma empresa e que lida com os interesses de sobrevivência da sua empresa. São muitas balanças para administrar. Como conciliar isso? Onde entra aí o dilema do jornalista e do empresário? Em que momento tenho que ser empresário? Se eu for empresário eu não vou dá essa informação porque vai desagradar o cliente. O Jornalista precisa dá essa informação. Essa informação é relevante. Ela precisa ser dada. Muitas vezes, e aí, eu confesso, há um grande dilema. Há um choque entre o jornalista e o empresário. É preciso muito bom senso e equilíbrio nessa hora. Dá para dizer tudo dependendo da forma.

E.: Em quem ou em que o senhor costuma se inspirar?

P.: Pergunta difícil. Não tenho um parâmetro específico para me inspirar. Minha inspiração é da minha natureza mesmo. Sou assim. Eu tento ser assim. No jornalismo, eu não me inspiro assim em uma pessoa. Na arte de escrever. Na tentativa de escrever eu sempre admirei muito o texto do jornalista Rubens Nóbrega. É um paradoxo, eu o admiro, mas não sigo a sua linha porque Rubens é muito direto. Ele é de combates. Ele é combativo. Ele combate aquele lado. Rubens é radical ao ponto de ser renitente. Mas, ao mesmo tempo eu vejo Rubens com independência. Ele tem independência para dizer aquilo daquele jeito ou daquele outro. Talvez ele me inspire.

E.: O senhor considera emissor e receptor ao mesmo tempo?

P.: A coluna que eu escrevo é uma. A coluna que eu vejo publicada é outra. Sempre vejo com um olhar diferente. Eu escrevo com aquela intenção, mas para mim apesar de ter escrito ou que escrevi, a coluna só existe quando está publicada no jornal. Faço questão de no outro dia ler para vê como saiu e vê como as pessoas reagem. Quero sentir ela no jornal. Como ficou na diagramação. Como se

encaixou. Como ficou materializada. Então, eu recebo também. Eu escrevo, mas quando recebo vejo com outros olhos. Vou vendo erros cometidos ou até admirando. Até, às vezes, me surpreendendo positivamente. Ficou muito bom. Era isso que eu queria dizer mesmo. Recebo também a coluna quando as pessoas comentam. Outros veículos repercutem o que foi nela veiculado ou ainda quando o que é veiculado na coluna recebe repercussão nas casas legislativas e nos demais poderes.

E.:Faz contextualização dos fatos na hora de construir o texto?

P.:Sempre busco contextualizar o que está sendo dito tentando criar cenário daquilo para facilitar a compreensão porque uma coisa é o universo do ambiente que o colunista vive. Ele está muito mais enfronhado dentro dos fatos políticos. Dentro dos bastidores. Mas o leitor em geral não tem a obrigação de saber o que a gente sabe. Temos que ter o compromisso de sempre tentar facilitar, com elementos, com informações na construção do texto para que ele seja compreendido. Não adianta que a coluna seja só lida. É preciso que haja uma compreensão do todo.

E.:Segue algum roteiro para escrever?

P.:Eu sou muito mais comentarista. Eu admiro muito, e aí é outro estilo, a colunista Lena Guimarães. Ela é uma colunista muito repórter. Parece mais preocupada com a informação do que com a opinião. Ela pesquisa muito. Diferente de mim. Eu não pesquiso muito. Quando o assunto é delicado eu ainda tento ouvir algumas coisas para se observar se bate uma coisa com a outra. Eu já demorei muito a fechar uma coluna porque precisava fazer a checagem de uma informação para antecipar os fatos.

E.:Quando foi?

P.:O governador Ricardo Coutinho entrou com um incidente de falsidade processual alegando uma fraude num documento com erro enviado pelo Tribunal de Contas do Estado (TCE) ao Tribunal Regional Eleitoral da Paraíba (TRE-PB), num processo em que o TRE apurava denúncia de uso da máquina pública na contratação de servidores. Eu passei à tarde buscando informações para saber como o TCE ia se comportar no outro dia. Fiquei checando as informações com conselheiros, pessoal da assessoria para saber o que eles estavam pensando. Eu

trouxe na coluna o que ia acontecer na sessão do dia seguinte. Disse que ia haver um reconhecimento de que tinha havido um erro, mas iam sustentar de que não tinha havido má fé. Eu trouxe essa informação. Antecipei e trouxe meu comentário fazendo um juízo de valor considerando algo muito grave. O TCE, pelo seu nível, errar numa informação que era 100 vezes mais. A informação tinha o poder de cassar o mandato do governador.

E.:Já aconteceu com o senhor de começar a escrever e se deparar com algo que precisasse mudar o foco?

P.:Muitas vezes. Muitas vezes, se começa a escrever um tema e no meio dele vem um estalo que aquilo ali não é o melhor assunto para aquele dia. Tem que refazer apesar da hora bater a porta para a entrega do material. Acontece muito durante o processo precisar desistir daquele foco e trocar por outro que tenha mais consistência, mais coerência que seja mais verossímil com o que se deseja e quer dizer.

E.:Recorre a arquivos?

P.:Muito mais hoje para conferir datas. Muitas vezes, a gente não sabe nomes. Quer dizer o nome de um fato que aconteceu com o prefeito fulano de tal e não tem aquele dado para facilitar. Para não ir atrás pesquiso muito pela internet. E quando não consigo dessa forma recorro a colegas e as próprias fontes.

E.:Compartilha as informações antes da publicação?

P.:Não. Minha coluna só quem conhece antes sou eu e o editor do jornal que recebe. No portal, eu entro e mando direto. Não tenho o hábito de dizer o que o vou escrever no outro dia não.

E.:Faz cruzamento de informações?

P.:Faço. Só que quando a gente se aprofunda na crônica política passa a ter muitas fontes e como isso acontece passa-se a ter contato diário com aquelas pessoas de confiança, a gente tende a confiar muito nelas e nem sempre checa. Muitas vezes, acontece de errar. Me lembro de um fato que um secretário me passou uma informação que dentro de uma reunião de secretários com um determinado prefeito, e um dos auxiliares tinha levado um esporro do chefe do

executivo na presença de todos os outros auxiliares. Eu acreditei na fonte e publiquei. Depois fui fazer uma apuração e constatei que nada daquilo tinha acontecido.

E.:As fontes costumam ser sempre fixas?

P.:Tem as fixas. Mas aparece muita coisa de repente. Um vereador de São Miguel de Taipú, por exemplo, diz que tem algo para contar. Uma denúncia da cidade tal. A maior parte é fixa. Mas elas costumam surgir de acordo com os interesses delas e recorrem à coluna ou ao colunista para emplacar algumas informações.

E.:Como se dá esse circuito comunicativo entre o colunista e essas fontes?

P.:Maior parte das informações chega por telefone. Ligação ou mensagem. Hoje, uso muito o WhatsApp. Vou nos meus contatos de vez em quando e lembro que posso ter essa informação. Sendo algo mais delicado coloco que tudo ficará em off. A pessoa já se sente protegida por ter sido dito que não terá o nome da fonte liberado.

E.:As fontes costumam opinar?

P.:Muito. Porque já passam as informações querendo impor o olhar ou a leitura que a gente deve colocar aquilo. A fonte tenta influenciar muito. Tem também as conversas presenciais. Muitas vezes, jornalista no meio de políticos numa rápida conversa despretensiosa sai recheado de informações porque a autoridade nunca tem a dimensão de que está falando com alguém que pode captar várias coisas.

E.:Como funciona?

P.:Cheguei num restaurante, em almoço recente, tinham 05 deputados almoçando. De cara, tinha um suplente querendo assumir. Eu percebo que chega o presidente da Assembleia para conversar com ele. De repente, chega um grupo e diz: fulano vai assumir. Beltrano vai tirar licença. Outro diz: vou ser candidato em tal canto. Chega mais um e conta que observa que na região metropolitana da capital as pessoas estão querendo políticos com o estilo de administração do governador. Enquanto isso, aparece mais outro e fala: realmente. Ali, a gente começa a perceber que há um sentimento entre os aliados do governador de que ele faz um

tipo de administração que começa a criar no eleitorado que é preciso ter noutras cidades. Então, a gente percebe que tem material suficiente para uma coluna.

E.:A maioria das fontes pertence a governos?

P.:A maior parte é. Quem está direta ou indiretamente ligada ao poder. Têm empresários também. Profissionais liberais que lidam com políticos. Eu, por incrível que pareça, tenho fontes policiais ajudando e me dando subsídios sobre casos rumorosos que não estão sendo elucidados pelo governo ou pela secretaria de Segurança Pública. Minha coluna não é estanque. Não escrevo só sobre política. Tem algo que vai além da política. Escrevi, por exemplo, uma coluna sobre a exposição de uns presos em carro aberto na cidade de Patos, no alto sertão paraibano, e eu quando vi aquela cena me choquei. Achei estranho. Têm outros exemplos na área policial a saber: o caso daquele bandido chamando Abner que estuprou várias meninas em João Pessoa. Eu tratei na coluna sobre esse caso. Trouxe uma carta que ele escreveu para uma filha. Trouxe o outro lado do bandido. E o caso Rebeca. Eu trouxe na coluna política. Não tratei da insegurança. Fiz, na época, uma abordagem humana sobre o que representa para uma família a interrupção de uma vida de 13 ou 14 anos.

E.:Já aconteceu de alguma fonte reclamar por ter passado uma informação e não ter sido publicada?

P.:Já. Tem gente que passa a informação e acha que, obrigatoriamente, vai ser publicada na coluna e na forma como queria que estivesse. Uns reclamam porque não publiquei e outros reclamam por entenderem que ficou distorcido porque, na verdade, não deveria ter dito aquilo. Muitas vezes, a pessoa passa a notícia porque é benéfica para ela.

E.:É muito comum o uso de informantes?

P.:É bastante comum. As colunas são espaços privilegiados dos jornais. Isso faz com que muitos queiram passar informações.

E.:Existe algum tipo de temor ou medo ao divulgar um fato?

P.:Depende do fato. Aqui, vez por outra nos deparamos com denúncias e com confrontos políticos. Denúncia na área do judiciário. Eu fico pensando e

ponderando até que ponto podemos entrar naquilo, Até que nível a gente pode ir. Primeiro, por mim. Segundo, pela empresa. Então, eu tento refletir de que forma a empresa encara aquele tema. Eu nunca fui de consultas. Graças a Deus durante 05 anos na coluna do jornal Correio da Paraíba, nunca tive grandes problemas com que escrevi.

E.:Ocorreu algum momento do senhor ter alguma angústia ao preparar a coluna?

P.:Muitas vezes. Primeiro, pelos temores naturais que a gente tem. Às vezes, a gente escreve algo que já sabe as consequências. Que vai contrariar. Que vai desagradar. E muitas vezes, vai desagradar alguém que a gente tem uma boa relação. Sabe que aquela relação corre risco. Angústia de, às vezes, não escrever o que eu gostaria de escrever ou de refazer o que eu gostaria de escrever.

E.:Mas, qual foi a maior angústia vivida como colunista?

P.:É de nem sempre dizer o que eu queria e da forma como eu queria dizer. Muitas vezes, a gente sabe que, por vários motivos, não é bom tratar certos temas. Tenho muita angústia pelo mercado da Paraíba. É um mercado estranhamente dependente do poder público. Como escrever sobre coisas públicas em um mercado que a gente depende muito do institucional? Em que os poderes têm muita força perante os veículos de comunicação.

E.:Como é feita a triagem do material que chega até o senhor?

P.:Tento agrupar informes e notícias diferentes, mas que se relacionam. Tenho várias informações. Tento pegar links de uma com a outra. Fazendo com que uma coisa desencadeie noutra. Tenha uma sequência. Tento trazer alguma coisa que tenha ligação com outra. Ao mesmo tempo, tento fazer uma coluna que não fale pouca coisa. Tento falar o máximo de coisas possível. Variar ao máximo os assuntos para que a coluna seja dinâmica.

E.:Por conta da opressão ao mercado jornalístico, o senhor acha que não cumpre o seu papel?

P.:A gente de certa forma é tolhido. E não precisa que alguém lhe diga isso. A gente por conhecer a realidade que vive se molda por conta própria. Já se molda dentro dos seus limites e de suas convicções. Você se retrai um pouco. Isso

atrapalha. A sua liberdade é limitada. Sua criatividade também acaba sendo um pouco limitada. A gente gostaria de dizer alguma coisa muito mais picante, mas sabe que, ali, tem consequência. Tudo deixa prejudicado todo o resultado final.

E.:Qual o principal tempero utilizado para tornar a coluna atraente?

P.:A ironia. Acho que a ironia é um recurso que prende muito. Quando se tem algo a dizer, mas usa a ironia até mesmo de maneira singela ela causa muito mais estrago do que uma afirmação contundente. Um deboche contundente. Explícito. Um ataque contundente. Talvez quando se trata sofisticando com ironia seja mais fácil conseguir o objetivo, ou seja, atingir aquela crítica que queria fazer. Assim, se instiga o leitor do ponto de vista de aguçar a leitura da pessoa.

E.:O senhor é um jornalista bastante novo, mas é muito precoce. Começou muito cedo. Chegou a utilizar a máquina de escrever na redação ou não?

P.:Na redação não. Mas, já usei em outras circunstâncias. Comecei a me interessar pelo jornalismo muito novo. Ganhei uma máquina de escrever de uma tia minha (Pompéia Marques). Receber uma máquina de escrever, menino, em Marizópolis fez com que se transformasse em meu mundo. Eu podia fazer tudo (jornal e poemas). Ganhei da mesma tia, também uma máquina fotográfica e um gravador pequeno. Eu estava equipado para ser jornalista. E a partir disso, eu pratiquei muito datilografia. Eu usava muito para escrever textos. Pegava o jornal e transformava meu texto.



Laerte Cerqueira

É “pisando em ovos” que o jornalista pernambucano Laerte Cerqueira vai analisando a política, interpretando a realidade e fazendo as suas críticas. Como ele bem diz ser colunista político é está em relação permanente de amor e de ódio.

É dessa maneira que o jornalista e doutorando em Comunicação pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e pesquisador do Núcleo de Jornalismo e Contemporaneidade da mesma instituição, vai consolidando as suas idéias dentro do jornalismo paraibano.

Juntando sua opinião com a do espectador, o Mestre em Letras pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e especialista em Jornalismo Cultural pela Faculdades Integradas de Patos (FIP), consegue materializar, no seu espaço, o dia a dia da política estadual.

Nessa caminhada, o graduado em Comunicação Social- habilitação em Jornalismo pela UFPB, vai registrando os fatos e deixando a sua marca na história da imprensa paraibana. A experiência adquirida como professor substituto do curso de Comunicação Social- habilitações de Rádio e TV e de Jornalismo da UFPB, professor da Especialização em Telejornalismo, Mídias Digitais e Convergência da Faculdade de Ensino Superior da Paraíba (FESP). Foi, também, professor do curso de Jornalismo da Faculdade Maurício de Nassau, João Pessoa, na Paraíba, também tem lhe rendido bons resultados na leitura que tem feito a respeito do cotidiano da política.

Como é possível notar, Laerte possui uma trajetória profissional bastante rica. Na Nassau, por exemplo, ele coordenou o Grupo de Estudos da Linguagem Jornalística. Tem experiência em produção, edição e reportagem para TV e, ainda, em Assessoria de Imprensa de empresas públicas e privadas. Atuou como repórter da TV Correio. Atualmente, é repórter, comentarista político e apresentador da TV Cabo Branco e escreve uma coluna na versão digital do Jornal da Paraíba.

Escrever uma coluna é um desafio a cada dia ou a cada instante. É um compromisso que se firma entre o jornalista e espectador para que o papel social do jornalismo não seja desvirtuado. O jornalista precisa depositar o seu olhar com o comprometimento com o social e, a partir deste ponto, tornar possível a sua contribuição no sentido de proteger, conservar e preservar o essencial que nesse é a informação.

A produção jornalística é, na verdade, uma experiência dialógica entre o profissional, a cidade e, sobretudo, as pessoas porque são para elas que tudo é feito. São as pessoas que são levadas a reverberar ou não tudo o que foi preparado. Portanto, isso deve ser uma premissa de todo profissional de imprensa para que se alcance um maior grau de fidelização na hora de produzir um texto jornalístico. O jornalista Laerte Cerqueira retrata como é essa experiência de preparar uma coluna política.

E.: O que esse espaço representa?

P.: Um espaço importante de reflexão sobre a política do estado. Para mim é importante para a consolidação de ideias e do meu nome dentro do jornalismo político. Isso é fato. Quando eu recebi o desafio de escrever sobre política no jornal eu sabia que, por exemplo, eu ia ter que pisar em ovos. Que eu teria que ter uma relação de amor e de ódio com alguns agentes públicos e políticos, mas que era necessário porque não se tem como fazer análise política, interpretar a realidade e fazer críticas sem ter essa relação de amor e de ódio. Mas, o que representa para mim, hoje, é a possibilidade de materializar e cristalizar, na coluna, ideias e interpretações sobre a política que está na sociedade. O que tem, ali, na coluna diária não é só a minha opinião. É o que também ouço das pessoas.

E.: O senhor falou em relação de amor e de ódio, ou seja, pode agradar e desagradar. Desagradar preocupa o senhor?

P.: Quando eu desagradado de maneira injusta porque a gente também está suscetível a erros. A gente está suscetível a fazer uma análise errada ou fazer uma interpretação errada de um fato ou de uma fala porque a gente de alguma forma, está envolvido pela subjetividade.

E.: Isso incomoda o senhor?

P.: Quando eu sou injusto, sim. Eu acho que é muito ruim. Isso me incomoda. Isso me faz mal. Mas, quando eu desagrado e tenho a plena convicção de que aquele desagrado está muito mais relacionado aos melindres, ao sentimento do agente público, eu não me sinto incomodado. Quando eu tenho a absoluta certeza que aquele meu olhar, que aquela minha crítica não tem uma base de conhecimento, que não tem uma ligação dos fatos históricos, ou seja, quando essa crítica não tem isso, eu fico preocupado. Mas, quando tem não é um problema.

E.: Já aconteceu de desagradar e precisar fazer alguma correção?

P.: Já aconteceu. Escrevi uma coluna em que usei o termo descumprir decisões judiciais. A pessoa atingida mandou uma mensagem para mim informando que ela não descumpre decisões judiciais. Eu tive que explicar que eu usei o termo descumprir de maneira genérica e a partir de interpretação. Realmente, naquele momento a palavra descumprir, apesar de ter sido utilizada de maneira genérica, quando se leva em conta um assunto específico ela é equivocada. Ela gera uma interpretação equivocada. Então, como aquela palavra, naquele contexto, gerou uma interpretação equivocada, não era exatamente o que eu queria dizer, eu explico e faço a retificação. Acho que é mais honesto. Primeiro, com o seu público porque as palavras têm muito sentido e pode utilizar de maneira errada. Segundo, é honesto com o agente público ou político e com respeito ao leitor.

E.: Existe uma pauta, ou seja, existe um roteiro do que será abordado na coluna?

P.: Durante o dia ou durante a semana eu vou avaliando aquilo que vai repercutir. Mas, hoje em dia eu costumo escolher para escrever aquilo que está mais efervescente, ou seja, mais no ambiente de discussão atualizada.

E.: Como isso ocorre na prática?

P.: Quando eu percebo que aquele debate é importante naquele dia eu tento buscar informações de leitura para poder discutir. Hoje, eu faço isso. Óbvio, durante a semana porque sábados e domingos são dias teoricamente frios. Então, se a coluna foi escrita na sexta é importante pensar que ela vai chegar no sábado e no domingo com temas que sejam quentes (que ainda estão em forte discussão), mesmo sendo dias frios.

E.:Qual é a estratégia?

P.:Tem que ficar pensando em temas que ao mesmo tempo são frios. Não são factuais como a gente chama, mas são temas que de certa forma estão presentes no debate público. Por exemplo, discutir um impacto da Reforma Política, Reforma Eleitoral em um domingo é tão atual quanto falar sobre a decisão do PT de não ter candidato, na sexta-feira porque o assunto não é do dia, mas está na atualidade. Tem que, na prática, fazer um planejamento até as duas da tarde em torno de uma ideia do que vai repercutir no outro dia. Então, a partir dessa projeção que se faz, já à tarde ou no início da noite, precisa ter um tema específico. O que acontece é o seguinte: durante a manhã e até o início da tarde, deve-se ficar ouvindo as pessoas, lendo os sites e ouvindo o rádio. Antenado desde as seis da manhã até o início de fazer a coluna já dá para perceber qual é o tema mais palpitante. Agora, óbvio, eu tenho esse objetivo, eu só entro num tema se ele for atual, do dia, mas preciso ter uma base de conhecimento.

E.:Tem que ser um tema político?

P.:Não. Político social porque tem a questão política partidária e social também. Os fatos políticos. As decisões políticas que afetam a sociedade e tem também as decisões políticas que geram as transformações sociais. Necessariamente, não significa que o fato é político. Por exemplo, uma decisão que é política, mas que chega a sociedade, o superintendente da Semob diz que vai ampliar a quantidade de lombadas eletrônicas na cidade e colocar a velocidade máxima a 50km/h. Essa é uma decisão política, mas tem uma exceção que afeta diretamente a cidade. Então, é uma discussão de cidade. Não é uma discussão só política. Eu posso até colocar dizendo que o prefeito quer padronizar a velocidade na cidade, mas essa discussão na sua essência não é política. A sua essência é de um fato social. A mesma coisa quando se diz que a Zona Franca do Semiárido foi aprovada no Congresso Nacional. A decisão do fato é político, mas tem que ser discutido na coluna o impacto social dessa decisão. Então, necessariamente, não precisa o tema ser político. Agora, tem uma relação.

E.:Como foi o início como colunista?

P.:Quando eu comecei a escrever a coluna no jornal eu tinha um problema muito sério. Eu ficava o tempo inteiro atento só aos fatos e a informação. Se não tivesse alguém que dissesse eu não publicava. Tinha que ter: segundo alguém ou alguém me disse. Só que isso para o jornalismo informativo e interpretativo é essencial. Mas, para o jornalismo opinativo, não. A opinião, ela prescinde de uma análise prévia. De um olhar específico para tratar sobre algo.

E.:Costuma fazer anotações?

P.:Alguns tópicos do que pode virar uma nota. E algo que pode virar argumento para o texto.

E.:Tipo?

P.:Um texto sobre a escolha de um candidato do PT para disputar a Prefeitura de João Pessoa na eleição deste ano. Na minha cabeça, eu preciso ter argumentos para dizer que o PT tem que realmente ter candidato próprio ou que não deve ter. Quando eu acho que vou esquecer ou quando o argumento é muito bom e tenho medo de esquecer, eu anoto.

E.:Anota em que?

P.:Anoto num papel. Às vezes, num guardanapo quando estou almoçando. Agora, eu pego o bloco de notas do celular e do computador para não esquecer. Exemplo: um amigo me deu uma informação de que vai ter uma “briga” no PSB pela a liderança do “blocão”.Para não esquecer coloquei no bloco de notas do celular assim: briga para liderança do blocão entre Buba Germano e Ricardo Barbosa. E na hora de escrever eu desenvolvo. Exemplo: O deputado Buba Germano já disse que não tem problema em ceder a liderança do blocão. Ricardo Barbosa diz que quer o blocão. Mas, o problema é que para conseguir vai precisar do apoio de lideranças de vários partidos. Será que ele consegue? A consolidação do texto sai na hora em que eu estiver escrevendo. Mas, a ideia, a frase que é essencial para lembrar, ou eu anoto em algum lugar ou vou confiar na minha memória. Algumas vezes eu confio na minha memória e esqueço.

E.:Como o senhor frequenta muitos restaurantes e bares, anotar em guardanapo é bastante comum?

P.: Sim. Eu anoto no que estiver a disposição. Guardanapo, computador, pedaço de papel, enfim, eu anoto no que estiver na minha frente. Já cansei de rasgar pedaço da agenda para fazer anotações. Quando se está com alguém que mantenho boa relação eu peço para lhe mandar mensagem sobre determinadas informações. Antes de fechar a coluna, checo todas as mensagens que recebi. Posso ter recebido mensagens importantes que complementam o que estou dizendo, ratifiquem ou retifiquem as informações que estou a escrever.

E.: É comum sair para uma refeição e se deparar com um fato noticioso?

P.: Sim. Sai para almoçar uma vez e me encontrei com um vereador ligado ao movimento de carnaval e ele me disse que o bloco ia para às ruas com crise ou sem crise. Não estava nas minhas pretensões escrever nada a esse respeito. É uma notícia de política e de sociedade. É política porque tem a frente um agente político.

E.: Já aconteceu de está escrevendo a coluna e ter que mudar o foco?

P.: Já aconteceu. Mas, ruim é quando já está com a metade da coluna pronta e quando dá sete horas da noite observa que aquilo que imaginou não sai. É muito ruim. Tem o desespero do horário. A grande preocupação é acordar de manhã e saber qual o debate a ser alimentado ou retroalimentado. Tem isso. Muitas vezes, o debate surge da própria coluna. Levantar uma discussão e ganhar proporção inimaginável é um exercício diário.

E.: Como é a relação com as fontes?

P.: Com relação aos jornalistas e amigos (pessoas comuns), é uma relação muito sincera. Eu digo: eu vou publicar porque eu acho que vale a pena ou eu não vou publicar porque entendo que vou agredir ou ainda eu não vou publicar porque não vou entrar nesse debate.

Já com relação as minhas fontes políticas, no início eu achava importante ter essa relação direta com todas elas porque elas me davam “furos” e esses “furos” eram informações fidedignas de quem tem conhecimento, de quem está no meio. Era ótimo isso. A grande questão é que eu percebi que com alguns, isso não funciona porque é uma relação de troca. Elas dão uma informação fidedigna só que lá na frente quando essas pessoas passam a ser criticadas elas ligam cobrando

uma fidelidade que não foi prometida. Então, hoje em dia eu evito ter essa relação direta com a fonte a não ser que eu tenha com a fonte uma relação tão próxima que eu possa dizer: meu olhar será crítico com você mesmo sendo a minha fonte.

E.:O leitor também é uma fonte?

P.:É sim. Eu acho que o leitor dar muito parâmetro para onde o colunista tem que ir. Como a coluna não é feita só com a minha opinião e eu faço questão que isso aconteça. O que está ali é muito do que eu ouço. Do que as pessoas dizem. Do que alguém comenta. A minha essência é a reportagem. Eu nasci no jornalismo como repórter. Então, eu faço, na verdade, é cruzar informações. Quando não cruzando as informações eu elenco essas informações e as exponho. Não significa que a minha opinião é uma interpretação equivocada. É uma interpretação porque não há verdade absoluta. E eu não quero ter na minha coluna verdades absolutas porque elas não existem.

E.:O senhor contou que pesquisa e que investiga. Isso é o diferencial da coluna?

P.:Não sei se é o diferencial. A história do pesquisar. Do investigar. Do ligar para a fonte para confirmar. Do colocar aquilo que se ouviu falar. Daquilo que se imagina que é verdade e a outra voz para ajudar a evitar que se caia na descrença. O processo da boa apuração vai evitar que se tenha problema com o seu leitor seja ele um agente público ou um leitor comum. Por isso, se faz necessário o cruzamento de informações para que te ajude a errar menos e te garantir mais credibilidade. Isso é fundamental.

E.:Costuma recorrer sempre a arquivos?

P.:Sim. Em alguns fatos que considero interessante. Quando o arquivo é essencial para entender o presente eu acho que vale a pena. Quando o passado é essencial para entender o presente. Mas, não me atenho muito a fazer análises históricas porque entendo que o texto pode se tornar enfadonho mesmo sabendo da importância. Como trabalho também com televisão a capacidade de resumo me ajuda. Consigo resumir um episódio histórico de uma eleição em uma ou duas páginas e o leitor consegue ter o entendimento do todo.

E.:Geralmente as fontes são fixas?

P.:Variadas. Algumas são de confiança. Tudo que se pedir a elas pode ser publicado que não haverá problema. Outras, que começam a tropeçar, percebe-se, logo, que não é verdade. Que trata de uma informação plantada e, por isso, já é o caso para desconfiar, mas que dar para manter uma relação porque isso é essencial também por trazerem informações importantes algumas vezes. As informações plantadas que as fontes dão também são importantes pelo fato de que a essência do jornalismo não se perde na coluna política mesmo ela sendo opinativa e mesmo sendo uma informação de especulação porque a essência é sempre a desconfiança de onde ela vem para que vem e que tem interesse que aquela informação seja publicada.

E.:Já precisou escrever e reescrever a coluna?

P.:Sim. O artigo e também as notas para que elas fiquem com no, máximo, 03 linhas. O ideal são 02. E para ter uma construção melhor. Muitas vezes, a gente está tão mecânico que fica repetindo a mesma estrutura gramatical. A mesma estrutura linguística. Às vezes, eu quero mudar o texto. Com relação ao artigo sim. Quando eu tenho tempo. Às vezes, não dá tempo para ficar moendo e remoendo. Tenho uma preocupação de reescrever quanto a questão gramatical. Como algumas vezes eu tenho um revisor que é um amigo, a namorada, fica mais fácil porque se trata de outro olhar.

E.:Então, pede para alguém olhar o que escreveu?

P.:Peço. Isso deveria ser o ideal. Deveria acontecer todos os dias porque esse outro olhar vai tirar os excessos. Vai promover uma limpada nas questões gramaticais e é um primeiro olhar antes da impressão. Então, quando não é possível ter um revisor eu faço esse papel. Deixo o texto pronto e vou fazer uma outra coisa. Vou correr, dormir, jantar, ler jornal ou assistir novela e depois volto para reler o que escrevi antes de mandar para ser impresso. Quando eu dou esse intervalo entre a produção do material e a leitura final eu apago o meu olhar que está bitolado e fica bem mais fácil de detectar os possíveis equívocos ou erros.

E.:Tem colaboradores?

P.:Quando me mandam uma nota pronta eu geralmente modifico. A fonte que manda a informação tem interesse. Às vezes, esse interesse fica muito claro. Para

evitar isso, eu modifico. Deixo o mais neutra possível. Mas, sem adulterar a informação. O que deve ficar é a informação. O meu olhar não é a informação. O olhar de quem mandou não interessa. Obviamente, ele quer que eu publique do jeito que ele me mandou porque deseja que o seu interesse seja enfatizado ali. Mas, eu preciso lembrar que a partir do momento que eu cristalizoo o interesse dele automaticamente passa a ser meu.

E.:Costuma dialogar com o senhor mesmo na construção do texto?

P.:Sim. No meu caso eu tenho um agravante. Eu estudei análise de discurso no meu mestrado. Então a análise de discurso é descobrir quais são os efeitos de sentido de discurso pós ele ser publicado. Então, antes de usar qualquer palavra. Antes de usar qualquer frase. Terminar um texto. Eu penso: qual é o efeito de sentido? Quais são os efeitos? Porque uma nota e uma frase não só têm um sentido. Quais são os sentidos que essas notas vão produzir? Será que isso que eu quero que realmente aconteça? Eu mudo se eu observar que surgem sentidos que eu não desejo. É um diálogo mesmo.

E.:Como lida com os conflitos internos e externos?

P.:Internamente eu não tive problema ainda. Tenho 02 anos que escrevo a coluna de jornal e não houve nenhuma interferência da direção da empresa com relação à coluna. Eu tenho total liberdade para fazer as críticas que são devidas e as análises que são pertinentes. Óbvio que cada um sabe que tem os seus limites e conhece os seus limites. Como sempre trabalhei com reportagem sei que é preciso ter cuidado com o que se fala e com as fontes que ouve. Que as fontes têm interesse e que as palavras têm vários sentidos. Externamente, sim. Porque a gente está mexendo com agentes do poder. E na maioria deles não tem a capacidade de discernir entre crítica, interpretação e alerta. Obviamente, os alertas vêm travestidos de críticas. Quando um agente público é inteligente absorve a crítica e vê que ali tem um alerta e tende a mudar o seu comportamento. Quando o comportamento muda isso também vai ser materializado na coluna de outra forma.

E.:Conhecendo a linha editorial da empresa, o profissional já sabe como deve tratar certos temas. Isso é normal na opinião do senhor?

P.:Isso é normal. Se o profissional quiser adotar a sua linha editorial que compre um jornal.

E.: Mas isso não é censura?

P.: Não é censura. Não considero censura. Eu considero censura quando se escreve algo e é coagido a refazer a sua opinião. Eu nunca deixei de dar minha opinião. Meu olhar por conta da linha editorial.

E.: Por quê?

P.: Eu disse algo no início que é muito forte. Na coluna não tem só meu olhar. Tem o olhar da empresa, do agente, e das pessoas. Acho que essa pluralidade está muito relacionada na base do jornalista, repórter e facilita a construção de texto nesse caso. Ali, na minha coluna não está só o olhar da crítica. Está o olhar de uma pessoa. Às vezes, dizem que não tem uma opinião fixa. Muita água com açúcar. É uma análise equilibrada porque tem o meu olhar, do agente e o que as pessoas estão dizendo. Necessariamente, não precisa está o meu olhar e o olhar da empresa.

E.: Tem uma pasta para armazenar todas as colunas publicadas?

P.: Tenho uma pasta dividida por ano e meses. Cada mês com 26 colunas. No primeiro ano eu separava por datas. Coluna e data. Esse ano eu comecei a salvar pelo título para quando eu precisar pesquisar ter uma ideia inicial do que é o artigo principal. Não tem mais coluna 18 de janeiro. Tem A decisão do PT. Eu sei que ali tem algo sobre a decisão do PT. Salvando com o título do artigo eu vou ter uma noção preliminar do que é cada coluna que escrevi

E.: Poderemos ter acesso a esse material?

P.: Tem acesso. Não tem problema não. Há um projeto desses artigos para publicação sobre os momentos históricos. Mas, não há restrição nenhuma de acesso.

E.: Chegou a utilizar a máquina de escrever nas redações?

P.: Não. Quando cheguei já era computador. Na TV, entrei em 2013, a internet era mais lenta. Na faculdade, eu usei a internet discada ainda que a gente usava depois da meia noite que era mais barata. O programa principal era o MSDOS (1999/2000). Quando entrei na redação já era computador. A internet já era em

rede com cabos azuis. O wifi não existia. A gente tinha um celular da empresa para fazer as ligações. Pouca tecnologia. Sou da geração que começou a consultar notícias pela internet e fazer contato pelo WhatsApp. No ano passado, estava de férias da TV e não estava de férias do jornal e por 10 dias eu fiz a coluna de Berlim, na Alemanha. Acompanhava todos os fatos pela internet. Mandava mensagens e pedia informações a todos os políticos que queria colocar na coluna pelo WhatsApp. Mesmo de lá, como eu tinha acesso a internet rápida e tinha esse meio de comunicação não tive problema nenhum.

E.: Como define o processo de criação do senhor?

P.: Baseado nas questões éticas. Isso é um fato. É muito importante enquanto jornalista está preocupado com o que se diz. Quem será o atingido. Qual será o efeito disso. Isso quer dizer é uma questão ética. Eu estou preocupado com a metodologia de apuração. Mesmo no processo de especulação. Mesmo na especulação que pode gerar uma informação verdadeira. No caso da coluna política é uma semente lançada para obter uma informação real da fonte. Mesmo nesse processo a metodologia de apuração é essencial. Eu descreveria como uma coluna que está preocupada com a questão ética da política. Com os efeitos e sentidos da informação. Com a metodologia da informação e com a capacidade da interpretação do real. Uma interpretação que não procura ser com um único olhar. Mas, com múltiplos olhares.

E.: O senhor entende que cumpre o papel como colunista?

P.: Entendo que cumpro sim. Observo sempre que preciso e quero melhorar. Tem dias que me sinto mal porque a coluna saiu muito ruim e que eu não consegui ser o bom suficiente para ter aprimorado.

E.: Se sente angustiado?

P.: Fico angustiado. A gente acorda angustiado porque precisa ter um tema bom que repercuta no outro dia. Até o momento de fechar e enviar para a impressão é uma angústia. Como é uma angústia abrir o jornal no outro dia e vê se está tudo certo. Se não tem nenhum erro. Se consegui materializar aquilo que quis. Essa angústia é natural. Acho que na medida do possível eu cumpro o meu papel.



Rubens Nóbrega

Filho de seu Vicente de Paula Nóbrega e dona Maria Aparecida Barbosa da Nóbrega, Rubens saiu da sua cidade natal (Bananeiras), rumo a cidade de João Pessoa, ainda no começo da adolescência. O período infantil dele foi dividido entre as cidades de Bananeiras e Caiçara.

Mesmo não se considerando um formador de opinião, mas apenas um emissor de opiniões e idéias, a acidez, a contundência e a renitência são algumas das suas grandes marcas enquanto célula importante em atuação no jornalismo paraibano.

A sua paixão pelo jornalismo fez e faz com que ele esteja sempre de forma direta e combativa desbravando os bastidores da política estadual paraibana. A predileção de Rubens pelo jornalismo é tanta que mesmo sendo graduado em Direito pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), não se afastou um só milímetro da sua função de profissional de comunicação.

Rubens tem um grande legado na imprensa paraibana. Trabalhou como redator do jornal A União e, em seguida, secretário de redação. Exerceu a função de editor da primeira página, ombudsman, colunista e editor geral do jornal Correio da Paraíba.

Foi presidente da Associação Paraibana de Imprensa (API). Atuou como redator, colunista e comentarista na revista A Carta (1988 a 1990). Em O Momento, escreveu em um espaço que ficou chamado de crônica política. Editou o jornal O Norte.

Assessor de Comunicação da UFPB. Ao lado do também jornalista Gonzaga Rodrigues, fundou o semanário Jornal da Gente. Escreveu para o semanário Contraponto. Na rádio Arapuan FM, participou do programa “Rádio Verdade”. Foi comentarista no Correio Debate da TV Correio e do programa “ CBN João Pessoa” que, antes pertencia ao Sistema Correio de Comunicação. Colunista do Jornal da Paraíba (impresso).

Atualmente, é comentarista do programa “CBN João Pessoa” no sistema Paraíba de Comunicação e colunista político na versão digital do Jornal da Paraíba.

O jornalista não é transmissor da realidade. Essa tarefa é para os meios de comunicação. O jornalista é um intérprete da realidade. Para tanto, é preciso que se atenha as rotinas informativas que permitam trabalhar os acontecimentos com a respeitabilidade que a profissão requer.

Essa experiência é vital para aquele ou aquela que deseja colocar sentido em cada instante dedicado ao processo primoroso da construção da notícia. Cada momento destinado a preparação do material jornalístico deve ser acolhido como sendo o único na vida de cada profissional.

Não obstante, é questão primordial socializar o conhecimento proporcionando maior interação informacional entre os indivíduos facilitando na apropriação de mecanismos que impulsionem a construção do real. O colunista Rubens Nóbrega esclarece como é seu percurso para traduzir os acontecimentos e lançá-los para a apreciação da sociedade.

E.: O que representa este espaço?

P.: Uma oportunidade de exercer uma opinião qualificada. Num órgão qualificado que, ainda, apesar de um declínio visível do jornalismo impresso, mas ainda forma opinião. Eu não me arvoraria em dizer que sou um formador de opinião. Hoje, há uma multiplicidade de segmentos que formam opinião para além do próprio meio de comunicação. Para além do jornalismo. Mas, ainda é um espaço muito qualificado, principalmente, aqui na Paraíba. Eu me sinto privilegiado porque, hoje, são poucos com a minha idade e com meu tempo de serviço e que, ainda, permaneceu no batente. Eu sou um deles.

E.: Quanto tempo como colunista?

P.: São 13 anos como colunista político diário. Antes eu escrevia em colunas semanais como foi para A Carta. Fui colunista em O Norte, em O Momento. Juntando tudo, eu tenho uns bons 18 anos no exercício do colunismo político no estado.

E.: Sempre no mesmo formato?

P.: Sempre. Eu assimilei uma definição que o saudoso Josélio Gondim me deu que eu era um cronista político. Não era um colunista político.

E.: Por quê?

P.: Eu não me ateno ao factual. Por definição do jornalista João Manoel de Carvalho, eu e ele seríamos pedreiros de obra feita. Comentaristas do fato consumado. Eu não tenho relações próximas com fontes. Eu não frequento o parlamento e o executivo. Eu não frequento as instituições de um modo geral.

E.: E como faz?

P.: Eu me relaciono com pessoas. Não me relaciono com governador, secretários, senadores, deputados e vereadores. Eventualmente, claro, eu só demando essas pessoas, curiosamente, quando recebo informações que, às vezes, se transformam em denúncias contra essas autoridades. Demando, digamos assim, de uma forma protocolar.

E.: Como assim?

P.: Mando geralmente um e-mail pedindo explicações a um órgão determinado e, graças a essas mídias sociais, hoje, eu uso o AR porque eu cheguei a ser processado. Aliás, a única vez que fui processado na minha vida por conta do exercício da profissão de jornalista pelo atual governador do estado porque eu sou irônico e mordaz. Ele juntou um conjunto da obra para caracterizar uma inimizade pessoal. No bojo do processo, eu contabilizei mais de 130 e-mails dirigidos ao governador pedindo respostas para aquelas questões que eu abordei, as quais não figurou o pronunciamento dele e que compuseram esse manancial de onde ele tirou as inferências de que eu seria um caluniador ou qualquer coisa que o valha.

E.: Hoje, existem outros instrumentos que o senhor usa?

P.: Sim. Hoje, também uso o Twitter e o WhatsApp. Nesse sentido, eu quero dizer que as mídias sociais facilitam o meu trabalho ao mesmo tempo em que elas convulsionam.

E.: Mas, o senhor investiga o que vem através delas?

P.: Lógico. Que é o básico. É importante ao receber uma acusação verificar se ela tem fundamento ou pelo menos uma verossimilhança e se ela não está ancorada em documentos, mas geralmente está. Tento ouvir o outro lado. Isso é uma coisa

básica, mas que está sendo descartado pelo jornalismo. Pelo menos é o que eu estou percebendo. Na empresa em que trabalho insisto para que não percam essa dimensão. Às vezes, até em rádio que é uma coisa muito instantânea. Como eu participei um bom tempo de programa de rádio, recentemente mais na CBN e antes na Arapuan, eu dizia que antes de colocar tal matéria no ar deveria tentar ouvir as pessoas. Isso é uma prática a qual eu me acostumei que é uma exigência básica, mínima e preliminar de toda atividade jornalística, no sentido de que ao veicular uma denúncia deve-se ouvir o outro lado. É necessário respeitar a presunção da inocência. Tem que estabelecer o contraditório. Isso é um modo de fazer que eu gostaria muito de vê disseminado, mas está muito restrito ao editorial (ao espaço da notícia). Comumente a gente não vê no colunismo porque se trata de opinião. O fato de está emitindo opinião isso não exime da obrigação de se posicionar a partir do momento que se tenha pelo menos o contraponto ao assunto abordado.

E.: Tem uma relação bem aproximada com as novas tecnologias. É isso mesmo?

P.: Sim. Tenho tentado ponderar porque é uma coisa meio que viciante. Eu recebo muitas informações, hoje, através do WhatsApp. As pessoas me adicionam aos grupos e é difícil de filtrar. Recentemente eu escrevi sobre boatos na internet que é uma grandeza o que se tem de postagem que, a princípio, se diz isso aqui é muito bem feito. Já isso aqui não é.

E.: O senhor utilizou a máquina de escrever nas redações?

P.: Sim. A máquina de escrever é um processo interessante. Para o processo industrial naquela época era quase uma tragédia. Imagina o que é chegar no auge do jornalismo impresso aqui que acho que foi nos anos 70 até o advento da internet. O que acontecia, os repórteres iam às ruas. Hoje, vão também. Mas, vão menos. Hoje, se tem a felicidade de ter até comunicação visual através de videoconferência. A tecnologia permite um monte de coisas. Antes, o repórter chegava da rua e ia datilografar a matéria. Essa matéria passava por sua vez por um copidesque que é o redator. Do redator ia para o editor setorial ou o secretário de redação e, por sua vez, fazia correção também. Isso atrasava.

E.: Era mais difícil que hoje?

P.: Era mais difícil. Mas, passava por três filtros, no mínimo, sem contar com o editor geral. Hoje, não. Hoje, é direto. O repórter chega da rua, às vezes, coloca até o título e já disponibiliza na página ou passa para a produção do noticiário de rádio ou de TV e para o ar. Hoje, nós temos profissionais mais qualificados. No meu tempo eu ainda encontrei pessoas que não eram formadas pelo curso de comunicação. Não quero dizer que eles fossem piores. Estou dizendo que eles não tinham noções básicas sobre ética, por exemplo. Essa coisa de preservar a fonte. Não que eles fizessem por maldade. Eu tive excelentes repórteres que não tinham essa preocupação porque não passaram por bancos escolares. Essa coisa de ouvir os dois lados. Era uma coisa impressionante.

E.: Costuma se pautar?

P.: Há muito tempo eu sou pautado pelos meus colaboradores. As pessoas que veem uma informação e me mandam.

E.: São pessoas da área da comunicação?

P.: Não. Têm pessoas de órgãos do estado que têm interesse em denunciar o que está ocorrendo no governo e me recomendam

E.: O leitor também pauta o senhor, ou seja, o leitor passa informações para a construção do texto ?

P.: Também. Eu gosto quando acontece isso.

E.: O leitor também opina?

P.: Opina também. Eu transcrevo muito. Até facilita o meu trabalho. Isso quando é um artigo bem feito. Bem trabalhado. Eu adoro que façam esse tipo de participação. Já trouxe, entre tantos outros, um pensamento do doutor Otávio Paulo Neto (coordenador do GAECO) escrevendo sobre denúncias de corrupção. No texto, ele chamava a atenção para a importância de se escutar um pouco em virtude de que, às vezes, elas são direcionadas. Os vazamentos são seletivos para queimar o filme desse ou daquele esquema político. Achei muito bacana e publiquei. Não que ele tenha mandado para mim. Perguntei se podia publicar e ele me autorizou. Faço isso.

E.:Tem mais exemplo?

P.:Recentemente no carnaval eu fui surpreendido negativamente. Recebi a informação de um desses grupos de WhatsApp de que havia uma senhora num hospital da cidade que estava precisando de sangue e que dois colegas doadores tinham ido ao Hemocentro e que o mesmo se encontrava fechado. Eu comecei a procurar e tinha uma informação de que o Hemocentro funcionava 24 horas para a distribuição de sangue aos hospitais. Mas, o fato concreto é que as pessoas foram lá e estava fechado. Recebi isso no sábado. A mulher lá no hospital. Quando foi na segunda, que podia escrever para a terça, liguei para o Hemocentro. Um rapaz me atendeu e disse que não tinha ninguém e que só tinha coleta até às 13 horas. Isso era umas 11 horas. Perguntei se ele podia chamar alguém e o mesmo respondeu que ainda não havia chegado. Perguntei se tinha algum diretor. O mesmo rapaz informou que os diretores só voltariam ao trabalho depois do carnaval. Quis saber se no dia seguinte o hemocentro ia funcionar. A resposta foi não. Eu fui na página do hemocentro na internet e, de fato, constava que naquele dia não ia funcionar. Fui depois a outra informação de uma matéria da OAB-PB, a qual estava participando junto com o hemocentro de uma coleta de sangue para o carnaval e lá eu vi um diretor dizendo como funcionaria o esquema. A coleta ia acontecer no sábado até o meio dia. No domingo, não haveria coleta. Na segunda, seria aberto das 07h00 às 13hs00 e na terça, seria fechado. Só reabriria na quarta-feira de cinzas após o meio dia. Eu construí essas informações para dizer que o hemocentro não pode fechar. Principalmente, em um período carnavalesco. A diretora me escreveu dizendo que o Hemocentro não tinha fechado e que tinha funcionado 24 horas. Minha defesa é de que nesses momentos de feriados se faça um esquema oficial de coleta de sangue porque, hoje, não faz mais doação direcionada. Com poucos dias, a diretora do hemocentro me mandou uma carta longa e eu publiquei. É assim que funciona.

E.:Utiliza-se de muitos arquivos?

P.:Exato. Tem algumas coisas que são recorrentes. Denúncias contra estado e prefeituras é uma festa. Mas, fica chato. Com o estado (entenda-se prefeituras), é menos. O número de denúncias contra o governo do estado é maior. Por isso, que ocorre o fato de alguém me taxar como antiricardista. Eu fui antimaranhista e anticassista. Eu posso ser aquela coisa meio anarquista, meio satírica e meio

caricatural. É como o velho Milô Fernandes dizia: imprensa é oposição. O resto é secos e molhados. Não é que a gente vá fazer oposição. Mas, é preciso ter autonomia de poder colher o que as pessoas te demandam porque senão seria deslealdade e muita canalhice ter uma informação e em vez de apurá-la passar a vender essa informação. Não preciso fazer isso. Não devo fazer isso.

E.:É um grande conflito?

P.:Estou sempre em conflito mesmo. Vou te dar um exemplo. Recebi uma colaboração de um leitor que mandou para o blog do Suetoni Souto Maior em que ele relatava que o prefeito Luciano Cartaxo ía pedir a devolução do dinheiro dos clubes de carnaval que fizeram protestos durante a realização do Carnaval Tradição. Achei tão absurdo que não acreditaria se não estivesse no blog de Suetoni. Isso é inacreditável. Isso é querer, no mínimo, tirar a liberdade de expressão de um bloco carnavalesco. É mote para uma coluna? Eu acho que é.

E.:Não preocupa o fato de alguém achar que existe algo de pessoal entre o senhor e o governador Ricardo Coutinho por conta das críticas sistemáticas ao seu governo?

P.:Não. Eu já sofri esse tipo de acusação em outros governos. Eu era colunista do jornal Correio da Paraíba e o governador era Cássio Cunha Lima. O Correio era “pau” em Cássio. A coluna também pelo fato de que as demandas recebidas pelo jornal eram as mesmas recebidas pela coluna. Algumas, às vezes, diferenciadas. Eu sou uma pessoa que não escondo minhas opiniões e as minhas preferências políticas. Devo ser o único colunista brasileiro que disse na véspera de uma eleição em quem ia votar e porque. Fiz isso na campanha, a prefeito, de Ricardo Coutinho e na campanha ao governo de José Maranhão (no segundo turno, mas fiz). Quem era o principal opositor a Cássio? José Maranhão. Então, se alguém não é cassista é maranhista. Hoje, posso ser cassista porque não sou ricardista. As pessoas esquecem que eu pedi votos para a campanha, a prefeito, de Ricardo Coutinho. Eu coloquei a minha cara na TV. Eu comecei a denunciar irregularidades quando Ricardo era prefeito. Uma pessoa que ajudei a eleger com o meu voto. Eu pedi voto para ele. Defendi a candidatura dele. Contra a preferência dos donos do jornal. O Correio era “cacete” em cima de Ricardo Coutinho que ele era oposição ao prefeito

Cícero Lucena. Tenho a minha consciência tranquila. Por mais que alguém diga que eu tenho uma rixa pessoal com o governador Ricardo Coutinho.

E.:Só escreve sobre política?

P.:Não. Já citei alguns exemplos e cito mais um: o caso de um rapaz que estava sistematicamente recusado em uma avaliação no INSS. Lourdinha Luna, ex secretária de José Américo de Almeida e historiadora, recorreu a mim e a gente encampou essa defesa em prol desse rapaz e que,infelizmente, veio a falecer um mês depois do INSS começar a pagar o benefício dele. Vou ser imodesto: tem muita coisa que aconteceu aqui em João Pessoa que tem uma participãozinha da minha coluna.

E.:O foco principal é a política?

P.:Aí é que tá. Não é a política. É a política que interessa as pessoas. A obra superfaturada é de interesse das pessoas e não esse “ramirami” da política. Eu não acompanho a Assembleia Legislativa. Dos 36 deputados, devo conhecer uns quatro. Os mais antigos e o presidente por presidir o poder. Os vereadores, conheço apenas aqueles mais antigos. Não tenho essa aproximação com a política partidária. Me interessa a compra do helicóptero que o governo Ricardo adquiriu superfaturado porque é segurança pública. Mas, isso de alguma forma tem a ver com política (não a política partidária). Trato de política administrativa e social. Eu trato de política de assistência. Política de inclusão. Eu gosto do desempenho administrativo do político. O desempenho político me interessa muito pouco. O administrativo vai direto no orçamento público. Se isso pode parecer política no sentido das pessoas entenderem como relação de poder tanto faz. Agora, meu foco sempre foi e sempre será, enquanto eu tiver esse espaço, essa coisa do interesse do coletivo e nunca de uma determinada pessoa.

E.:Já aconteceu de começar a escrever e mudar de foco?

P.:Várias vezes. Isso acontece quase que cotidianamente. Às vezes, quando se apura uma história e percebe que não é nada daquilo. E o pior é quando se dar conta que já são 05 horas da tarde e o prazo para entregar o material é até as 07 horas da noite. É quando se tem que fazer de um limão uma limonada.

E.:Considera muito exigente?

P.:Não. Gostaria de ser. Exigente mais comigo mesmo.

E.:Reescreve o texto quantas vezes?

P.:Nenhuma. Eu escrevo de uma lapada só. Mas, para eu começar a escrever tem uma história. Pego o computador. Leio as correspondências. Zapeio os portais. Leio os jornais do dia. Escuto um pouco dos programas de rádio. Assisto um pouco dos programas de TVs. Por volta das 5h30 da tarde já tenho os subsídios e começo a escrever.

E.:Pede para alguém ler antes de mandar para a publicação?

P.:Não. Termino e envio logo para que seja providenciado para a publicação. Eu fui habituado em toda a minha vida a corrigir os textos dos outros. Às vezes, as pessoas se chateiam um pouquinho. No tempo da máquina de escrever a correção era feita a mão. Depois alguém passava a limpo para poder ir a digitação e revisão. Além de outros processos de filtragens.

E.:Escreve a coluna direto da redação?

P.:Não. Eu escrevo de qualquer lugar. Restaurante e shopping. Escrevo pouco de casa.

E.:O senhor deve freqüentar bares e restaurantes. Já chegou a fazer anotações em guardanapos?

P.:Não. Às vezes, as pessoas me fornecem um número de telefone. Eu anoto, mas anotar dados, não.

E.:Armazena tudo na memória?

P.:Hoje não porque a gente vai estragando os nossos neurônios na medida em que o tempo avança. Mas, eu já tive a sorte de ter uma boa memória. Se ouvisse uma conversa interessante era capaz de reproduzir sem gravar.

E.:Nunca foi traído pela memória?

P.:Eu conversava com as pessoas e sem anotar nada e depois eu reproduzia realmente aquela conversa. Claro que isso, hoje, não precisa ser mais assim. Mas,

quando se foca a sua atenção num determinado conteúdo oral de um interlocutor, de um entrevistado, assimila-se o que foi dito e não corre o risco do erro.

E.:E como é hoje?

P.:Hoje, eu prefiro por e-mail. Quando alguém me pede para conversar. Eu digo que não. Que vou mandar um e-mail. E assim, faço.

E.:E fica documentado não é?

P.:Eu não tenho o perigo de dizer alguma coisa e a pessoa alegar que não era bem aquilo que queria dizer. Isso acontece muito. A pessoa liga e depois se arrepende do que disse e liga mandando um desmentido. Procuro evitar o máximo isso.

E.:O e-mail é mais seguro?

P.:Mais seguro para mim. Mas é tão devassado quanto outra mídia dessas ou qualquer outra rede social.

E.:Todas as colunas ficam armazenadas em uma pasta de computador?

P.:Na pasta de enviados do próprio e-mail porque, às vezes, eu tenho dificuldade de resgatar.

E.:Podemos ter acesso para consulta?

P.:Se for sobre algo recente, não haverá nenhum problema. Eu faço homenagens a algumas pessoas. Algumas até já faleceram e os familiares me pedem, mas realmente não tenho como atender.

E.:Como lida com os conflitos?

P.:Já lidei muito. Hoje, está mais tranquilo. Eu vou burilando e aperfeiçoando o modo de fazer as coisas para evitar os conflitos e os atritos. Quando eu estava em O Norte e tinha um conflito com a direção me chamavam e conversávamos, mas depois eu pensava: eu devia ter acertado previamente com eles e dizer que o espaço era meu e que ninguém o invadisse. Quando eu fui escrever em A Carta eu disse ao seu proprietário Josélio Gondim que eu não tinha regra. Que para mim era bateu valeu. Ele me disse que estava tudo bem, mas que nunca é assim. Uma vez

dizem que temos total liberdade e outro momento pedem para darmos uma aliviada.

E.: Isso não é censura?

P.: Não considero censura não. Censura é quando dizem que não é para escrever sobre aquele assunto. Nunca, nos veículos em que atuei chegou alguém dizendo que eu não escrevesse sobre determinada coisa.

E.: Mas já recebeu pressão?

P.: Já. Às vezes, a pessoa do comercial ligou para mim pedindo para ter cuidado sobre determinado tema porque estamos precisando receber uma fatura do governo e tu ficas batendo. Eu já falei com fulano de tal e veja que ele está mais suave. E eu dizia: o que eu tenho a ver com isso. Bote uma coisa na cabeça. Estão lhe pressionando para me pressionar para que possam receber o pagamento. Se não tivesse eu aqui na pressão, vocês não estavam recebendo porque não tinham nada para cobrar. Esse pessoal não é burro. Bota na cabeça o seguinte: não quero me arvorar de cavalo do cão. Mas, sempre vai ter um cavalo do cão no jornal, no rádio, na TV e em todas as outras mídias para poder ter uma janelinha para o outro lado.

E.: Costuma dialogar consigo mesmo antes de escrever?

P.: Às vezes, a posteriori porque cometo e já cometi muita injustiça. Me excedi na ênfase em determinada figura no desempenho administrativo. Cito o senador Cássio Cunha Lima porque eu tenho uma relação com ele antes do poder e posterior. Ele me disse, Rubens tem uma coisa que eu li e que me deixou muito chateado e eu disse sim, mas eu procurei seus auxiliares para ter uma conversa com o senhor, mas não consegui porque o acesso é difícil. Isso faz com que possa cometer injustiça porque se pode avaliar mal. Outro dia, por pura desinformação, estava de férias e sugeri que os “amarelinhos” (agentes de trânsito), como vi em Recife, pudessem entrar nos estacionamento dos shoppings e supermercados e multassem quem estivesse ocupando vagas de pessoas especiais indevidamente. Eu não sabia que desde o dia 06 de janeiro de 2016 já tem uma lei que permite o agente de trânsito adentrar em estabelecimentos privados para verificar se tem

alguém ocupando vaga de uma gestante, idoso e portador de necessidades especiais.

E.: Mas, isso chega a lhe causar frustração?

P.: De jeito nenhum. Tanto é que no outro dia eu disse que tinha errado. Já me penitenciei por várias vezes.

E.: Cumpre o papel como colunista político?

P.: Eu não diria como colunista político, mas como observador do cotidiano. Todo esse tempo de atuação tem me tornado uma certa referência. Não digo isso por vaidade não. Mas, pela exposição de está ali todo dia chegando as casas das pessoas. Sendo lido e ouvido por várias pessoas.

E.: Qual a marca como colunista?

P.: Preocupo-me com o que acontece com a maioria das pessoas. Minha preocupação, meu mote e meu estilo é escrever sobre o que afeta a maioria das pessoas. Quando eu falo a maioria me refiro a maioria da população. Escrevo sobre praças, estacionamentos, atendimento numa delegacia e uma escola pública que está sendo maltratada.

E.: São essas coisas que mais inquietam o senhor?

P.: Sim. Eu acho equivocada a política da chamada mobilidade urbana. E a mobilidade humana como é? Sempre estou a questionar isso. Transporte de massa de qualidade. Isso não tem sentido. Na minha casa são três pessoas e dois carros. Nenhum fica na garagem porque não tem um transporte de massa de qualidade. Eu fui deixar a minha filha na universidade. Ela poderia ter ido de ônibus. Mas, como? Ainda tem a questão da insegurança e os congestionamentos.



Walter Santos

O sempre insatisfeito, porém bem humorado jornalista Walter Santos, 57 anos, é natural de João Pessoa. Inquieto, precisou exercer muitas funções dentro da atividade jornalística para chegar a condição de colunista político. Desde 1992, o empresário de comunicação (diretor do Portal WSCOM e da Revista Nordeste), tem se pautado em suscitar o debate em torno da política no estado.

Com tanta hiperatividade fica até difícil imaginar Walter exercendo uma função pública, haja vista a burocracia ser uma constante nesses ambientes. Mesmo assim, ele foi secretário de Comunicação Institucional do governo da Paraíba na gestão Antonio Mariz.

Ele costuma dizer que vive com os pés no futuro e no passado. Parece que é isso mesmo. A prova disso é que já editou os jornais A União, Correio da Paraíba, O Norte e o Momento, e precursor do jornalismo na WEB. Mas, ele queria dar uma contribuição a mais à imprensa da Paraíba e para isso foi presidente da Associação Paraibana de Imprensa (API). Irreverente, Walter Santos fundou a Associação Folia de Rua.

Walter tem se credenciado também pelas grandes entrevistas nacionais e internacionais com personalidades como a ex-presidente Dilma Rousseff, o primeiro ministro de Portugal Pedro Passos Coelho, os exs-presidentes Luiz Inácio Lula da Silva e Fernando Henrique Cardoso. Além do ex-ministro Delfim Neto.

Um colunista político tem entre as suas várias missões desvendar os mistérios que envolvem os bastidores da política. Para isso, são aplicados vários artifícios e meios. O ceticismo, neste caso, é algo que precisa ser latente para que tudo que está sendo apresentado não venha a ser acatado sem nenhum esboço de dúvida ou questionamento.

A prática jornalística deve se fundamentar num certo ceticismo, ou seja, é sempre muito prudente que o jornalista seja bastante cauteloso ao receber uma

informação. É fundamental que em primeiro lugar proceda uma boa e profunda observação em torno de tudo que foi dito e nunca receber como verdade absoluta o que lhe repassado como informação.

Aliás, muitas das vezes, as informações verdadeiras estão mais no que deixou de ser dito do que precisamente no que foi explicitado pelo interlocutor que tem interesse de ver publicado somente o que lhe é conveniente. Walter Santos descreve como é o processo que ele adota para produzir a sua coluna.

E.:O que esse espaço representa?

P.:A coluna é um espaço de opinião que é fruto de um tempo que a agente adquire experiência, acumula muitos erros e acertos e tudo termina por gerar uma base humana, profissional e, sobretudo, conjuntural porque o analista ou jornalista é, antes de tudo, um intérprete de uma realidade em que a sociedade vive ao sabor do tempo.

E.:Como se sente ou se define?

P.:Às vezes, eu me sinto como que um cronista porque é sentindo a alma do lugar que eu vivo. Às vezes, eu me sinto crítico. Às vezes, eu me sinto na condição de alguém que está reaprendendo sempre. Eu não me sinto dono de verdade alguma.

E.:Há quanto tempo atua como colunista político?

P.:Desde 1992. Para se chegar à condição de colunista, precisei fazer o be-a-bá. Ser foca. Ser aquele profissional de começo de carreira. Ser repórter. Ser redator. Ser editor setorial e, depois, ser editor geral.

E.:Como é o processo de construção da coluna?

P.:Acho que produzo uma leitura diferenciada nesse aspecto porque eu vivo muito fora daqui. Eu dialogo muito fora do estado da Paraíba. Isso me dar um plus diferenciado.

E.:Como assim?

P.:Eu sempre olho para João Pessoa e para o estado dentro de uma natureza mais cósmica. Mais nordeste. Mais Brasil.

E.: Como o senhor vê os atores políticos?

P.: Eu não os vejo apenas pelo o que eles representam aqui no estado. Eu vejo como o que está acontecendo nos outros estados.

E.: Existe uma pauta, ou seja, é estabelecido um roteiro de temas para a construção da coluna?

P.: A pauta é o tema do dia. É a conjuntura. Algum fato que surja na dimensão que tem precisão de uma análise. De uma interpretação e quem determina a pauta é o tempo. São as circunstâncias.

E.: Como é que é essa abordagem?

P.: Existem abordagens que são factuais. Do cotidiano. E outras, são mais conjunturais. Estratégicas. Acho que todo mundo tem uma abordagem distinta. Mais profunda. Fora desse factual.

E.: Como o senhor se situa?

P.: Eu vivo com esses dois pés: no factual (fato presente) e no conjuntural que, às vezes, necessariamente tem a ver com os fatos mais perenes. Têm fatos que param em determinado tempo e outros, perduram para sempre. Exemplo, a questão da ideologia. Todo mundo diz que acabou. Acabou nada. O Brasil nunca esteve tão aguçado ideologicamente como agora. A direita que vivia escondida sob o medo e a vergonha do que foi bancar a ditadura depois de 1964, agora, voltou de 2014 para cá com toda a sua plenitude. Então, não existe neste aspecto, algo que diga que a ideologia de esquerda ou de direita morreu. Não morreu.

E.: Faz anotações?

P.: Geralmente eu escrevo de um fôlego só. E sem nenhuma anotação. Eu leio sobre determinado tema e em cima da leitura que eu faço eu mergulho dentro de uma visão de reflexão e já olho para o computador e, às vezes, para o próprio celular. Antes, eu não tinha cultura para entender isso. Hoje, eu já faço a coluna mesmo no celular.

E.: Como é isso na prática?

P.:Eu faço assim: eu leio. Eu abordo. Eu reflito. Eu penso e sai o que significa minha interpretação sobre fatos, pessoas, seja o que for.

E.:O senhor deve freqüenta bares e restaurantes. Já fez anotações em guardanapos?

P.:Já. Isso existe. Volta e meia acontece um fato extraordinário e para não esquecer eu anoto. Esta é uma fase mais romântica. Mais boêmia do jornalismo que não existe mais. Esse jornalismo de tempos atrás em que as pessoas terminavam como eu terminei fechando a primeira página e saía para os bares e restaurantes para conversar sobre a manchete e chegar em casa de madrugada. Esse jornalismo não é mais assim.

E.:Como é hoje?

P.:Hoje, todo mundo tem no seu celular dispositivo que já grava a sua voz ou anota digitando. Nós vivemos outro “modus operandi”. Apesar de que para fazer esses registros anteriores a produção de uma coluna política, de economia e de cultura, do que for.

E.:Hoje é mais fácil?

P.:A reflexão é a mesma. Tanto faz está no tempo jurássico ou no tempo galático, lunático. O conteúdo não deixará de ser com a mesma dimensão porque ele significa acúmulo de conhecimento e técnica de interpretar os fatos ao sabor de uma realidade em que precisa contrapor. Precisa botar os pros e os contra. Bem que, hoje, no Brasil a linha mais predominante é das pessoas estarem assumindo posições a favor ou contra.

E.:Existem pressões?

P.:Amplas, gerais e irrestritas. Elas acontecem com questões de direita, centro e de esquerda. Por incrível que pareça eu que convivo com o cenário nacional, eu sinto menos pressão do governo atual (que é o governo Dilma e do PT), que de outros governos porque há monitoramentos. Tanto faz ser aqui em João Pessoa ou em Itaporanga (sua terra) ou em outro fórum. Nós não temos ainda uma imprensa com um perfil econômico de auto-sustentação que permita sobreviver sem depender do governo de plantão.

E.: Como lida com as pressões?

P.: Sofrimento amplo também. Eu tenho vários problemas gerados por colunas que eu fiz. Acho até que o contraditório poderia me agasalhar e olha que eu fui demandado, juridicamente, por pessoas que, inclusive, tempos atrás eram pessoas próximas a mim. Eu, hoje, tenho a maturidade de dizer que eu vivo com a consciência de que não vale a pena está assumindo a posição de partidos ou de candidatos porque todos eles são iguais. Adoram a bajulação e detestam a crítica.

E.: Só aborda política ou não?

P.: Não. Eu tenho a inquietude de falar de coisas simples que é sobre o sentimento humano.

E.: Como é a relação com as fontes?

P.: A fonte é uma construção ao longo do tempo. Só consegue quando é testado muitas vezes porque têm determinadas informações que se recebe e veicula; e a pressão é tão grande que, às vezes, em alguns casos tende a revelar a fonte e quando a gente em vez de revelar o milagre se revela o santo a gente se perde; e perde a fonte também.

E.: Geralmente as fontes são fixas?

P.: As fontes são de todos os tipos. Não só pessoas poderosas não. As fontes podem ser pessoas comuns. Podem ser também pessoas com expressão pública.

E.: Já foi pautado pelo leitor, ou seja, o leitor lhe repassa informações ?

P.: Este é o que mais me preocupa. Ele é a razão da nossa existência. A partir do momento que se ignora o leitor está ignorando a sua própria existência. Ninguém é absoluto. Ninguém tem a razão absoluta. Ninguém é dono da razão. Muitos casos, o leitor é uma espécie de bússola. Ele termina sendo um balizador. É o personagem fundamental.

E.: Já foi cobrado pelo leitor?

P.: Cobrado não. Já fui agredido. Já fui elogiado também. Isso, em determinada fase da história e da vida. A gente tem que tratar a crítica e o elogio com serenidade.

E.: Como é a relação do senhor com a classe política?

O humor da classe política passa pelo que já lhe falei. Da crítica ou da bajulação. Eu trato a classe política com muito respeito. Só que eu adquiri uma forma de ser. Eu não quero a coisa fácil. Eu podia está muito bem de vida porque já recebi proposta indecente porque faz parte do nosso “mitiê”.

E.: Dialoga consigo mesmo?

P.: Eu vivo no divã sempre porque eu sou um insatisfeito. Eu não sou triste. Nem mal humorado dentro da minha expectativa de futuro. Sou exigente e quero fazer mais.

E.: Cobra-se muito?

P.: Sim. Cobro muito de mim. Eu leio muito. Reflito. Vejo muita coisa acontecendo. Muito lixo nessa coisa chamada internet e coisas especiais também.

E.: Como é conviver com isso?

P.: Sou bem atento. Sou do século passado e sou da mutação para esse século XXI tão profundo, mas com bases voltadas no humanismo e numa leitura de vida em que eu prefiro a igualdade.

E.: Preocupa-se em desagradar?

P.: Não me preocupo em desagradar. A idade também ajuda. Hoje, eu primo por uma informação precisa. Eu não me sinto muito bem reproduzindo fofoca mentirosa. Produzidas para fazer mal a alguém. Eu prefiro a informação procedente.

E.: Recorre a arquivos?

P.: Claro. Não existe nenhuma mais importante estrutura que se chama Google. Algum tempo atrás, as pessoas tinham que ter espaços físicos com as grandes enciclopédias. Hoje, com uma palavra se obtém as informações que precisa.

E.: Usou máquina de escrever nas redações?

P.: Sim. Eu sou do tempo da máquina de escrever também. Era ligada a uma coisa chamada a impressão linotípica. Onde se coloca letra por letra. Era uma coisa muito jurássica. Muito rudimentar. Depois veio o offset. Em seguida, veio o computador. Hoje, nós vivemos a cultura do “Touch” (toque). Hoje, as pessoas escrevem com o “Touch”. Hoje, as pessoas estão desaprendendo a conversar olho no olho porque em vez de fazer ligações telefônicas elas se comunicam pelo “Touch”, com os dedos colocando letras que significam a comunicação nunca imaginada. A gente convive com isso ou passará por um processo de exclusão. Eu sou defensor do mundo inclusivo que cada vez mais gente participe. Tem muita gente fora do jogo. Tem muita gente fora dessa compreensão. Dessa cultura.

E.: Todo material que escreveu está guardada em uma pasta de computador?

P.: Tenho várias pastas. Às vezes, elas são utilizadas. Volta e meia eu preciso e elas são como dizer assim: a minha memória porque está tudo ali.

E.: Podemos ter acesso para consulta?

P.: O acesso está aberto. Terá que saber onde estão as pastas. Na revista, por exemplo, vai precisar verificar onde é que estão as pastas. Não acho que seja difícil. Difícil, por exemplo, eu fui colunista do jornal O Norte, do jornal Correio da Paraíba, jornal A União e de O Momento. Eu acho que esse material está numa nuvem perdida.

E.: É muito exigente ao escrever?

P.: Não. Eu sou alguém da inquietude. Eu sou do bairro da Torre. Um sujeito que não tenho medo de nada. Que tanto faz está aqui como está no Oriente Médio. Ao mesmo tempo um sujeito centrado. Eu não sou alguém perdido no espaço. Eu tenho metas. Foco as metas. Estudo os caminhos. Quando esses caminhos são decididos aí é execução.

E.: Costuma ler muito os textos antes da publicação?

P.: Às vezes, corro esse problema. Como eu sou muito rápido e dinâmico, às vezes, escrevo e publico logo. Depois é que vou fazer revisão. Às vezes, eu sou desatento

nessas coisas, Mas, não é por nada não. É porque eu fui constituído dessa forma. Eu sou alguém com os pés nas pegadas dos dinossauros em Sousa e com o olhar muito além de Marte. Muito além do que está para acontecer nesses próximos anos. Eu vivo misturando todas essas culturas. Todos esses valores e sempre confiante. Eu acredito na sociedade.

E.: Pede para alguém ler antes da publicação?

P.: Não. Não tenho esse hábito. Eu procuro ser menos dependente. Por isso eu assumo todos os meus erros, minhas virtudes e tudo. Eu não tenho ninguém para fazer essa pré-revisão.

E.: Colegas de profissão costumam ser fontes?

P.: Muito pouco. De repente, meus queridos colegas vão logo fugindo de mim numa perspectiva de disputa. Mas, eu sempre estou aberto a receber informações dos colegas. Faz parte do aprendizado de vida.

E.: Já aconteceu de escrever algo e por aproximação a alguém não publicar?

P.: Já. Não posso negar. Nós somos humanos. Já escrevi coisas muito fortes. Depois que li e reli, eu não publiquei porque afetava demais a honrabilidade. Não vale a pena não.

E.: Não é autocensura?

P.: É autocensura sim. Eu não sou o Emilizola (filme que passou na França de Luiz XV e XVI). Ele foi cuidar do caso Dreyvison que é um caso muito forte na cultura de guerra da Europa. Aliás, o caso Dreyvison está muito parecido com esse negócio da Lava jato aqui. Estão criando e querendo gerar a culpabilidade dentro de um cenário que já condenaram algumas pessoas. Esse caso de Emilizola, ele é um escritor jornalista que vai a fundo ao caso do Drayvison que é um ex-capitão que foi condenado e levado para uma ilha acusado de ter liberado informações para os inimigos da França, Russos e tal; e a esposa dele mantém uma luta que convence Emilizola para que ele se aprofunde. Ele se aprofunda. Ele descobre que o Drayvison não tem nada a ver com o caso. Que são outras pessoas. São generais. O Brasil vive um caso Drayvison nesse momento. É isso.

E.:Já usou de terceiros para obter uma informação, ou seja, se utilizou de alguém para com seguir a informação desejada ?

P.:Claro. Estratégia. Isso é normal. Faz parte. Não precisa extorquir ninguém. Ameaçar ninguém para obter a informação. É uma questão de tática.

E.:Apura com profundidade?

P.:Com o passar do tempo a gente começa a descobrir as fontes que não tem o que duvidar porque são fontes seguras. É diferente das fontes sazonais. Das que aparecem esporadicamente. Em casos de maior gravidade tem que se apurar.

E.:Publica de imediato o que recebe via WhatsApp?

P.:Não. Tem muita coisa que vem da internet que são colocadas como fatos reais e são tudo montagem com fins e propósitos ideológicos. Vivemos numa guerra ideológica no Brasil.

E.:Lida bem com essas plataformas de comunicação?

P.:Eu sou um aprendiz e me renovo sempre. Eu vivo o tempo todo interessado em conhecer os novos aplicativos e as novas ferramentas.

E.:Os programas políticos de rádio servem de fontes?

P.:Eu adoro rádio. Mas, não tenho tempo. Tenho pessoas que acompanham. Essas pessoas ficam ligadas no rádio. Quando tem um fato especial no rádio. Eu peço para me aprofundar ou não. Quando posso eu escuto. O rádio para mim é uma fonte de informação. Gosto mesmo é de fazer jornalismo.

Gosto da exclusividade. Eu vivo como criança. Os primeiros passos. Adoro dar a primeira informação.

E.:Filtra informações?

P.:É preciso saber que base de informação vai se lidar. É preciso apurar. Primeiro, conceitualmente precisa-se acreditar ou não na fonte. Mesmo sabendo que ela tem um interesse. Às vezes, os fatos surgem a partir do interesse. Geralmente, é um interesse contrariado. Agora, isso não é fator mais importante do que checar o fato ou o que está sendo posto como informação forte. Um furo. Qualquer coisa tem que checar.

E.: Checa sempre?

P.: Checar a informação é a base do jornalismo. Só que a gente precisa conviver com serenidade de saber lidar com todas as situações. Nós convivemos com o poder econômico, com o poder político e tem muita gente da nossa área que sente com o próprio poder que não tem.

E.: Como consegue conciliar a condição de jornalista com a empresarial?

P.: A minha essência é jornalística. A condição empresarial é da natureza da autosustentação. Eu vivo como que num circo. Às vezes, sou malabarista. Às vezes, eu sou contorcionista. Às vezes, estou no globo da morte. Às vezes, eu sou até o palhaço. Eu sou tudo ali. Eu sou alguém que vive na corda bamba. Eu sou um agente do circo mambembe. Agora, eu sou autêntico Eu faço o que é de melhor. Em cima da corda bamba. Eu me dedico a fazer o melhor.

E.: A condição empresarial é mais difícil do que a condição de jornalista?

P.: O jornalista é uma coisa firme com toda imodesta. Como toda pessoa simples que sou. Eu tenho o “fillim” jornalístico. Hoje, eu vivo movido por uma carga empresarial porque é entre, WSCOM e Revista Nordeste, 16 anos de sofrimento. Não me arrependo do que fiz, mas lhe asseguro que é para poucas pessoas. A carga de responsabilidades, os problemas são imensos. Eu não me arrependo. Mas, é para poucos.

E.: O que mais inquieta o senhor?

P.: O que mais me inquieta é a lógica política. Do maniqueísmo aqui do estado. É preciso estar contra ou a favor. Eu acho até que agente tem que tomar uma decisão. Eu sou flamengo e quando eu sou flamengo, a torcida do botafogo, Vasco e América, todo mundo fica com raiva. Mas, eu assumo a minha condição de flamenguista. De rubro-negro. Agora, não dar é porque eu sou Flamengo, e fora do jogo a vida é normal, acho absurdo que eu possa agredir um torcedor do Vasco, do Fluminense fora do jogo. O jogo já passou. Na atividade política aqui do estado o jogo não termina nunca. Termina uma eleição e começa a outra. E as pessoas transferem para o campo permanente o ódio desnecessário. Eu ressinto muito disso.

E.:Alguma angústia como colunista?

P.:Não. Minha angústia é de não ter minha mãe comigo. Minha mãe, sobretudo, é minha luz eterna. Ela que sofreu tanto por mim e como sou católico e sou alguém que tem uma espiritualidade bem resolvida eu imagino que eu esteja sendo protegido por ela e por todos os meus entes queridos.



Nonato Guedes

Tive poucos contatos com o jornalista Nonato Guedes. Foram poucas as vezes que pude dividir o mesmo espaço físico com o ex-colunista político e repórter dos jornais O Norte e Correio da Paraíba. Nos momentos em que fiquei frente a frente com o ex-comentarista da TV Cabo Branco e apresentador da rádio CBN-João Pessoa, percebi que se tratava de uma pessoa meio retraída (tímida), e pude confirmar isso durante a entrevista que fiz com ele para a produção deste livro-entrevista.

Mas, entre uma pergunta e outra, o ex-correspondente do Jornal O Estado de São Paulo foi abandonando a expressão mais sisuda para dar lugar a um ser falante e cheio de histórias para contar. Talvez o ambiente tenha lhe ajudado a se soltar mais já que estávamos em um café cultural que funciona dentro de uma livraria no centro de João Pessoa.

Penso que o aroma do café e dos livros fez com que o ex-free-lancer da revista Isto É e de O Globo sentisse mais a vontade e, assim, soltasse o verbo para a coleta de informações de que eu precisava. Nonato é um profissional de relevo na imprensa do estado. Tanto é, que figurou por dois anos consecutivos no Guia dos Colunistas Nacionais, editado pelo Sindicato dos Jornalistas Profissionais de São Paulo.

Com uma expressiva folha de prestação de serviços na imprensa paraibana, o colunista exerceu o cargo de superintendente do jornal A União no governo Ronaldo Cunha Lima.

O processo de apuração dos acontecimentos seja em que área for exige além de habilidade do profissional o interesse em divulgá-los com precisão que o jornalismo requer. Um produto com bem mais qualidade é o que o público da contemporaneidade está exigindo e, é nesse público que se deve pensar com

bastante atenção para que a notícia chegue até ele e o faça um verdadeiro cidadão.

A construção da informação bem empregada vai permitir a abertura de caminhos para a geração de um receptor com uma visão de mundo bem mais diferenciada. Isto, sem dúvida, vai facilitar a produção de conhecimento muito fecundo ao ponto de fomentar perspectivas da formação de novos indivíduos a partir do conhecimento adquirido através do que foi repassado pelo trabalho desenvolvido com intuito de não banalizar a informação. Nonato Guedes aponta como é que se posiciona para materializar o seu espaço.

E.:O que representa esse espaço que o senhor escreve?

P.:Eu não nasci colunista. Ninguém nasce colunista. Colunista é uma extensão da profissão jornalística e, muitas vezes, uma concessão das empresas ou das editorias quando elas identificam que há uma certa vocação de algum repórter, algum articulista para o colunismo político, por exemplo. Então, ela escolhe para comentar os fatos, No meu caso, eu sempre tive, até por força da minha atuação de cobertura da área política, uma identificação muito forte com a área política. Embora tivesse também uma identificação crítica. Eu nunca deixei de abrir mão de uma visão crítica. Nunca deixei de criticar políticos, inclusive, amigos meus.

E.:Só escreve sobre política?

P.:O jornalista nunca pode dizer que é setorista de tal área. Nós tivemos em outra geração do jornalismo o setorismo. Havia o chamado compartimento estanque, ou seja, a divisão do jornal por segmentos: policial, política, economia, cultura e etc. Por exemplo, eu fui correspondente na Paraíba, por 07 anos, de O Estado de São Paulo e eu tive que ser um misto de tudo.

E.:Na coluna, os temas eram voltados para o legislativo estadual, o executivo estadual e o legislativo de João Pessoa?

P.:O enfoque maior era o executivo estadual e a Assembleia Legislativa. Eventualmente, a Câmara Municipal de João Pessoa. Mas, havia também espaço para comentar a conjuntura política nacional e a própria política estadual por regiões. Por exemplo, num ano de disputa eleitoral municipal era comum trazer

comentários sobre cidades importantes como Campina Grande, Guarabira, Sousa e Cajazeiras.

Havia também temas nacionais, por exemplo, eu me articulava, na época, com o Centro de Defesa dos Direitos da Pessoa Humana que, no Brasil, o primeiro foi na Paraíba com Wanderley Castro. Na época, com Dom José Maria Pires, era ele quem denunciava em pleno período de ditadura os crimes de violação aos direitos humanos. Toda semana eu tinha contato com ele para saber das últimas informações que, às vezes, os jornais não divulgavam como matéria em destaque por uma razão ou outra por conta da censura, mas que na minha coluna tinha espaço garantido.

E.:Havia uma pauta ou não?

P.:Eu geralmente me pautava. Lia meu próprio jornal porque foi mais uma coisa que aprendi no Manual de Redação do Estado de São Paulo. Primeiro, tem que ler o seu próprio jornal. O jornal em que se trabalha. Logo cedo, eu pegava o jornal para vê quais eram as notícias e quais os eixos de direcionamentos que o jornal estava seguindo. Se ele estava dando mais ênfase as matérias policiais ou as questões políticas que me afetavam. Eu tinha a obrigação de colher a informação de bastidor para subsidiar o trabalho da reportagem porque ao mesmo tempo eu era repórter. Nessa hora eu cumpria pautas específicas. Mas, para a coluna não. Para a coluna era uma idealização minha do ponto de vista da obtenção das informações.

E.:Faz anotações ou não?

P.:Faço anotações. Faço gravações também. Hoje, menos. Anotações e memória. Sobretudo, memória. Já fiz entrevista de memória. E já tive episódio aqui interessante. Eu acho o seguinte: jornalista é um pouco o talento e um pouco a sorte. Vou lhe dar um exemplo concreto: uma vez eu estava no jornal Correio da Paraíba quando fui avisado de que o general Rubem Carlos Ludwig, que tinha sido ministro da educação do governo João Figueiredo, estava aqui em João Pessoa e ia fazer uma visita a Fundação Casa de José Américo. Eu fui lá fazer uma entrevista com ele. Sabendo que ele não daria uma entrevista, digamos bombástica, porque havia temas explosivos porque estava em período de reabertura política, anistia e a volta de exilados políticos como Leonel Brizola,

Miguel Arraes e etc. Era muito difícil conseguir que ele falasse alguma coisa. Os militares eram muito fechados naquele tempo. Mas eu fui e consegui depois de uma certa relação cavalheresca com ele fui lá tomar um café no gabinete da presidente da Fundação que era Lourdinha Luna. Eu comecei a colher informações dele sobre assuntos variados, por exemplo, o que ele achava da obra de José Américo de Almeida. A atuação dele como ministro da educação. E por último, eu entrei na questão militar. Eu perguntei o que ele achava da saída dos militares do poder e como ele encarava a volta dos anistiados. Se ele achava que representava alguma ameaça. Se ele achava que o regime ia tomar alguma retaliação contra. Quando terminou a entrevista ele disse você é um danado deu uma volta olímpica para chegar exatamente nessa pergunta. E era a pergunta manchete. O carro chefe da minha matéria. Mas eu tive, como ele disse, que fazer essa volta olímpica porque senão ele podia não dizer nada. Se eu abrisse a entrevista perguntando o que ela achava da volta de Brizola, ele não ia ser obrigado a falar.

E.:O senhor deve freqüentar bares e restaurantes. Já fez anotação em guardanapo?

P.:Houve um episódio que aconteceu que eu achei muito marcante na minha vida. Houve uma reunião no Hotel Tambaú do presidente João Figueiredo com o governador Clóvis Bezerra e Wilson Braga que ia ser candidato a governador em 1982. Isso foi dentro do Hotel Tambaú. Uma reunião a portas fechadas, e evidente que ninguém ia conseguir nenhuma declaração do presidente da República. Se ouvisse o governador ele ia dar uma declaração sem entrar muito nos detalhes. Enquanto o pessoal se ocupava em entrevistar o governador e alguns deputados como Soares Madrugá que era o presidente da Assembleia Legislativa ou o líder do governo, eu fui num cesto de papéis. Melhor: dois cestos de papéis numa mesa grande na sala de reuniões do hotel. Tinha um bocado de papel feito bolinhas. Eu peguei coloquei no bolso, sem pretensão nenhuma e levei para o jornal O Norte. Trabalhava lá. E quando cheguei vi que estava a matéria todinha. Era recado de Wilson Braga para Figueiredo. De Clóvis Bezerra para Wilson Braga. Então, eu fiz a matéria contando o que tinha sido a reunião secreta e, por isso, ficou conhecido que aqui na Paraíba as reuniões secretas são divulgadas em primeira página. No meu caso, eu tive a curiosidade de pegar algumas informações exatamente através

desse mecanismo. Peguei as anotações e fiz o quebra cabeça do que foi tratado na reunião.

E.:Um ato de muita sorte não foi?

P.:Muita sorte e também uma maneira criativa porque se não sair do feijão com arroz em se tratando de uma coletiva em que todo mundo vai a manchete do dia seguinte vai ser a mesma. O que tem que fazer? Eu fiz muito durante a militância, hoje, nem tanto. Eu ia para as coletivas de governador, presidente, deputado e ministro, mas sempre que era possível eu chamava o personagem a parte e pegava a informação que me interessava que seria a minha manchete.

E.:Esse é o seu diferencial?

P.:Era uma coisa exclusiva. Hoje, os jornais não dão mais importância. Os repórteres trocam as informações. No meu tempo não. No meu tempo era guerra mesmo no bom sentido. Eu tive companheiro de batente como Sebastião Lucena, Edmilson Lucena, Ademilson José e, às vezes, a gente se colidia porque exatamente queríamos informações diferenciadas e era um direito de todo mundo. Houve um outro episódio que aconteceu na cidade de Sousa, o ministro da justiça do governo João Figueiredo Ibraim Abi-Ackel chegou para abonar a ficha de filiação do ex-deputado Marcondes Gadelha ao PDS. Marcondes tinha sido do grupo autêntico do MDB por muito tempo. O evento aconteceu em Sousa. Terra de Marcondes e do ex-governador Antonio Mariz. Fomos 04 correspondentes de jornais do sul do país. Eu fui pelo O Estado de São Paulo. Erialdo Pereira, pelo jornal do Brasil e Frutuoso Chaves foi pelo O Globo. Além de Severino Ramos que foi pela Folha de São Paulo. Então, a gente armou um cerco para entrevistar o ministro Abi-Ackel depois do comício porque o evento terminou em um comício e já era quase meia noite. E mesmo assim, fomos a casa de um chefe político local e fizemos a entrevista. Ele não pôde se recusar por conta do peso dos veículos de comunicação representados no local. Nós fizemos essa entrevista e acabou sendo uma coletiva com Ibraim Abi-Ackel.

E.:O senhor se preocupa com o fato de desagradar um agente político?

P.:Não. Me preocupo não. Eu nunca fui filiado a nenhum partido político. Já trabalhei, eventualmente, para políticos. Mas, sem vínculo maior. Por exemplo, fui

assessor do ex-deputado Edme Tavares, em Brasília, requisitado à Universidade Federal da Paraíba (UFPB), e voltei para cá quando ele me devolveu a instituição. Trabalhei com o ex-governador José Maranhão. Apresentei o programa Palavra do governador durante 06 anos, mas nunca fui filiado ao PMDB e nunca fui candidato a nada. Divulguei matérias contra José Maranhão e Edme Tavares. É evidente que eu não fazia com estardalhaço, mas não deixava de divulgar meu compromisso era exatamente com a informação.

E.: Como foi divulgar o caso Gulliver em um jornal do governo do estado?

P.: Foi um caso muito dramático que eu enfrentei na minha vida. Talvez o mais dramático que acho que ainda vou contar em livro um dia que foi o tiro do ex-governador Ronaldo Cunha Lima no, também, ex-governador Tarcísio de Miranda Burity. Eu era superintendente do jornal A União e fui informado a respeito do episódio. A partir daí, eu fui atrás de Cícero Lucena que era o vice-governador na época e pedi uma orientação dele. Eu achava que A União, como órgão de governo desde Álvaro Machado não podia ficar omissa. Teria que dar um registro qualquer. Evidente que eu não iria distorcer os fatos dizendo que Burity era quem tinha atirado em Ronaldo. Não iria fazer isso. Não iria cometer esse desrespeito com o leitor e com a história. Então, eu ainda consegui falar com Ronaldo. Ele estava preso na Polícia Federal em Campina Grande. Falei com ele, por telefone, para pedir alguma informação. A causa do atentado e tal. E ele falava: Cássio, Cássio. Dando a entender que tinha saído em defesa do senador Cássio Cunha Lima a pretexto de uma campanha que Burity teria movido contra ele através de um padre lá de Campina Grande. Bem, foi a versão dele. Ao mesmo tempo eu ficava colado ao hospital Samaritano, em João Pessoa, para saber o estado de saúde de Burity. Ficava me mantendo informado. De modo, que saí a meia noite e deixei reservada apenas a primeira página. Estávamos lá eu e os jornalistas Fernando Moura, Carlos Cezar, Sebastião Barbosa e se não me engano Antonio Costa. Telefonei para 03 jornalistas bastante conhecidos aqui em João Pessoa e que são amigos meus pedindo orientação. O primeiro disse o seguinte: se for sobre o tiro não tenho nada a comentar. O segundo disse, olha Nonato lhe admiro, mas não queria está na sua pele. O terceiro disse se for sobre outro assunto tudo bem, agora, sobre o tiro eu não comento não. Então eu parei, olhei para o pessoal e disse: alguém tem que estar na minha pele. Então, eu vou ficar na minha pele e

vamos divulgar isso aqui. E divulguei com esse título que tenho guardado em casa. Incidente leva Ronaldo a se afastar do governo. Fui alvo de gozação por parte de amigos meus. No dia seguinte foi adotado pela TV Cabo Branco. E o meu argumento era o seguinte: se alguém provar que atentado não é incidente, naquela circunstância o que eu poderia fazer? Divulgar pelo menos o fato. Queria preservar a divulgação do fato. Não estava preocupado em defender A ou B, nem nada. Mas, a Cabo Branco adotou. Gostou do título incidente. Já o Correio da Paraíba que era independente foi mais realista que o rei, saiu-se com a seguinte matéria em letras garrafais: Ronaldo atira em Burity em legítima defesa da honra. Eu disse bom: eu não preciso dizer mais nada. O Correio da Paraíba está falando pelo jornal A União. Vou até voltar a trabalhar no Correio que é jornal de governo. Isso é uma coisa muito relativa. Mas, do meu ponto de vista foi um momento muito difícil. Foi o momento mais difícil que eu enfrentei na minha vida profissional porque Ronaldo sempre foi uma pessoa amiga minha e Burity também.

E.: Mas, acredita que fez o que tinha que ser feito?

P.: Nas circunstâncias é aquela história de Ortega e Garcel: o homem é a sua circunstância. Então, quando eu liguei para três jornalistas amigos meus e nenhum quis está na minha pele como disse um deles. Então, eu entrei na minha pele. Outro, talvez no meu lugar tivesse colocado: Burity tentou atirar em Ronaldo. Eu não faria nunca isso na minha vida. Não haveria nenhum perigo. Por isso eu tenho meu profissional preservado graças a Deus.

E.: O senhor tem muitas fontes?

P.: Sim. Tenho muitas fontes.

E.: São fontes fixas?

P.: São fontes fixas. Inclusive, digo que essas fontes não estão nem em meu celular. Estão numa caderneta. Só eu sei. Nela se encontra do ex-deputado Roberto Jeffersson, que ainda está na mídia, a Aécio Neves e a Marina Silva. Eu tenho esses telefones de contato porque eu sempre fiz jornalismo baseado na Paraíba, mas antenado com o país.

E.: Sempre esteve ligado às questões nacionais?

P.: Sim. Mailson da Nóbrega, por exemplo, ex-ministro da Fazenda no governo Sarney, foi muito criticado. Eu mesmo critiquei como colunista. Não deixava de ser notícia na minha coluna. Ele foi ministro num momento atípico do Brasil porque o país esperava por Tancredo Neves e deu José Sarney. Então, um dos segredos que alguns dos colegas não cultivam é a agenda telefônica. É a coisa mais simples do mundo. É só ir para um canto pegar um telefone e ligar para um gabinete de um deputado, por exemplo. Eu fazia isso quer como editor de política, quer como colunista e quer como repórter de política. Nunca deixei de fazer isso. Ligava para o ex-senador Humberto Lucena, na época, presidente do Senado, para uma entrevista que seria matéria de capa da revista A Carta. Pauta de Josélio Gondim. Ligava às 07hs00 da manhã. Ele dizia: Nonato, essa hora? Eu dizia presidente me diga uma hora para eu lhe telefonar porque preciso fazer uma entrevista com o senhor por telefone e será matéria de capa para a revista A Carta. Ele dizia me dê só um tempo e conversava uns 40 minutos, por telefone, e eu pagando a ligação.

E.: O senhor tem fontes de pessoas ligadas ao governo e também a oposição?

P.: Ligadas aos dois. As maiores fontes que eu tive foram da oposição. É tanto que quando Ronaldo Cunha Lima me convidou para a superintendência do jornal A União, na época eu estava trabalhando na TV Cabo Branco e no jornal Correio da Paraíba. Ele ligou para o escritório de Brasília e disse: localizem Nonato Guedes. Ele deve está no Congresso Nacional e pelo o que eu o conheço deve está em busca de informações com os parlamentares da Paraíba e de outros estados. Realmente eu estava lá, mas não conseguiram me localizar. E quando retornaram a Ronaldo dizendo que eu não tinha sido encontrado, o mesmo pediu para que me procurassem nos gabinetes da oposição que era onde eu deveria está porque o meu negócio era com os opositores. E foi em um gabinete de um deputado da oposição que me encontraram. No gabinete de Tarcísio de Miranda Burity que era deputado federal, na época.

E.: Essas fontes opinam?

P.: Elas ponderam. Mas, no geral eu sempre tive e tenho cuidado com relação à criteriosidade da divulgação. Quando eu coloco entre aspas significa que não sou eu que estou dizendo, então, eu sou muito criterioso e não vou mexer naquilo

porque se trata de um pensamento que não é meu. Não tem o menor perigo de adulterar. Se alguém disser eu sou isso vai entrar literalmente. Eu sou isso, afirmou fulano de tal.

E.:Nunca uma fonte ligou para o senhor reclamando?

P.:Pode ter telefonado por eu ter trocado uma data. O ex-governador Pedro Gondim mandou uma correspondência para mim uma vez dizendo que houve uma troca de data e local sobre um determinado assunto, mas nunca por adulteração de pensamento. Isso não porque eu sempre tive essa preocupação até porque eu acho que o meu cartão de visita junto a qualquer fonte política é a credibilidade. A credibilidade implica em que eu não adultere o pensamento de ninguém.

E.:O senhor é muito exigente ao escrever?

P.:Não. Quando eu vou escrever já vou com o texto na cabeça. Eu tenho essa agilidade mental que me inquieta muito. Eu me sento em um canto e digo vou começar por aqui e o restante flui naturalmente.

E.:Já aconteceu de está escrevendo e ter que mudar de foco?

P.:Já aconteceu por achar que havia uma coisa mais importante porque, às vezes, a gente anota uma série de informações e que a informação mais importante está na última linha da anotação.

E.:Como lida com as pressões?

P.:Existem as pressões políticas e econômicas. Sobretudo, de governos e de grupos empresariais ligados a políticos. Eu não vou dar nomes aos bois, mas houve um caso aqui de o governador pediu a minha cabeça aos proprietários do jornal O Norte.

E.:Não pode citar o nome?

P.:Não vou citar. O governador ligou e disse: olha, eu não quero Nonato Guedes como colunista. A direção da empresa disse: ele vai ficar até quando a empresa quiser. Ele foi para lá e para cá e a direção da empresa sugeriu um encontro entre a gente. Nos encontramos e o jornal nunca me demitiu. Mas houve empresa que

me demitiu por conta de qualquer aviso de que o governador estava descontente e a empresa precisava agradecer ao poder de plantão.

E.: Isso frustrou o senhor?

P.: Não me frustrou não. No primeiro momento é evidente que decepciona, mas já fui preparado para tudo. Quando eu entrei nesse jogo eu já sabia. Eu aprendi uma coisa: o jornalista não é dono da empresa. Não tem como chegar e dizer o meu jornal. Um diálogo de Roberto Marinho com um profissional bastante conhecido que escrevia para o jornal O Globo e foi ouvido por ele (Roberto Marinho) na redação dizendo em voz alta “porque no meu jornal” e a partir daí Roberto Marinho, que estava atrás ouviu e disse: olha, o senhor passe no departamento pessoal e peça as suas contas porque o jornal é meu e não seu. E acabou sendo demitido. Roberto Marinho estava certo. O jornal era dele.

E.: Costuma pedir para ler o que escreveu antes da publicação?

P.: Não. Eu jogava de ponta cabeça. Foi por isso que eu recebi uma agressão por parte de Neto Franca, filho do ex-prefeito de João Pessoa Damásio Franca. Isso ocorreu porque eu escrevi um artigo intitulado O Odorico da Paraíba. Comparando a gestão de Damásio ao personagem Odorico Paraguassu, e ao final pedindo desculpas ao Dias Gomes e a Paulo Gracindo que foi o ator porque a comparação era infeliz ao se tratar de Damásio Franca. Mas, aquilo deu um rebu muito grande e Neto Franca depois veio me pedir desculpas. Mas, ele (Neto Franca) primeiro, tentou me expulsar de um pavilhão na Festa das Neves. Depois, me ameaçou de uma surra. Isso está tudo documentado em casa. Eu tenho uma pasta com o nome “Dossiê Damásio”. Depois, concretizou na praia do Poço, em Cabedelo, quando eu me encontrava de costas, Neto Franca, eu não o conhecia, chegou e disse nunca mais chame meu pai de Odorico e me agrediu. Eu fui prestar queixa na delegacia de Cabedelo porque o Poço é jurisdição de lá. Fui lá prestar queixa num dia de domingo sabendo que não ia dar em nada. O que houve foi uma reação. O fato foi denunciado ao Ministro da justiça Ibraim Abi- Ackel pela Federação Nacional dos Jornalistas do Brasil. Mas, é evidente que foi uma agressão, digamos assim, leve. Depois houve todo um processo de reaproximação dos Franca, não de Damásio, mas dos filhos. O próprio Neto Franca chegou a utilizar Burity e veio me pedir desculpas abertamente. Eu disse deixa para lá: não vou levar isso adiante não.

Houve o processo, mas eu sabia que não ia dar em nada. O Jornalista Biu Ramos foi testemunhar a meu favor, mas se tratava de uma agressão leve.

E.:Que tipo de agressão?

P.:Um tapa. Um murro que ele me deu no rosto.

E.:O senhor guarda o material produzido em uma pasta de computador?

P.:Não. Eu tenho em casa mais de 80 pastas de arquivo. Todo meu material jornalístico arquivado, mas não foi passado para o computador.

E.:Pode disponibilizá-lo para o nosso trabalho?

P.:Posso. É só conseguir cópias por se tratar de material primário mesmo.

E.:Utilizou a máquina de escrever nas redações?

P.:Sim. Tenho em casa, inclusive, a última máquina que usei está em casa como relíquia.

E.:Mas, ainda a usa para escrever a coluna?

P.:Não. Se eu usar eu não consigo digitar por conta do teclado do computador que pela sua familiaridade já me distanciou da máquina de escrever. Mas, é uma doce lembrança porque me acompanhou durante muito tempo.

E.:Como foi sair da máquina de escrever para o computador?

P.:Veja bem. Eu passei também pelo telex. Eu era correspondente do Estadão. Eu dormia com o telex dentro do meu quarto. Era alugado a Embratel. O Estadão pagava e ficava lá em casa porque eu recebia pautas de manhã, de madrugada e tal. A gente teve várias fazes. Para mim são instrumentos importantes. A questão é só me adaptar. Eu passei da máquina de escrever para o telex. Do telex para o fax e depois para o computador.

E.:Mas, hoje está melhor?

P.:Com certeza. É sempre um avanço. Eu não vou dizer que domino toda a logística do computador. O básico eu domino. O que interessa para mim é o básico.

E.: Usa WhatsApp?

P.: Não. Uso o celular. Não tenho o WhatsApp. Só tenho o celular e quando estou em casa eu desligo.

E.: Pesquisa muito para escrever os textos para a coluna?

P.: Tenho muito livro em casa. Vou te dar um exemplo. Um dos períodos mais férteis da minha vida foi quando eu estava na CBN, quando pertencia ao Correio da Paraíba. Eu fui levado para lá por Gutemberg Cardoso que, na época, era do Sistema Correio de Comunicação. Então, ele me deu aquele programa pela manhã que, hoje, é apresentado no Sistema Paraíba de Comunicação por Nelma Figueiredo. O que eu fazia: eu chegava em casa e eu mesmo fazia a pauta. Pesquisava na internet e foi nesse período que fiz amizade com o ex-deputado Roberto Jeffersson (era o presidente nacional do PTB). Vi que ele estava em evidência em um determinado assunto que ainda não era o mensalão. Liguei para a sede nacional do PTB, me identifiquei pedindo para falar com ele. Ele me atendeu e marcamos uma entrevista para o dia seguinte. Fizemos a entrevista e a partir desse dia ficamos amigos. O mesmo aconteceu com Sérgio Guerra que era o presidente nacional do PSDB. Ele veio aqui para o casamento de uma filha do ex-senador Cícero Lucena e lá no evento, Cícero disse que tinha uma pessoa que queria falar comigo de todo jeito. Era Sérgio Guerra.

E.: O senhor sempre checa a informação antes de publicar o texto?

P.: Sim. Houve um episódio aqui. Uma coisa que marcou. Havia uma divergência entre dois deputados governistas que eram Afrânio Bezerra e Ramalho Leite. Nesse período, houve uma reunião secreta no antigo Palácio dos Despachos que ficava ao lado do Centro Administrativo do Estado onde funcionava o gabinete do vice-governador. Nessa reunião envolveu Soares Madrugá, que, era se eu não me engano, o presidente do partido ou o líder do governo na Assembleia Legislativa. Envolveram representantes dos dois deputados. Parece que Milton Cabral também estava presente. Aconteceu o seguinte: eu telefonei para Madrugá e disse: eu obtive essa informação me passa como foi essa reunião. Ele informou que não tinha havido reunião específica não. Eu disse: mas, eu tenho a informação que houve. Madrugá declarou que era fofoca. Não tinha havido aquilo não. Então, não houve nada? Ele contou que de especial não. Eu disse: está certo. Fui a Ramalho

Leite e ele me confirmou tudo e ainda me deu detalhes. Fui a Afrânio Bezerra e também me confirmou. Fiz a matéria para a primeira página do jornal O Norte. Eu também fiz um artigo desmoralizando Madruga. De uma forma que no dia seguinte ele chegou de cabeça baixa para mim e disse: eu dou a minha mão a palmatória. Eu disse; o senhor quebrou uma relação de confiança tácita. O senhor podia ter dito que não podia falar, mas que tinha havido a reunião. Bastava isso.

E.: Checa as informações das fontes?

P.: Sempre checo. Sempre aprendi a ouvir mais duas fontes. São 03 fontes que eu ouço antes de concluir uma matéria, sobretudo, quando é uma matéria polêmica. Quando é consensual, não.

E.: Já teve matéria desmentida?

P.: Até hoje eu nunca tive uma matéria desmentida. Pode haver alguma data ou telefone que não correspondem, mas, em termos de conteúdo e alteração de pensamento, não. Nunca fui desmentido e nunca fui processado na justiça. Não gosto e não quero colecionar processos.

E.: Cumpre o papel como colunista político?

P.: Acho que tive a minha fase de colunista político e acho que cumpri o meu papel a altura até porque sempre fui crítico comigo mesmo. Se eu não tivesse condições de cumprir o compromisso não teria assumido uma coluna de João Manoel de Carvalho que era o papa do jornalismo, na época, aqui na Paraíba.



Lena Guimarães

A primeira vez que vi pessoalmente a jornalista Lena Guimarães foi na redação do jornal Correio da Paraíba. Já faz um tempinho. Eu ainda nem pensava em fazer jornalismo. E quis a vida que eu a entrevistasse para este livro nas dependências do Sistema Correio de Comunicação.

Foi logo após a sua participação no programa Correio Debate da TV que a especialista em Marketing pela Fundação Getúlio Vargas (FGV) e MBA em Derivativos e Informações Econômico-Financeiras pela FIA-USP (Universidade de São Paulo), que Lena começou a revelar como ocorre o seu processo de produção da coluna.

Apesar da atribuição do trabalho, a ex-repórter, redatora e Chefe de Reportagem do jornal A União, Editora de Cultura, Cidades, de Economia e de Política do jornal Correio da Paraíba, não permitiu que a conversa deixasse de fluir.

Mesmo sendo em um local de trabalho, a ex-editora geral do jornal O Momento, Repórter Regional da Folha de São Paulo e do Jornal do Brasil, respondeu aos nossos questionamentos de forma bem descontraída. Lena foi diretora de jornalismo do Sistema Correio de Comunicação e responsável pela implantação do jornalismo da TV Correio.

Além disso, ocupou o cargo de secretária de Comunicação do governo do Estado (2009/2010) e, ainda, foi coordenadora de comunicação da Unimed-João Pessoa. Hoje, é colunista política do Jornal Correio da Paraíba.

A arte de retratar a realidade dos fatos é uma atividade bastante complexa. Requer muito compromisso e muito zelo com o público para que não haja prejuízo na divulgação dos acontecimentos. Portanto, devemos sempre trilhar pelo caminho da investigação até que seja possível chegar ao produto final com a certeza que o público vai está a receber a informação que merece.

Trata-se, na verdade, de um grande desafio para todo aquele que trabalha com a manufatura informacional. A notícia merece e deve ser trabalhada com um olhar bastante crítico e zeloso.

Desconfiar do que está sendo propagado é uma prática que tem que ser cada vez mais estimulada para a materialização do aprimoramento do que vai ser noticiado. Ser cético, neste caso, é não permitir que a informação seja veiculada sem a precisão necessária numa demonstração clara de que existe um mínimo de respeito por quem vai receber a carga informativa. A jornalista Lena Guimarães esclarece como é a sua rotina para a produção da coluna.

E.: Como a senhora define o espaço em que escreve?

P.: Um espaço de responsabilidade muito grande em virtude de está transmitindo informações que são fundamentais para a sociedade. É nele que se tenta traduzir para a sociedade o que acontece na política. E política é tudo. Como são tomadas as decisões. O que está por trás das decisões dos políticos e dos gestores.

E.: Como fazer isso?

P.: Tem que ter um relacionamento. Conhecer todo mundo. E tem que ter também um distanciamento porque senão não será capaz de dizer a verdade, sendo muito próximo. Se mantém algum tipo de vínculo que não seja o que interessa a notícia vai comprometer a informação.

E.: É difícil manter uma postura assim?

P.: Não é difícil. Quando se faz isso com uma só pessoa e com os outros mantém uma relação diferente fica complicado. Mas, quando se estabelece esse tipo de relação com todos passa-se a ser respeitado. As pessoas aceitam quando se trata de um profissional que tem um peso só e uma medida só. No jornalismo isso é essencial.

E.: O que esse espaço representa?

P.: Representa que podemos ter opiniões e todos nós temos. Mas, é preciso sermos honestos com elas. Têm que refletir aquilo que se está enxergando no cenário e na conjuntura política, e nunca fazer uma interpretação a partir de interesse que se está defendendo. Interesses escusos. A sociedade aceita que o profissional de

jornalismo tenha um lado, mas não aceita que ele se posicione por um lado por interesses que não sejam a sua crença de que aquilo é o melhor.

E.: Trata-se de uma atividade que agrada e desagrada. Como lida com essas situações?

P.: Desagrada mais que agrada, mas faz parte do ofício. Quando se faz uma coluna que elogia alguém porque mereceu nunca essa pessoa vai lhe ligar para agradecer. Não terá nem sequer uma mensagem de obrigado por entender que o elogio ocorreu por merecimento. É isso que acontece na cabeça dos políticos. Agora, quando se publica um comentário, por menor que seja, contra eles na mesma hora começam a surgir os gritos de desaprovação. Como qualquer profissão tem uma parte boa e tem uma parte que a gente tem que aprender a conviver com ela que é justamente essas reclamações e contestações porque a gente lida com reputação o tempo inteiro. Pode-se construir e pode destruir uma pessoa com uma informação. Se não for zeloso e criterioso. E não é só ser honesto e desonesto não porque pode, por incompetência ou desinformação, passar uma informação errada. Quando se recebe uma informação de alguém que sempre lhe repassou algo confiável e, por isso, publica sem fazer a devida apuração e que pode destruir a reputação de uma pessoa.

E.: Sempre faz checagem?

P.: O profissional tem que ter o cuidado e o compromisso de sempre checar. Eu nunca tive uma coluna desmentida. Eu tento me esforçar para checar tudo. Toda informação que eu recebo, eu ligo e confirmo. Quando não consigo confirmar e se eu percebo que ela vai comprometer a imagem de alguém de uma forma séria, eu prefiro não divulgar e deixar para divulgar em outro momento para não assumir esse risco.

E.: Como trata as informações oriundas das mídias sociais?

P.: As mídias sociais, hoje, são nossas maiores fontes. Elas agilizam o trabalho da gente, mas nem sempre o que vem através delas é verdadeiro. São fontes de informações, mas é preciso ter o cuidado de apurar direitinho ouvindo todos os lados possíveis para se ter condição de se posicionar e analisar.

E.:Faz a checagem mesmo se tratando de fonte corriqueira?

P.:Toda fonte merece crédito e toda fonte deve ser checada. Se é uma opinião de um deputado ou de um político qualquer, é uma opinião. Trata-se da opinião dele. Ele está assumindo. Se houver desmentido será para ele. Não precisa checar. Agora, se for uma acusação, abaixo da declaração tem que colocar a verdade dos fatos. Aquilo que se conseguiu apurar. Em se tratando apenas de uma opinião sem gravidade a checagem não se faz necessária. O que não se pode ser é instrumento de alguém que quer desgastar o outro. Quando se publica sem checar passa a ser instrumento para outras pessoas. Deixa de ser um jornalista que está informando para ser um instrumento de alguém que quer fazer política através do profissional jornalista. Que quer levar um tipo de informação ao público que normalmente o jornalista não passaria. Não se perde nada em apurar. Pode até perder um pouco de tempo, mas ganha em credibilidade.

E.:As fontes são fixas?

P.:Tenho. Se acrescenta isso todos os dias. O jornalista constrói isso ao longo da sua vida profissional. Sempre teremos boas fontes quando se é honesto com as pessoas. Se as fontes têm a devida atenção que deverá ser dada é uma relação que deverá ser construída porque são elas quem vão dar a vantagem com relação aos colegas jornalistas. O analista político, principalmente, tem que dizer o que não é óbvio. O que não está à vista. Ele tem que ir atrás do fato. E o que vai provocar o fato. O antes e o depois do fato. Para que seja possível explicar o que está acontecendo. Isso só se consegue se tiver boas fontes que lhe dêem os bastidores, o que fez motivar tais fatos porque através dos fenômenos físicos se sabe o que ocorreu, mas os fenômenos políticos é preciso que se conheça as pessoas. Nos meus 30 anos de jornalismo político eu sei até os tipos de palavras que alguns políticos usam. Eu sei o que eles dizem e o que não dizem.

E.:As fontes são políticas?

P.:São de todas as áreas. Até o porteiro ou o ascensorista de um elevador pode ser fonte. Às vezes, é melhor fonte que um político porque conta o que ouviu e que geralmente o político não quer contar. Nenhuma fonte pode ser desprezada.

E.:As fontes são de governo ou de oposição?

P.:As fontes são de todos os lados. Não pode fazer essa peneira não. Todas as fontes são importantes porque os fatos acontecem dos dois lados. Tem que haver, igualmente, consideração por todas. Tem que ouvir todas para enriquecer a análise. Agora, quem quiser pode ser colunista só de governo. Mas, o jornalista, na minha visão, tem que oferecer ao leitor dele o melhor que puder. A visão mais ampla que ele puder. Eu posso até errar, mas não vai ser por esforço de tentar dar pluralidade a minha visão.

E.:O foco é mais a Assembleia, a Câmara de João Pessoa ou o executivo estadual?

P.:É a política. Tem dia que a Assembleia é a estrela, ou seja, o fato político está lá. Mas, geralmente não está. Já houve um tempo em que a Assembleia era protagonista da política paraibana. Hoje, ela perdeu isso. Não digo que ela, hoje, é figurante porque não é, mas é secundária. Com as novas tecnologias, dá para assistir as sessões na Assembleia e no Congresso Nacional, igualmente. Tem como acompanhar o desempenho de um parlamentar paraibano, ao vivo, em uma das comissões do Congresso da mesma forma como assistir uma sessão em uma comissão na Assembleia da Paraíba. Esse leque de informações permite que outros atores entrem no foco do jornalismo político local com amplitude maior. E, também, porque a visão que a gente tinha do mundo de vinte anos atrás era bem diferente. Quando o computador foi introduzido nas redações, aqui na Paraíba, há de 18 anos, a visão era outra. Hoje, não se toma uma decisão porque se trata de algo de exclusividade do estado da Paraíba. Na verdade, trata-se de uma visão global. Atualmente, se tem interesse em um fato que ocorre em Paris da mesma forma que acontece lá em Coxixola (interior da Paraíba). É a dimensão do fato e não o local do fato que passou a ser critério de importância.

E.:Costuma abordar temas nacionais na coluna?

P.:Com certeza. A metade da semana, pelo menos, eu abordo temas nacionais. Não tem como ignorar a cassação do mandato do deputado federal Eduardo Cunha. Ela vai repercutir na Paraíba independente de qualquer coisa. Mas, tem paraibano lá votando. A repercussão da cassação de Eduardo Cunha colocou um paraibano na disputa para a presidência da Câmara Federal. Então, antes a gente

não via isso. Hoje, a gente vê. Um fato que poderia ser somente de interesse nacional passa a ter, também, forte interesse local (estadual).

E.: Frequenta a Assembleia e a Câmara de João Pessoa para construir a coluna?

P.: Fisicamente não é mais uma realidade. O jornalismo mudou também. Do jeito que as tecnologias mudaram o jornalismo também mudou. Não vai dá tempo visitar todos os locais num mesmo dia (no máximo dois). As locomoções são mais difíceis. A distância. Perde-se um tempo muito grande. As tecnologias permitem, hoje, que se esteja em vários locais como se fosse presencial. Eu posso assistir às sessões da Assembleia, hoje, da minha casa.

E.: São muitos os benefícios para o jornalismo trazidos pelas novas tecnologias?

P.: As novas tecnologias agilizaram o jornalismo e permitem uma cobertura muito mais eficiente e mais rápida. O importante é entregar a notícia e comentar seja o que for dentro do jornalismo o mais rápido possível ao destinatário dela. As tecnologias, hoje, permitem que seja mais produtivo. Que erre menos. Que saibamos de mais coisas e que a gente consiga falar e ouvir com mais pessoas.

E.: Como é que se dá o início do seu processo de criação a cada dia?

P.: Eu acordo de manhã e todos os dias pego o meu telefone e passo WhatsApp para quem eu quero falar. Peço documentos. Peço entrevista. Peço para marcar uma hora para que eu possa ligar porque, hoje, as pessoas são muito ocupadas. Eu marco minha agenda todinha pelo WhatsApp.

E.: Tem retorno?

P.: Quando dar nove horas da manhã já começo a receber os retornos. A tecnologia veio para facilitar a vida da gente. Temos que usá-la para fazermos um jornalismo cada vez mais eficiente.

E.: Existe uma pauta?

P.: Sim. Tem alguns fatos que estão marcados na agenda. Ontem (15) sabia-se que Dilma Rousseff ía estar na Paraíba. Sabia-se também que na terça (14) que ia haver o julgamento do deputado Eduardo Cunha no Conselho de Ética da Câmara

Federal e que hoje tem reunião na comissão de impeachment no Senado. Mas, ninguém estava sabendo que o presidente interino Michel Temer decidiu fazer um pronunciamento no dia de hoje (16). A gente não sabia que o governador Ricardo Coutinho ia usar o twitter hoje de manhã (16) para anunciar o pagamento da primeira parcela do décimo terceiro e não seria um fato político e, sim, econômico se ele não tivesse complementado com uma alfinetada muito forte no prefeito de João Pessoa Luciano Cartaxo. Virou um fato político para mim. O que seria um fato só econômico virou, também, um fato político.

E.:As fontes opinam?

P.:Com certeza. Tem que ser amigo da fonte. Só não pode ter uma relação promíscua. Amizade pressupõe confiança de alguém me dizer uma coisa em sigilo e eu garantir esse sigilo independente do que acontecer. Quando a fonte sabe que você é confiável também. Que a gente entende os limites dela, assim será construída uma relação de confiança e de respeito. Não de promiscuidade porque eu não prometi nada e nem estou recebendo nada para dá a informação. Estou fazendo o que eu acredito. Mesmo quando erro é pela minha visão pessoal e não porque me submeti a algum tipo de acordo que me levasse a tal situação.

E.:As fontes reclamam?

P.:Sim. Elas querem que publique a versão delas. Elas dizem, mas eu não disse que era amarelo. Eu respondo que investiguei e o que o tom era um pouco diferente.

E.:Utiliza-se de arquivos para a construção da coluna?

Sim. A pesquisa é fundamental. Não se entende o presente sem conhecer o passado. Em análise não tem como projetar o futuro sem que conheça o presente e o passado. Análise em política é isso. Tem que explicar o fato. As suas origens e, ainda, tem que projetar o fato. Mostrar se ele terá repercussão. E se possível antecipar essa repercussão. Para isso, tem que pesquisar permanentemente. Não basta só conhecer. Tem que pesquisar. Tem que checar. Tem que confirmar.

E.:Existem colaboradores para escrever a coluna?

P.:Meus colaboradores são meus colegas que ao verem alguma coisa no meio da rua me ligam, me contam, chamam a atenção, alertam, criticam, elogiam e enriquecem o meu trabalho.

E.:Tem o hábito de reescrever a coluna?

P.:Não dá tempo não. Mal leio. Durante o dia se está apurando e quando se senta para escrever existe um tempo porque o jornal precisa ser concluído para ser encaminhado para a impressão. É diferente da produção online. Tenho que está com a coluna pronta até às 19 horas. Se estiver um fato em andamento se faz uma negociação com a redação, mas geralmente, sempre estamos dentro do limite. Sempre estamos recebendo ligações, documento e precisa-se estar selecionando o que se observa que o leitor vai querer ler. Tem que fazer esse julgamento porque é muita coisa e quando termina é enviar logo para a impressão.

E.:Não pede para ninguém ler antes da impressão?

P.:Não. Não tem isso não. Dá tempo não.

E.:Vai à banca de jornal para vê como ficou a coluna?

P.:Não. Eu recebo o jornal e leio. A velocidade do jornalismo não permite isso. A gente pode até desejar que um dia possa ter esse tempo de acompanhar com mais calma a nossa produção.

E.:Já aconteceu de começar a escrever e ter que mudar de temática?

P.:Já. Ao achar que o fato é uma coisa e de repente ao receber novas informações observa-se que aquele fato não se concretizou e de última hora ter que procurar alguma coisa que tenha o mesmo valor que se achava que o fato anterior tinha. Às vezes, também a gente está de posse de algo que parece ser o fato do dia e quando se está finalizando a coluna acontece alguma coisa que sucumbe aquele fato.

E.:Tem alguma angústia como colunista?

P.:Não. Eu acho que em toda a minha vida profissional o período que foi muito duro para quem estava atuando no Correio da Paraíba foi durante o assassinato do jornalista e empresário Paulo Brandão. Como eu nunca fiz campanha difamatória

contra ninguém e com a graça de Deus nunca irei fazer. Tenho minha consciência tranquila. Durmo bem. Tenho muitos amigos de todos os lados. E quando não tenho amigo, tenho a certeza que tenho respeito.

E.: Como lida com as pressões internas e externas?

P.: Isso existiu no passado. Quando existiam dois ou três veículos de comunicação. Exemplo, o governador de plantão poderia pegar o telefone dizer ao proprietário do veículo e dizer que tal jornalista tinha escrito algo do seu desagrado. Mas, hoje têm tantos veículos que se torna inviável fazer isso.

E.: Nunca deixou de escrever uma coluna por conta de pressões?

P.: Não. Nunca. Aqui no Correio da Paraíba tem uma vantagem. Existe muita liberdade para os profissionais desenvolverem suas atividades. Nunca ninguém da direção da empresa me ligou para pedir que não escrevesse algo sobre determinada pessoa. Aqui, a coluna é do profissional. Nunca houve interferência não. Eu já fui diretora de jornalismo do Correio e tinha que discutir a linha editorial da empresa com a diretoria, mas ela dava total liberdade para conduzir o jornalismo.

E.: Hoje, tem como esconder os fatos do cidadão?

P.: Não. Não existe mais como esconder a verdade. Essa história de administrar a verdade também acabou. A revolução tecnológica mudou tudo na comunicação. Mudou tudo nas relações humanas.

E.: Usou a máquina de escrever nas redações?

P.: Com certeza. O computador tem, no máximo, 20 anos nas redações das empresas de comunicação aqui na Paraíba. Antes, era a máquina de escrever.

E.: Como era fazer uma coluna usando a máquina de escrever?

P.: Meu maior professor de jornalismo foi Frutuoso Chaves. Com ele, a gente saía para a rua e tinha que produzir dez notícias por dia. Isso tudo a pé. Todo mundo era magrinho na redação. Mas, todos os órgãos ficavam perto uns dos outros nas imediações do centro da cidade. Dentro de um raio que era possível andar a pé. O jornalista chegava na redação para redigir e não podia sair antes que ele fizesse as

correções. Ele era o professor. Ele pegava um lápis ia fazendo as correções de português. O jornalista não podia cometer aquele mesmo erro duas vezes. Eu me lembro bem da máquina de escrever porque ele colocava o tracinho vermelho abaixo da palavra quando se tratava de erro de concordância e uma bolinha quando era um erro referente à palavra e a gente voltava para a máquina para escrever de novo.

E.:Hoje está mais fácil?

P.:Com certeza. Hoje, tem um dicionário no computador. Só erra se quiser. Se não tiver o zelo de procurar a palavra. Tudo é numa velocidade impressionante com relação ao que se tinha no passado.

E.:Utiliza o Google?

P.:Muito. E o dicionário o tempo inteiro. Não pode ter arrogância em relação a isso não. Todos os dias eu aprendo coisas novas. É escrevendo e aprendendo. Pesquisando e aprendendo. É lendo e conseguindo vê o mundo de uma forma nova.

E.:Todos os dias é um recomeço em termos de construir a coluna?

P.:Todos os dias a gente começa do zero e quando termina dá aquela respirada para no dia seguinte começar do zero de novo. Não adianta guardar para amanhã o que não foi usado porque se eu não divulgar alguém vai divulgar. Será notícia velha.

E.:Os programas de rádio de e TVS subsidiam a coluna?

P.:Sim. É importante que se saiba o que as outras pessoas estão dizendo. As análises que estão sendo feitas. Pode nem concordar com o que está sendo dito, mas é uma forma de adquirir um detalhe novo e isso sempre enriquece a bagagem de informação que se tem. Eu sou viciada em rádio. Acordo ouvindo rádio. Saio do rádio e vou assistir os noticiários na televisão. Além disso, acompanho as sessões e as comissões das casas legislativas na televisão. Ouvir e ter a humildade de ouvir os outros na profissão é uma questão de sobrevivência.

E.:Qual a maior marca da coluna?

P.: Vou dizer qual é a minha preocupação. Não sei se é a maior marca. Falar bem e falar mal de todo mundo e tratar todos com o mesmo respeito que eu gosto de ser tratada. Do mesmo jeito que eu trato quem está no poder eu trato quem está na oposição. Eu tento ser justa com os fatos tentando apurá-los bem. Tento entregar ao meu leitor uma informação honesta. Eu me esforço. Se eu consigo isso todos os dias eu não sei, mas existe um esforço diário.

E.: Cumpre o papel na condição de colunista?

P.: Minha obrigação é fazer com que o leitor compre o jornal. Ele saber que aquela informação que está no jornal é honesta.

E.: Como ocorre a interação com o leitor?

P.: Tem um e-mail na coluna da gente. Os leitores participam ativamente. Eles mandam a opinião deles também pelo facebook e twitter. Quando é passada uma informação que o leitor não concorda na mesma hora chegam comentários. Além disso, eles mandam também informações. Existe também o feedback quando se acerta. Sempre chegam os elogios dos leitores. Dos políticos, não. É bom saber que está se fazendo o certo. As pessoas, por conta da televisão, me abordam nos locais aonde chego. As pessoas falam que gostam da forma como eu trato a política, ou seja, traduzindo para uma linguagem que todo mundo entende. A minha coluna, a linguagem não é dirigida ao político. Eu faço a coluna para o leitor que não entende de política ou que precisa de um detalhe explicando cada fato político. Eu acho que é fundamental explicar. Trazer a memória dos fatos. Situar bem o leitor para que ele entenda o que está acontecendo e para onde aquilo vai levar. Isso faz parte do meu dia a dia.

E.: Pode dá um exemplo?

P.: O deputado Aguinaldo Ribeiro está cotado para ser presidente da Câmara Federal. Nem todos sabem quem é o deputado Aguinaldo. Em Campina ele é mais conhecido porque é de lá. Ele não é tão conhecido em João Pessoa. Eu tenho que dizer que ele é neto de Aguinaldo Veloso Borges, filho do ex-prefeito de Campina Grande, Enivaldo Ribeiro. Que ele foi deputado estadual e que foi ministro das cidades. Começo a historiar para que o leitor lembre que ele é, hoje, líder do PP na Câmara dos Deputados e que o seu partido é a quarta maior bancada do

Congresso Nacional. Que dentro desse bloco comporta 260 deputados e que o partido dele é que tem mais parlamentares. Assim sendo, o leitor vai dizer: ele tem chance. Eu nem vou precisar dizer isso. Na hora que eu passar essas informações, o leitor que tem a mesma capacidade que eu tenho de fazer conclusões vai observar que o deputado tem chance de chegar ao cargo. Se eu fizer uma divulgação sem colocar essas observações, o leitor vai pensar que eu estou com o interesse apenas de dá projeção ao parlamentar e que não tem condições de ser projetado.

E.: Como repercutir um fato lá do interior do estado na coluna?

P.: Tem que dá ao fato a dimensão que ele tem. Um fato é um fato em qualquer parte do mundo. Seja em Coxixola ou em Nova Lorque. No interior, tem que olhar o fato numa visão que destaque. Coxixola, por exemplo, que é um dos menores municípios da Paraíba, possui uma gestão que não tem dívida. Nesse caso, tenta-se mostrar que é possível ter uma gestão sem dívidas. Já o menor município do estado que é São José do Brejo do Cruz que tem 1200 habitantes e tem um servidor público para cada 08 moradores. Cada casa tem um servidor público. É o enfoque que se dar e que transforma a notícia interessante.

E.: É só o fato político que chama a atenção da senhora?

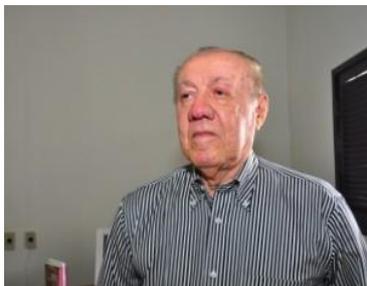
P.: Não. Tem fato econômico que tem repercussão política. Todos os fatos políticos repercutem em outras áreas. A política é um poder. O poder engloba tudo: saúde, economia, segurança pública. Então, tudo cabe. Não é só a política partidária, os interesses partidários ou as eleições, cabe tudo. A gente acompanha todas as ações do gestor na sociedade.

E.: As colunas ficam arquivadas em uma pasta de computador?

P.: Sim. Desde que comecei como colunista que tudo fica guardado em computador.

E.: A senhora deve freqüentar bares e restaurantes. Já fez ou faz anotações em guardanapos?

P.: Já fiz sim. Já teve ocasião que precisei fazer anotações até em partes do meu corpo.



João Manoel de Carvalho

O jornalista João Manoel de Carvalho é ateu. Ironia ou não, é considerado, por muitos, o “papa” do jornalismo paraibano. Não o conhecia pessoalmente, mas sempre tive uma enorme curiosidade em ficar frente a frente com um profissional que muito bem ilustra as páginas da história da imprensa no estado.

Ele é o colunista político em atividade há mais tempo na Paraíba e é completamente avesso a algumas formas de captura da informação como as tradicionais fontes, as ferramentas tecnológicas, entre outras. O mais interessante é que mesmo fazendo a opção por esse método a construção da sua coluna não tem sofrido por nenhum problema de continuidade.

A rebeldia tem sido sempre a grande marca desse jornalista que é graduado em ciências jurídicas pela antiga Faculdade de Direito da Paraíba. A idade biológica avançada não é impedimento para continuar no seu mister de informar. É diretor-proprietário e colunista do jornal semanário Contraponto, do qual é fundador.

A imprensa paraibana tem, na pessoa de João Manoel, um grande contribuinte para a sua história. Ele que atuou como colunista político no jornal O Norte (1957 a 1998). Além disso, foi colunista, editor e co-proprietário do Correio da Paraíba e, ainda, presidiu o Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Estado da Paraíba (década de 1980).

João Manoel também deu a sua contribuição fora do campo da comunicação quando exerceu a função de delegado do antigo e extinto Instituto do Açúcar e do Alcool, na Paraíba.

São muitos os indivíduos que consomem, diariamente, a notícia. Trata-se de uma matéria prima muito especial. Mas, para que ela chegue ao seu destinatário existe todo um processo. Desencadear uma rotina informacional com esse perfil de

alcançar um bom número de espectador é um processo que se inicia na preparação da pauta até a hora de lançar a notícia ao receptor.

Considero ser fundamental que os jornalistas problematizem para que as soluções apareçam e estejam em consonância com os anseios da sociedade. O jornalismo tem que abraçar a missão de dar sentido aos acontecimentos e aos temas considerados importantes. Neste caso, é como se estabelecesse um pacto para que seja viabilizada a implantação do uso social do jornalismo como fonte transmissora da realidade social com real relevância pública. João Manoel de Carvalho relata como é que prepara o seu espaço jornalístico.

E.:Escreve sobre temas nacionais?

P.:Claro. Gosto de abordar temas nacionais que sejam de interesse local.

E.:Escreve sobre temas internacionais também?

P.:Sim. Dou meus voos internacionais também. Agora mesmo eu estou deslumbrado com o lançamento de mais um míssil por parte da Coreia do Norte porque acho que ela tem o mesmo direito de lançar foguetes que os Estados Unidos, França, Inglaterra e etc. Mas a ONU só reconhece e só pune a Coreia. A ONU é uma instituição totalmente desmoralizada porque na guerra do Iraque ela reuniu o seu conselho e disse que não era para invadir o Iraque e foi só o que aconteceu e os invasores não sofreram um cascudo.

E.:O senhor compartilha o que escreve com alguém antes da publicação?

P.:Não. Nem em casa porque meus filhos gostam de conversar bastante, mas quando o tema é política eles geralmente mudam de assunto.

E.:Então, é somente o senhor e o computador?

P.:Eu e o computador. Eu não tenho um amigo. Nunca tive. Aliás, tive um amigo que foi Virgínio da Gama e Melo.

E.:O senhor faz alguma anotação antes?

P.:Eu não anoto nada. Nunca anotei o que ia escrever na minha coluna.

E.:Não tem medo de que a memória venha a falhar?

P.:Até hoje nunca deixei de escrever algo porque tenha a informação caído no esquecimento. Minha memória é muito privilegiada apesar da idade bem avançada. Às vezes, eu esqueço. Mas, em pouco tempo me lembro.

E.:O que representa a coluna que o senhor escreve?

P.:Um espaço bastante limitado porque eu tenho um jornal semanário (Contraponto) que tem boa circulação em João Pessoa, mas é muito restrito pelas dificuldades financeiras que nós enfrentamos há doze anos.

E.:Como é o processo de construção dos textos para a coluna?

P.:Não faço anotações. Eu vejo os fatos e procuro dar um tom dentro do meu ponto de vista. Eu sou desiludido com essas questões de democracia apesar de achar que a esquerda deveria está, hoje, numa posição menos deslumbrada do que está.

E.:O senhor não faz anotações em guardanapos, por exemplo?

P.:Nunca fiz e acho isso irrelevante.

E.:Usou muito a máquina de escrever nas redações?

P.:A máquina de escrever tinha uma vantagem porque era fácil de dominá-la. Hoje, se tem um belo instrumento que é o computador, mas ele domina tudo. É muito bom. Tem muitos efeitos espetaculares. Tem muita serventia, mas é desumano. A começar pelo seu processo no mercado de trabalho porque desemprega centenas de milhares de pessoas.

E.:Mas não facilitou para a feitura da coluna?

P.:É o tal do custo benefício. Existem alguns aspectos positivos. Mas, é um instrumento totalmente desumano.

E.:O senhor costuma armazenar toda a produção em uma pasta em computador?

P.:Eu não tenho uma única pasta guardada em computador e nem em um outro lugar.

E.:E se precisar rever algo que escreveu como fazer?

P.:Eu simplesmente não revejo porque não tenho nada armazenado.

E.:É muito exigente na hora de escrever?

P.:Nem tanto. Eu procuro escrever aquilo que eu acho mais interessante. Analisando. Eu acima de tudo, sou um analista político e procuro dar uma análise aos fatos com um certo critério.

E.:Escreve de uma vez só?

P.:De uma vez só. Leio uma vez antes de mandar para a publicação.

E.:Pede para alguém olhar antes?

P.:Não. Nunca fiz isso. Não tenho esse hábito. Nunca tive.

E.:Vai dormir pensando no que escrever?

P.:Muito raramente. Geralmente, eu sento na máquina de escrever. Escolho o tema e tento desenvolver.

E.:Como se dá a escolha do tema?

P.:É de acordo com os fatos que estão ocorrendo. Quer nacionalmente. Quer internacionalmente. Quer localmente (que é a minha preferência).

E.:Tem que ser fatos políticos?

P.:Não. Fatos de natureza política e também fatos ligados ao campo da economia.

E.:Os temas locais são voltados mais para o Palácio da Redenção, a Assembleia Legislativa ou a Câmara Municipal de João Pessoa?

P.:A Câmara de João Pessoa, infelizmente, é um lixo. E a Assembleia Legislativa é outro lixo. Nenhum dos dois poderes inspira um comentário mais denso e mais sério. A Câmara Municipal passa o tempo todo distribuindo título de cidadão e a Assembleia, voto de solidariedade. Algo totalmente sem sentido.

E.:Nunca escreveu algo voltado para esses poderes?

P.:Nunca. A Assembleia Legislativa já teve uma fase respeitável. Mas, a mais de 30 ou 40 anos que a Assembleia se transformou em uma verdadeira gang.

E.:O senhor tem muitas fontes de informação?

P.:Não. Minhas fontes são os jornais do sul que, aliás, estão numa decadência. Além disso, fatos oriundos das minhas leituras.

E.:O leitor nunca foi fonte?

P.:Muito raramente.

E.:Nunca recebeu sugestão de pauta de leitor?

P.:O leitor só escreve ou para fazer críticas que é justo ou para fazer elogio. Só. Mas, como fonte não.

E.:Isso nunca lhe deixou seduzido?

P.:Não

E.:Tem fonte política?

P.:Não tenho. Hoje, todas as fontes são muito fracas. Observe que a Assembleia Legislativa e a Câmara Municipal de João Pessoa são dois poderes totalmente vendidos ou ao governo ou ao prefeito. A Câmara não tem autonomia para coisíssima nenhuma. O governador Ricardo Coutinho com todos os defeitos que ele tenha, em minha opinião, foi o que até hoje demonstrou espírito público. Algum espírito público. Ele enfrentou a Assembleia, há dois anos, e disse “ eu prefiro governar sem a Assembleia, sem deputados, à comprá-los”. Nunca nenhum governador da Paraíba em lugar nenhum disse uma frase dessas. Essa frase do governador me arrebatou. Conquistou-me.

E.:Já aconteceu de começar a escrever e precisar mudar o foco?

P.:Nunca. A não ser que eu tenha me baseado em uma informação inexata e tenha, a tempo, recuperado a verdadeira versão.

E.:Costuma ir às bancas de jornal para ver como ficou a coluna impressa?

P.:Não. Do computador, vai para a impressão e não vejo mais.

E.:Cumprir bem o seu papel enquanto colunista?

P.: Enquanto possível sim. Eu procuro dar uma versão pessoal. Mas, não radical. O que eu não aceito é esse ôbaôba que existe na política brasileira. Não é só paraibana não. É brasileira. O cenário político do Brasil está uma lástima.

E.: Atribui a que?

P.: A decadência geral do país e do mundo.

E.: Já se arrependeu de ter escrito algo?

P.: Não. Nunca

E.: O que mais lhe agrada em escrever?

P.: Eu posso até está equivocado. Mas, eu penso que o que mais me agrada em escrever é prestar serviço público. Demonstrar a iniquidade dos temas. A barbárie dos temas (estadual e municipal) e, com isso, prestar algum serviço coletivo.

E.: Se utiliza de terceiros para conseguir informações?

P.: Não

E.: Recorre a arquivos?

P.: Às vezes, a uma revista. A um jornal antigo. Mas, é muito raro.

E.: Não costuma pesquisar quando precisa fazer algo mais apurado?

P.: Não. Quando eu percebo que vai dar trabalho eu paro.

E.: Esse é o melhor caminho?

P.: Pelo menos é o mais cômodo. Dar mais comodidade.

E.: Alguma frustração como colunista?

P.: Não. Nem alimento frustração. Claro que, às vezes, a gente fica chateado com algumas coisas que acontecem. Mas, eu espanto a frustração porque ela leva a depressão. E toda depressão é terrível.

E.: Qual a grande marca da sua coluna?

P.: Eu tento ser incisivo, contundente e intolerante com esse besteiro que existe na Paraíba e no país.

E.: Não se sente angustiado?

P.: Eu sou contra as coisas dominantes. O pensamento dominante. Hoje, o pensamento dominante é o pensamento único. Eu não aceito e contesto.

E.: Faz contextualização?

P.: Quando me parece possível eu faço. Não é uma coisa costumeira não.

E.: Faz roteiro para escrever?

P.: Não. Não faço pauta. Se isso traz algum prejuízo, não estou sentindo falta. Pode até estar trazendo.

E.: Qual a ênfase que costuma dar aos textos?

P.: A ênfase que eu dou aos textos é buscar a atenção da opinião pública para as coisas que estejam no contraponto do que existe no dominante. Eu sou um negativista terrível da democracia. Eu acho que a democracia continua sendo ainda uma grande farsa no Brasil e no mundo.

E.: Faz checagem da informação que lhe repassam?

P.: Claro. A pior coisa do mundo é difundir um fato que não é verdade como se fosse porque, assim sendo, o profissional passa a cometer uma enganação muito grave. A enganação é terrível.

E.: Em que se inspira?

P.: Nos meus parques aprendizados. Ensinamentos.

E.: Lê de tudo?

P.: Gosto muito de ler. Hoje, me arrependo porque não li mais. Li pouco.

E.: Essas novas tecnologias ajudam ao senhor?

P.: Não uso quase nada.

E.: Usa WhatsApp?

P.: Não quero nem ouvir falar. Eu acho que essas tecnologias têm mais malefícios que benefícios.

E.:Sente saudade da máquina de escrever?

P.:Sinto. Claro que, hoje, eu não gostaria de reintroduzir a máquina de escrever em função do avanço tecnológico, mas me adapto a esse mundo com muito dissabor.

E.:Mas ainda usa a máquina para fazer a coluna?

P.:Não uso. Utilizo o computador. Mas, também só sei digitar e passar email. Mais nada.

E.:Faz utilização do Google para pesquisar?

P.:O Google para mim não existe. Mas, não sou contra a quem usa.

E.:Já escreveu porque alguém lhe pediu?

P.:Não. Escrevo o que sinto. Mas, nunca deixando de considerar as minhas limitações. Eu não sou o dono da verdade.

E.:Qual foi a sua melhor produção?

P.:Nunca pensei nisso não.

E.:Considera-se emissor e receptor ao mesmo tempo?

P.:Não. Eu raramente leio a minha coluna. Não tenho esse costume.

E.:Por que?

P.:Tenho receio de me deparar com algo que me traga arrependimento de ter escrito. Já aconteceu comigo. Às vezes, eu fico meio inconformado e até com certo sentimento de culpa por ter escrito uma crônica antiga quando Virgínio da Gama e Melo morreu e Sérgio Castro Pinto disse que foi a melhor coisa que eu tinha escrito no jornal e até hoje eu não consegui a cópia dessa crônica.

E.:Como se define?

P.:Como colunista. Simples assim. Colunista que pelo tempo que escreve conseguiu certa consolidação perante a opinião pública. Hoje, quando se fala em João Manoel de Carvalho, o povo diz: ah! é aquele colunista de O Norte e, também, do Contraponto.

E.: Tem o hábito de acompanhar os programas de rádio e de TV para subsidiarem a coluna?

P.: Nunca. Às vezes, eu pego uma ou outra informação factual e aproveito. Muito raro. Coisa factual.

E.: A coluna tem notas?

P.: Um texto maior e duas notas. E no fim eu sempre concluo com uma frase de um escritor famoso.

E.: Sempre foi nesse formato?

P.: Não. Antes (em O Norte) era um texto e várias notas.

E.: Preocupa o fato de agradar e desagradar?

P.: Não. Isso pouco me importa. Escrevo e aguardo a repercussão no dia seguinte. E se alguém reclamar eu peço para esclarecer. Abro espaço para o direito de resposta. Eu não ataco pessoas. Eu ataco fatos e instituições.

E.: Já aconteceu?

P.: Já. Às vezes, confundem a instituição com a pessoa.

E.: Recebe e-mail?

P.: Sim. Peço para a secretária olhar e o que interessar ela guarda e a gente analisa.

E.: Já recebeu pressão interna e externa?

P.: Já. Já fui acusado de chantagear por parte da Unimed na pessoa do então presidente Aucélio Gusmão (no Contraponto)

E.: E em O Norte?

P.: No regime militar, houve pouca pressão sobre mim. Mas, o então diretor Marcondes Brito chegava e dizia: olhe, cuidado. Manere um pouco.

E.: Isso não era censura?

P.: Não considerei censura. Achei uma coisa coloquial. Não era uma imposição. Poderia se tornar uma imposição se eu não atendesse ao apelo.

E.: E externa?

P.: Não. Não sou herói. Apenas fui preso de 30 a 40 dias no 15 RI, junto com Assis Lemos e Pedro Azevedo. Um jovem vereador de sapé foi assassinado pelos militares, entre outros.

E.: Como lida com os conflitos internos e externos?

P.: Sempre lidei bem. Mas, nunca fui censurado. Eu evitava a radicalização porque não era bom nem para mim e nem para o jornal. Mas, nunca deixei de defender meu ponto de vista não. De forma muito clara. Defendia de forma aberta e nunca pressionado. Nem mesmo durante a ditadura.